

JOSÉ RUY

A ALMA LUSITANA EM QUADRINHOS

EDGARD GUIMARÃES



TEGOM

Edgard Guimarães

JOSÉ RUY

A ALMA LUSITANA EM QUADRINHOS



EGGO
EDGARD GUIMARÃES EDITORA

Marca de Fantasia
Parahyba, 2023

JOSÉ RUY

A alma lusitana em quadrinhos

Edgard Guimarães

Série Quiosque, 68. 2023. 190p.

ISBN 978-85-7999-098-4



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadefantasia@gmail.com
<https://www.marcadefantasia.com>



A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

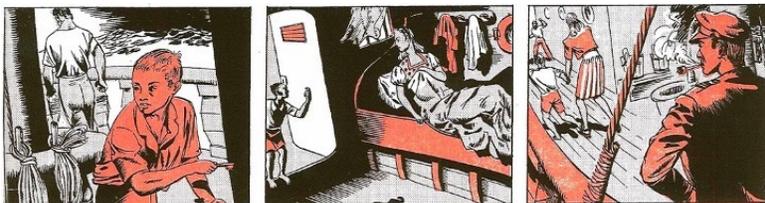
Editor/designer: Henrique Magalhães

Conselho editorial

Adriano de León - UFPB	Marcelo Bolshaw - UFRN
Alberto Pessoa - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Edgar Franco - UFG	Marina Magalhães - UFAM
Edgard Guimarães - ITA/SP	Nilton Milanez - UESB
Gazy Andraus - FAV-UFG	Paulo Ramos - UNIFESP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
José Domingos - UEPB	Waldomiro Vergueiro - USP

Imagem da capa: por Edgard Guimarães sobre arte de José Ruy

Este livro é a versão ampliada de *Mestres das Histórias em Quadrinhos* nº 6, suplemento do fanzine *QI* nº 181, de maio/junho de 2023.



Arte de José Ruy

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

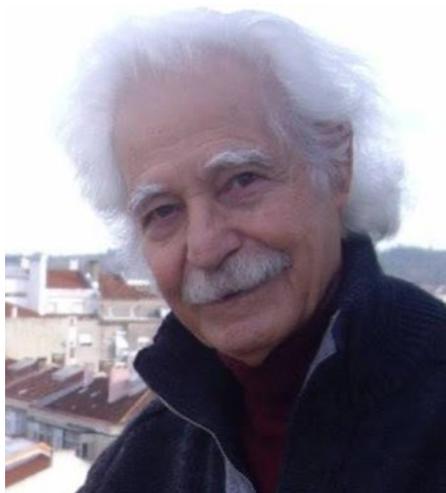


Sumário



1. Começo da longa jornada	5
2. Voos n' O Papagaio	9
3. O Mosquito zumba	19
4. Entre o inseto e o equídeo	23
5. Cavalgadas de um Cavaleiro Andante	27
6. Um novo e curto voo de Mosquito	37
7. Tintim por Tintim	39
8. Outras aspirações e aventuras	49
9. De jornais e revistas a álbuns: Meribérica e Futura	54
10. Ainda há BD em jornal	57
11. Boas notícias	62
12. Selecionando outros caminhos	67
13. Nas asas da imaginação	70
14. Novas boas notícias	79
15. Notas paralelas	82
16. Levantando a âncora	87
17. Até o último suspiro	101
18. Distinções, exposições, atuações e afins	104
19. Além de vinhetas, ilustrações	111
20. A Propósito de histórias na gaveta	132
21. História em Quadrinhos em tempo de censura	152
22. Uso de modelos vivos	155
23. Reflexões de José Ruy	159
24. Pequena fortuna crítica	175
25. Depoimentos sobre José Ruy	180
Referências	186

JOSÉ RUY



Começo da longa jornada

José Ruy Matias Pinto nasceu em 9 de maio de 1930, em Amadora. Faleceu no dia 23 de novembro de 2022, na mesma Amadora, onde vivia.

Em janeiro de 1936, quando o jornal *O Mosquito* foi lançado, José Ruy, com menos de 6 anos, já se apresentou como “leitor”. Devido ao seu entusiasmo ao receber do pai o primeiro número, ganhou uma assinatura do jornal. E teve sua foto publicada no nº 73, em junho de 1937.

Em 1937, José Ruy fez seu próprio *O Mosquito*, de apenas um exemplar, pois não tinha condições de fazer impressão de qualquer tipo. A “revista” durou até o décimo número, embora a partir do nº 5 tenha mudado o nome para *A Barata*.

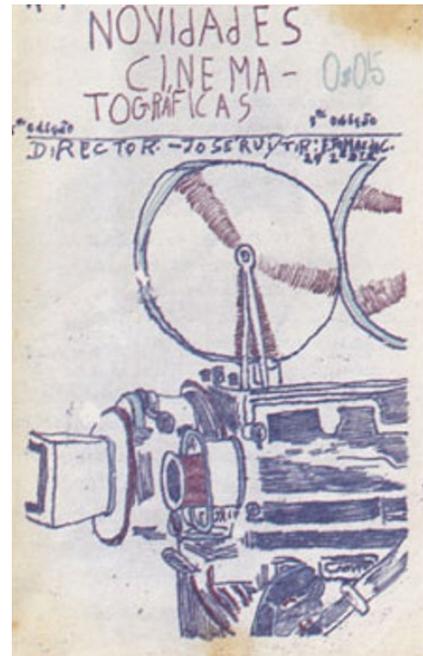
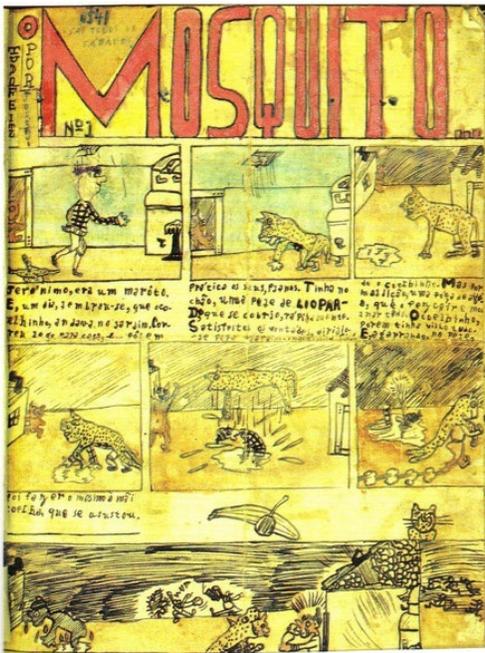
Já em 1938 produziu um jornal usando um copiógrafo, método de reprodução muito comum na época. *Novidades Cinematográficas* teve 14

números com tiragem entre 20 e 30 exemplares. Como o nome diz, não era uma publicação de histórias em quadrinhos, embora tivesse algumas.

Como José Ruy produziu muitos textos falando de sua trajetória, serão usados trechos de seus depoimentos para contar sua história.

“Em 1938, tinha eu oito anos, nos meus primeiros “fanzines”, que não se chamavam assim nessa altura, usei o copiógrafo de gelatina, e fazia o original com tintas próprias a cores, que se vendiam em frasquinhos. Havia azul escuro, vermelho e verde claro. O lápis-tinta recalcável fazia a cor roxa. O original era aposto na superfície da gelatina esfriada durante uns segundos, e depois bastava ir aplicando papel branco sobre o desenho decalcado e este ia sendo reproduzido. Permitia tirar 20 provas, e às vezes mais.”

Aos nove anos, José Ruy teve um desenho seu publicado em *A Abelha*, suplemento de *Colecção de Aventuras* nº 58. E aos dez anos, após assistir ao filme *Pinóquio*, de Walt Disney, reproduziu, de memória, a história em dezenas de pedacinhos de papel de 5x6,5cm, que foram costurados por sua mãe formando um pequeno livro, ao qual o menino acrescentou uma capa.



Esse pendor para os desenhos e publicações próprias levou seu pai a matriculá-lo, aos 11 anos, na Escola de Artes Decorativas António Arroio, optando pelo curso de habilitação em Belas Artes.

José Ruy conhecia o Diretor Artístico de *O Mosquito*, António Cardoso Lopes, que era seu vizinho e a quem já havia mostrado seus desenhos. Em 1943, Eduardo Teixeira Coelho, já com 24 anos, começou a trabalhar em *O Mosquito* e Cardoso Lopes o apresentou ao jovem José Ruy, iniciando uma amizade que duraria toda a vida. Esse e outros encontros levaram José Ruy a conhecer Rodrigues Alves, que era professor na Escola António Arroio, porém em outro curso, e a se interessar pelas artes gráficas, convencendo seu pai a transferi-lo para o Curso de Litografia da mesma escola.

“Depois, já em 1943, fiz uma revista em litografia (*O Pavão Real*, de apenas um número), processo que aprendi na Escola António Arroio, num pedaço de pedra litográfica, mas apenas com uma segunda cor a acompanhar o preto. Como o fragmento de pedra litográfica tinha apenas cerca de 20x17cm, a impressão começava pelo preto e, depois de limpa a pedra, era estampada a cor na mesma página. Seguiu-se idêntica operação para a contracapa e vinha finalmente o interior, apenas a uma cor. Os 50 exemplares editados (6 páginas) representavam 400 passagens.”

Em *O Pavão Real*, José Ruy publicou duas HQs de uma página.

– “Joe, o Manité Branco” (1p) – *O Pavão Real* nº 1 (mar/1943).

– “O Ataque do Chefe Índio” (1p) – *O Pavão Real* nº 1 (mar/1943).

Sob orientação de Eduardo Teixeira Coelho e Rodrigues Alves, José Ruy passou a praticar o desenho do natural, esboçando animais do Jardim Zoológico de Lisboa, que ficava perto de sua casa. Ao fazer, como trabalho escolar, um anúncio do Jardim Zoológico em tamanho grande, ofereceu o cartaz ao dono do Zoológico e com isso conseguiu entrada livre no parque.

No final de 1944, começou sua vida profissional.

É bom salientar que a carreira de José Ruy esteve tanto ligada às histórias

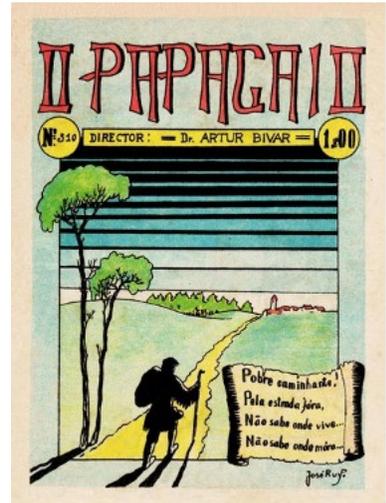
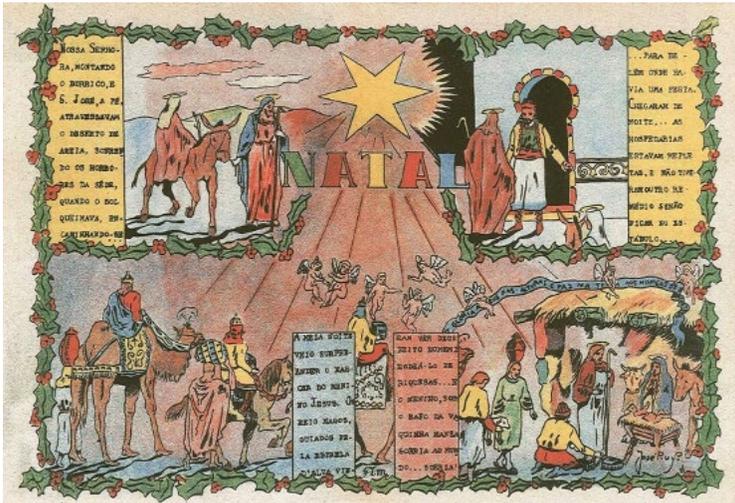
em quadrinhos, como na parte técnica nas gráficas, a separação de cores, preparação de matrizes, etc., e também no desenho publicitário, de embalagens, montagem de exposições e ilustrações de jornais, revistas e livros. Neste texto, será dada ênfase à sua produção de histórias em quadrinhos.

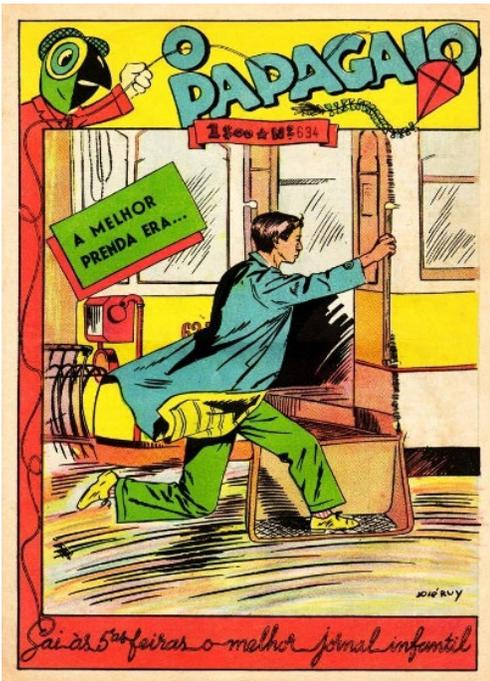
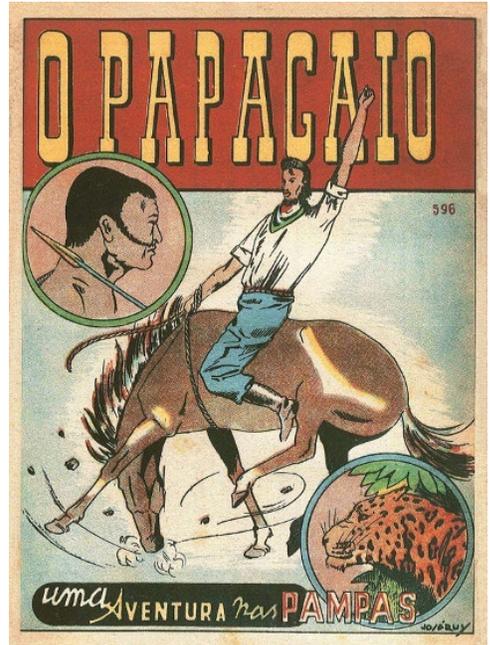
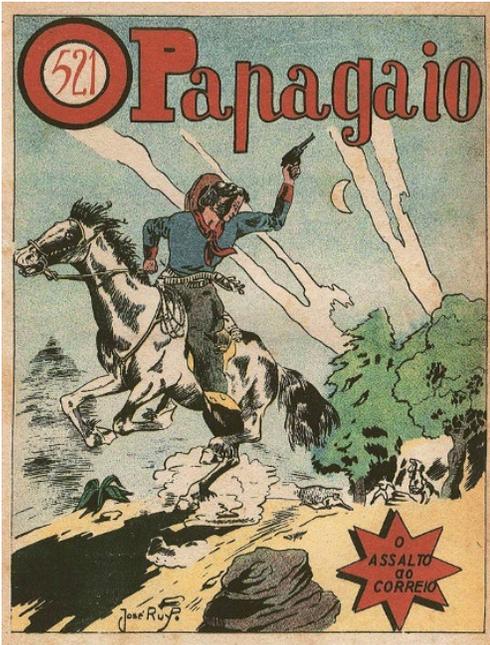


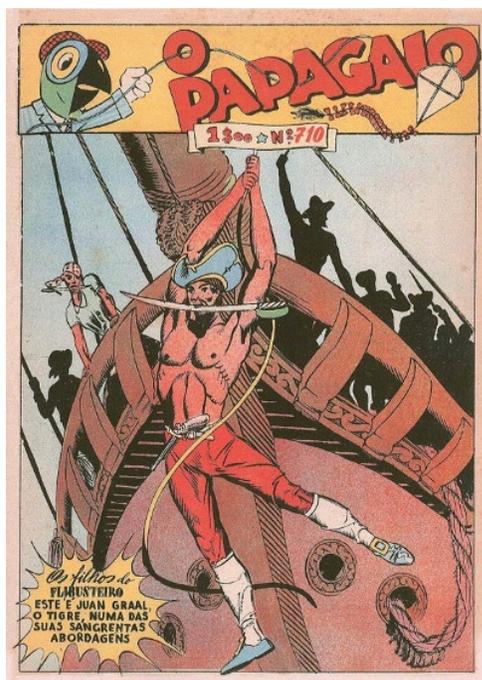
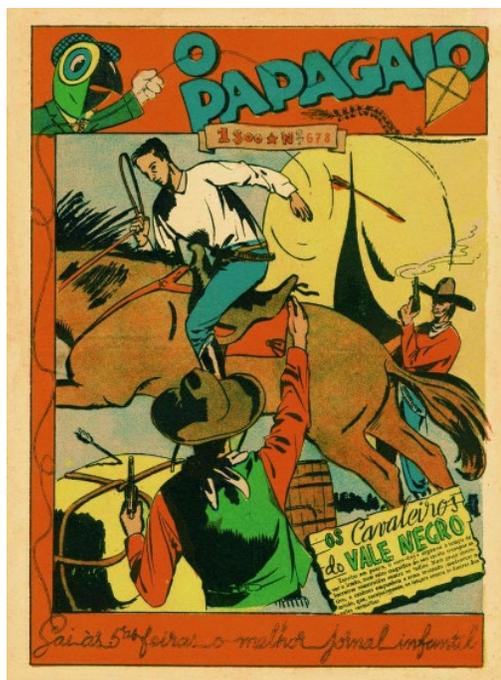
Voos n'O Papagaio

“Quando aos 14 anos, acompanhado pelo meu pai, me desloquei ao jornal *O Papagaio* a mostrar os meus desenhos, fui recebido pela chefe de redação Helena Arroyo, que gostou deles e pediu uma história para o número de Natal que estava próximo. Sugeri fazer o desenho de um presépio e ela logo destinou as páginas centrais. Corria o ano de 1944.”

José Ruy estreou no nº 506 de *O Papagaio*, de 21/12/1944. No nº 508 publicou sua primeira capa e continuou produzindo textos, ilustrações e histórias em quadrinhos até praticamente o fim da publicação, em 1951, quando já era um suplemento da revista *Flama*. Neste período, trabalhava como colaborador e produziu um número considerável de histórias em quadrinhos.







“Nesse jornal, cada um combinava fazer a história que lhe apetecia e gostava mais. Ao sabor da nossa imaginação e seguindo as tendências da época, fazíamos histórias de piratas, corsários, polícias e ladrões e aventuras no oeste americano, com lutas contra os índios, sem que alguma vez nos interpelassem nem ‘aconselhassem’ a escolher outro tema. O ambiente na redação era agradável e simpático, numa constante troca de opiniões e sugestões”.

“No início de 1948, o Roussado Pinto decidiu fazer o argumento de uma história em quadrinhos para eu ilustrar. Fiquei satisfeito, mesmo tendo que dividir o valor a receber, pois ia trabalhar numa história melhor concebida. Foi o primeiro argumentista que tive, pois os enredos eram e têm sido sempre de minha autoria, com poucas exceções. Chamou-me ‘Os Cavaleiros do Vale Negro’. Mas passamos a ter muito pouco avanço, ele fornecia-me o argumento duas semanas antes da publicação, o que me obrigava a um ritmo acelerado, para não falhar a entrega. Nessa altura já trabalhava n’O Mosquito, continuava a estudar na Escola António Arroio e esta colaboração tinha de ser feita em serões. A história ia-se desenrolando com o tempo

que o autor do texto sempre aplicou em doses certas nos seus argumentos, contos e novelas. Mas a sua relação com o Carlos Cascais começou a não ser pacífica. Brigaram e o Cascais impôs a sua posição de chefe da redação. O Roussado Pinto voltou as costas e afastou-se. Deixou ‘Os Cavaleiros do Vale Negro’ órfão de argumentista, e voltando-se para mim, disse que continuasse a história, pois tinha boas condições para isso. Sem saber o que ele imaginara para o seguimento da aventura, pois as sequências eram improvisadas à última hora, fui dando rumo aos acontecimentos”.

“Em 1949 foi-nos anunciado, aos colaboradores do jornal *O Papagaio*, de que ia haver uma fusão de publicações no Grupo Editorial Renascença Gráfica e que este jornal seria integrado como suplemento da revista *Flama*, que existia já. *O Papagaio* perdeu sua independência e passou a ser



destacável da revista e impresso só a preto e uma cor. Tínhamos menor espaço disponível na revista, por isso o aproveitamento passou a ser mais rigoroso e equilibrado. As histórias em quadrinhos foram praticamente entregues ao Vitor Silva e a mim”.

“Foi nesta fase, em que *O Papagaio* se tornou suplemento da revista *Flama*, que iniciei uma série a que chamei de ‘Lendas Japonesas’, baseada em traduções de Wenceslau de Moraes, dando largas à minha apetência pelas culturas orientais”.

L E N D A S J A P O N E S A S

Amaterasu
AMATERASU



No tempo da sua caverna, Amaterasu conseguiu o ouvir a algazarra insólita que entrava da fumaça precipitando a sua curiosidade, ainda própria do sexo, tanto numa mulher japonesa, quando no resto de fêmea.

E cada vez mais interessada, aproximou-se da entrada da caverna, olhando



o rochedo que a tapava, e estendeu a cabeça para fora, inquietada com o calor e que se estava passando de dentro. Era o momento esperado por todos... Takikuro, o deus dos longos braços, agarra o pedregal e mola ambas e arromba a entrada da caverna, surpreendendo Amaterasu, cuja



presença bastou para que o sol iluminasse toda as regiões situadas na direção da boca do seu refúgio. (continua)

Adaptação de José Ray
sobre escritos de W. de Moraes

L E N D A S J A P O N E S A S

Daimyo
DAIMYO



Certo vez, um Daimyo — senhor feudal — lembrava de experimentar um seu servo, com respeito e obediência. Para isso mandou o chamar e ordenou-lhe que fosse buscar umha coisa para levar o há — Toga — que se encontrava guardado num templo, perto de si, e de cuja presença se havia esquecido. O servo, sem um momento — saiu se ad-



rente, a hipódama dum marechal — corre ao largo da estrada, e lá, ao longe que estava fadado uma mulher, e volta novamente onde se encontra o seu amo.

— Senhor meu amantíssimo e seu amo, não parto de vida, eu humilde servo, não vou agora, e não vou mais, e não vou mais, mas quero muito saber, pois que



com um gesto, aproximava o tipo mais para nele olhar, para que o grande Japão e mundo de vossa ordem.

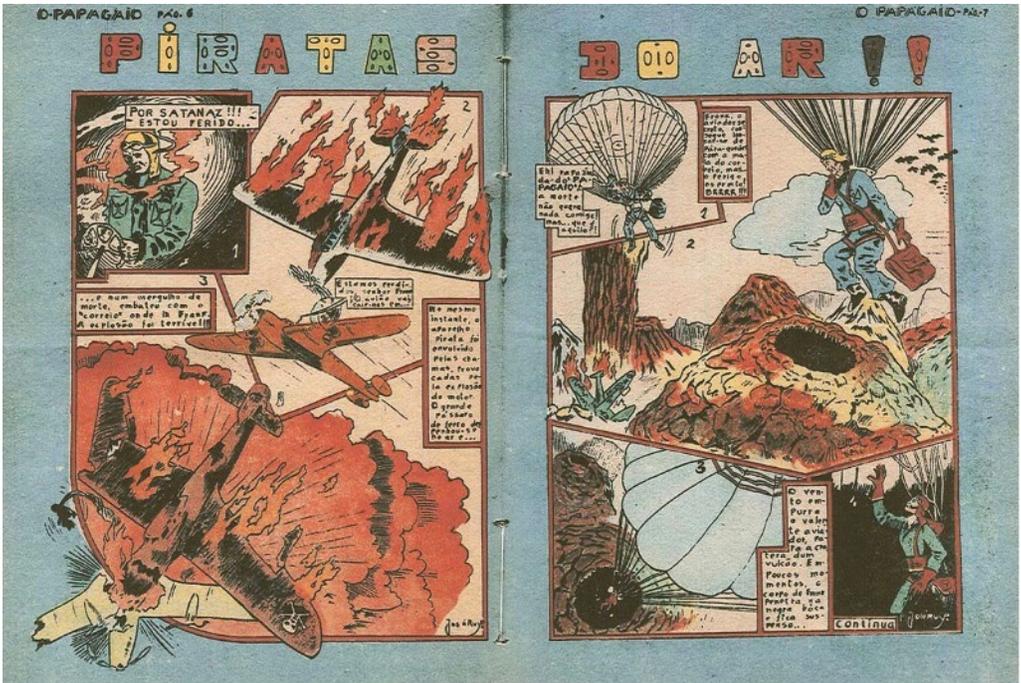
O senhor servo do preceito de respeito, tocado novamente de honra, do sangue antigo e insubordinado, consentiu o tipo senço do tipo no seu lugar no templo, na pintura ardente dum Chonai.

Ilustrações de José Ray
Texto adaptado de escritos de W. Moraes
A seguir: HIGARI JINGORO.

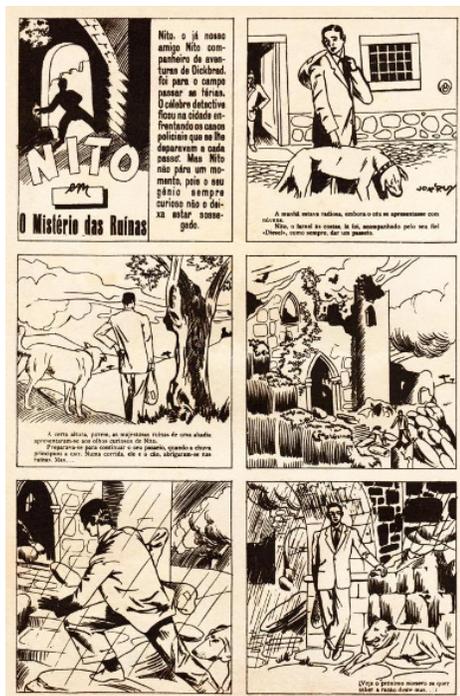
“O Mesquita dos Santos, dono da UPI, União Portuguesa de Imprensa, abordou-me por causa destas “Lendas Japonesas”. Sabendo que eram feitas zincogravuras para a impressão, e que estas depois da publicação ficavam postas à parte, pois a revista não iria repetir as histórias, avançou com uma proposta singular. Eu passaria a fazer os desenhos para a agência que me pagava o mesmo que a *Flama*, e a UPI encarregava-se de fazer as gravuras e cedê-las à revista por um preço simbólico. Depois da impressão, as gravuras seriam devolvidas à agência. A partir dessas gravuras, a UPI fazia ‘flans’ ou moldes num material especial, muito leve. Derretendo chumbo sobre esse molde conseguia-se o equivalente à gravura original, numa operação chamada de estereotipia. Os ‘flans’, devido a sua leveza, podiam ser enviados pelo correio com portes acessíveis, para jornais de África, por exemplo, destinados a novas publicações. No destino, depois de feita a estereotipia, podiam inserir as ilustrações nas revistas e livros. Nos anos 1940 a tipografia era o processo mais usado nessas paragens. Eu receberia 50% do que cada jornal pagasse. Era uma novidade, pois pela primeira vez este tipo de operação se fazia em Portugal relativamente a histórias em quadrinhos nacionais”.

“Foi com o semblante fechado que o Carlos Cascais, num dia triste, no início de 1951, nos transmitiu uma notícia que recebera da administração: tinham decidido acabar com o suplemento infantil – *O Papagaio*. Achariam que não se justificava mantê-lo pois não tinham qualquer indício de interesse vindo do público”.

- “Natal” (2p) – *O Papagaio* nº 506 (dez/1944).
- “O Tigre – Uma Caçada na Selva” (1p) – *O Papagaio* nº 508 (jan/1945).
- “O Gnomo do Bosque” (2p) – *O Papagaio* nº 510 (jan/1945).
- “Piratas do Ar!” (6p) – *O Papagaio* nºs 511 a 516 (jan/mar/1945).
- “Como se Caçam Elefantes” (2p) – *O Papagaio* nº 512 (fev/1945).
- “Uma Aventura nos Pampas” (5p) – *O Papagaio* nºs 596 a 600 (set/out/1946).



- “Na África Setentrional” (6p) – *O Papagaio* nºs 607 a 613 (nov/1946/ jan/1947).
- “O Lago e a Fonte” (2p) – *O Papagaio* nº 613 (jan/1947).
- “Um Caso de Contrabando” (12p) – *O Papagaio* nºs 629 a 640 (mai/ jul/1947).
- “A Erva de Guaraná” (5p) – *O Papagaio* nºs 629 a 633 (mai/1947).
- “Dickbrad – O Mistério do Tapa-Bicos” (2p) – *O Papagaio* nº 635 (jun/1947). Republicada em: – *Almada B.D. Fanzine* nº 7 (nov/1991).
- “Dickbrad – O ‘Ressuscitado’” (2p) – *O Papagaio* nºs 638 e 639 (jul/1947).
- “Tragédia em África” (19p) – *O Papagaio* nºs 641 a 659 (jul/nov/1947).
- “Dickbrad em Férias” (2p) – *O Papagaio* nºs 642 e 643 (jul/ago/1947). Republicada em: – *Almada B.D. Fanzine* nº 7 (nov/1991).
- “Nito – O Mistério das Ruínas” (3p) – *O Papagaio* nºs 660 a 662 (dez/1947). Republicada em: – *Almada B.D. Fanzine* nº 7 (nov/1991).
- “Os Cavaleiros do Vale Negro” (17p) – des. – *O Papagaio* nºs 665 a 681 (jan/abr/1948).



- “Perigo na Selva” (4p) – *O Papagaio* n^os 675 a 678 (mar/abr/1948).
- “Homens do Mar” (39p) – des. – *O Papagaio* n^os 682 a 722 (mai/1948/ fev/1949) – continuou em *Flama* n^o 58.
- “Homens do Mar” (6p) – des. – *Flama* n^os 58 a 63 (mar/mai/1949) – continuação de *O Papagaio*.
- “A Bravura de Chico” (3p) – *Flama* n^os 64 a 66 (mai/jun/1949).
- “Nito e Cartucho – Raptadores” (13p) – *Flama* n^os 67 a 79 (jun/set/1949).
- “Reportagem Inesperada” (6p) – *Flama* n^os 80 a 85 (set/out/1949).
- “Lendas Japonesas – Amaterasu, Deusa da Luz do Sol” (4 tiras) – *Flama* n^os 86 a 89 (out/nov/1949).
- “Lendas Japonesas – Daymiô Fú, O Senhor e o Tigre” (1 tira) – *Flama* n^o 90 (nov/1949).
- “Lendas Japonesas – Hidari Jingorô, O Artista Canhoto” (4 tiras) – *Flama* n^os 91 a 94 (dez/1949).
- “Lendas Japonesas – Bokuden” (3 tiras) – *Flama* n^os 95 a 97 (dez/1949/ jan/1950).



Está precisamente ao chegar a curva da estrada que o velho se dirige à cidade, montado no seu cavalo, que Chico avista e corre que se aproximava no sentido. Era um rapaz de boa idade, talvez, mais velho...



... não à maneira do alibidi, que se marichea morto. Chico saltou imediatamente do cavalo, e cuidadosamente, usou-o e outro, que não tendeu um vulto a si. — Foi abençoado com um homem! — balbuciou o...



rapaz, ainda não o efeito de profundo desamor — e redobram-me a coragem. — Chico ressegura-o, ajudando-o a encostar-se a um alvarado que estava à sombra do estremo. Então o velho...



... não contou que era um rapazinho que havia sido preso no se hácio para um local aligeiro ligava afastadas de longe para. Mas os ladões tinham fugido com o animal. Chico pediu ao velho dos cavalheiros, e depois de ligar a cabeça de vespante que apresentava si-



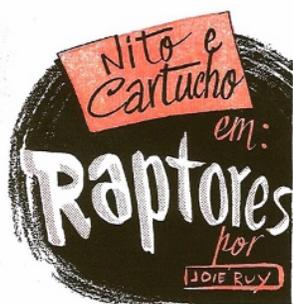
gato arranhado, remete de novo no seu cavalo e lançou um olhar pela estrada, para o ponto onde julgava poderiam ter escapado os dois ladões. Um galopante disse, um homem de mau aspecto ofereceu-se no caminho, embargando o passageiro.



... Ah! Salto já de bicho, que ex e se mais camponeses gritavam de muito medo. Chico não se moveu, mas recebeu no homem um dos golpes que o momento lhe desceram. O bandido parou lá, mas entre os dentes. (Continua)

– “Lendas Japonesas – Ninguyo, A Sereia” (7 tiras) – *Flama* nºs 98 a 104 (jan/mar/1950).

– “Lendas Japonesas – Yamabushi e a Serpente” (5p) – *Flama* nºs 118 a 122 (jun/jul/1950). Republicada em: – *Cadernos de Banda Desenhada* nº 1 (jan/1987).



... Porém, quando Cartucho se preparava para atravessar o convés central, direito à cabine onde se devia encontrar a prisioneira dos Raptos, teve que, dum pulo, esconder-se atrás do mastro de mezena. É que a porta da cabine, encontrava-se um marinheiro de



guarda, um calosso que seria impossível derrubar, pelo menos sem ruído. Mas habituado a resolver os seus problemas sozinho, o valente miúdo saiu ao encontro do guarda, e disse-lhe, no calma mais aparente que pôde arranjar: — Olhe! o capitão chama-o. Diz



que já não preciso de estar de guarda à rapariga. O marinheiro, que sabia ser segredo o caso de terem uma rapariga prisioneira a bordo, contou, pelo facto do miúdo o mencioner, e atostou-se, em direcção à cabine do capitão. Então, ligeiro e silencioso, Cartucho enfiou e chave na fechadura e abriu a porta. Depois, debruçando-se para dentro, exclamou: psst!



Menino! venha cá e não grite... vamos salvá-lo... Com o efeito, dum beliche situado a bordo um rosto feminino apareceu entre um molho de roupas, a inquirir de que se tratava. Rápidamente, vestiu um casaco, o pélo mão de Cartucho, correu para o porto onde Nito se encontrava, tendo já feito descer o escal para a água, estando no entanto preso pelos ca-



bois, para não se afastar. Porém, nenhum dos três ouviu, a alguns metros de distância, o vulto possente do capitão, que presenciava a cena, como que atontado e que se lhe passava...

a seguir: LUTA

– “Lendas Japonesas – Os Gatos do Pequeno Bonzo” (11p) – *Flama* n^os 123 a 133 (jul/set/1950). Republicada em: – *Cadernos de Banda Desenhada* n^o 1 (jan/1987).

– “Lendas Japonesas – Os Diabos da Floresta” (10p) – *Flama* n^os 134 a 143 (set/dez/1950).

– “Lendas Japonesas – Hurashima, o Pescador” (6p) – *Flama* n^os 144 a 149 (dez/1950/jan/1951). Republicada em: – *Cadernos de Banda Desenhada* n^o 1 (jan/1987).



«Ventinha» foi arrastado por algum tempo pelo diabo que galopava vertiginosamente, obrigando-o a ginásticas perigosas, para manter o equilíbrio. Porém, a certa altura, um tronco de sobreiro que a



invenia passada detrubara, atravessou-se à frente do animal que, sem hesitações, o patipos de um salto, «Ventinha» foi cuspido do dorso do cavalo, e depois de ter descrito algumas piruetas no ar foi cair



sobre uma moita de arbustos que lhe amorteceu o embate. Meio atordoado, agarrou-se nos joelhos olhando em volta, cheio de folhas e pó, com a roupa rasgada em vários sítios. É o que viu seguir



esquecer o sofrimento físico: A algumas dezenas de metros adiante, no fim duma pequena ladeira por onde o cavalo galopava ainda, encontrava-se a manada dos dois campinos e os dois ciganos, que acompanhavam junto dos animais. Um deles, porém, havia visto o nosso herói, e tê-lo-ia alvejado com a espin-



garda que empunhava, se o companheiro, que olhava para outra direcção, o não advertisse da aproximação de dois cavaleiros empunhando varapaus. Eram os dois campinos, que, tendo seguido a pista dos animais, haviam também dado com o acampamento dos ladrões. Então o cigano que se encontrava ar-



gado visou um dos nossos heróis, preparando-se para disparar. Que acontecerá aos dois campinos? Terá «Ventinha», impotente, de assistir à morte dos seus amigos de ocasião?

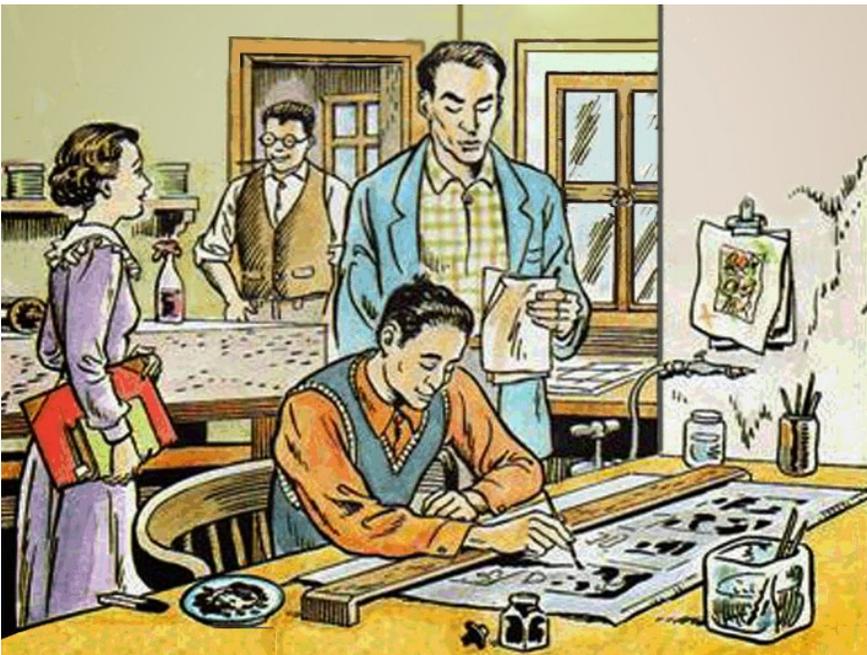
(Conclui no próximo número)

3

O Mosquito zumba

Em 1947, José Ruy, embora ainda colaborasse com *O Papagaio*, começou a trabalhar no jornal *O Mosquito* na atividade de separação de cores em litografia, na legendagem e também na parte artística.

“Ao fim da tarde normalmente começavam a chegar à redação os colaboradores e outros amigos do Tiotónio (António Cardoso Lopes), como o Eduardo Teixeira Coelho, Stuart Carvalhais, José Padiña, Pintéus de Sousa, o Capitão Baptista Rosa, o Santos Fernandes, o António Velez, o Manuel Mesquita dos Santos, os irmãos do Tiotónio, a irmã, Mariana Cardoso Lopes, a Tia Nita, diretora de *A Formiga*, suplemento de *O Mosquito*. A reunião dava-se na sala onde eu selecionava as cores. Nessas tardes falava-se de



Tia Nita, Tiotónio, José Ruy e Eduardo Teixeira Coelho

tudo, de arte, das novas histórias em quadrinhos de origem norte-americana e francesa, dos acontecimentos recentes, das novidades, de política, e de anedotas, algumas verdadeiras que estavam sempre a acontecer a cada um deles. Eu precisava de estar concentrado na seleção das cores mas ia ouvindo deliciando-me. Só quando terminava as chapas podia participar. Eram todos muito simpáticos e tratavam-me de igual, partilhando as conversas. Pois este era o ambiente da redação de *O Mosquito*, nos anos em que lá trabalhei, que para mim foram anos de ouro. Sob o aspecto cultural, claro”.

Em abril de 1949, com a separação dos sócios do jornal, Raul Correia e António Cardoso Lopes, o primeiro ficou com o título e o segundo com a gráfica. Assim, a impressão passou a ser feita em outro local. José Ruy continuou colaborando com o jornal com textos e ilustrações. Também colaborou na parte gráfica de um novo jornal que Tiotónio tentou lançar, *O Gafanhoto*, mas que não teve êxito. Entre outros serviços que a gráfica fez, destaca-se a impressão de *Camarada*, outra revista de quadrinhos, na qual José Ruy também trabalhou na separação de cores. A revista acabou no início de 1951. Em *O Mosquito*, José Ruy publicou apenas uma história em quadrinhos, “O Reino Proibido”, em 1952. Segundo seu depoimento, sua participação na redação do jornal *O Mosquito* condicionou toda sua carreira futura, desde o aprendizado na feitura do jornal, no desenvolvimento de seus desenhos, nos afazeres técnicos da oficina, na relação de amizade, em especial com a família Cardoso Lopes e com Eduardo Teixeira Coelho.

– “O Reino Proibido” (28p) – *O Mosquito* n^{os} 1335 a 1360, 1385 e 1386 (abr/nov/1952). Nova versão publicada em: – *Cadernos Sobre a BD* n^o 13 (1998).

às **QUARTAS e SÁBADOS**

O Mosquito

O JORNAL JUVENIL PORTUGUÊS DE MAIOR TIRAGEM

ASSINATURAS: 10 BREVÊS, 10000—14 BREVÊS, 20000—48 BREVÊS, 80000
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LUGO TRINDADE LOPES, 6, 7, LISBOA—TEL. 27887
 Responsável: Dr. J. Gonçalves. Impressão: Imprensa Nacional, Lisboa

1 ESCUDO
 7 de Maio de 1952
 Nº 1335 de An. 1952

O Reino proibido

JOSÉ RIBEIRO

O MOSQUITO

O REINO PROIBIDO

...o velho branceteiro, ao cruzar o rio para a terra de trás e apanhar definitivamente as hipopótamos que pertenciam ao grupo do capitão Duarte. Alguns minutos de espera...

...do que foi imediatamente agitado pelo ruído das águas. Mas, embora mais cuidadoso, estava convencido que uma agulhada rapidamente, as hipopótamos não tinham qualquer...

...conhecendo o rio. E a certa altura um leão se aproximou por dois dias que estava adivinhado e estratagem para a frente do grupo de laranças imensas que saía...

...mas também. Este foi o fim da luta, pois os outros estavam mergulhados logo em busca de uma presa fácil e a água subvertente ligava para a margem. Lá fora das perseguições, o rio...

...das duas praias costeiras a sua grande as águas. Desentrou das águas e mergulhou, mas que outro facilmente queresse e certo sempre ali da jornada ao longo do rio...

...como as águas. Por fim, ao fim de mais de uma semana de viagem — atravessando de norte a sul — de mais alguns quilómetros de dia — o fugitivo alcançou a região das cachoeiras...

às **QUARTAS e SÁBADOS**

BI-SEMANÁRIO JUVENIL

O Mosquito

DIRECTORES: RAUL CORREIA E ANTONIO HOMER CRISTO
 EDITOR: ANTONIO HOMER CRISTO PROPRIETÁRIO: RAUL CORREIA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Lugo Trindade Lopes, 6 e 7, Tel. 27887 LISBOA
 Comp. e Imp. BEYRARD JORNALISTAS, Rua de Conde de Rio, 7, LISBOA

1347

1 ESCUDO

LISBOA, 21 DE MAIO DE 1952 ANO XVI

O REINO PROIBIDO

O REINO PROIBIDO

...Ao romper da manhã, ou porque a fome os não deixasse demasiadamente, ou porque sentissem por instinto que a presa não era fácil...

...os leões afastaram-se do acampamento. Foi então que Cochama, o guia, se aproximou do caçador, dizendo: — «Massa! Nós ter pouca comida!»

Rui Gomes empunhou a sua carabina carregada com balas explosivas e, fazendo sinal a dois carregadores para que o seguissem, afastou-se...

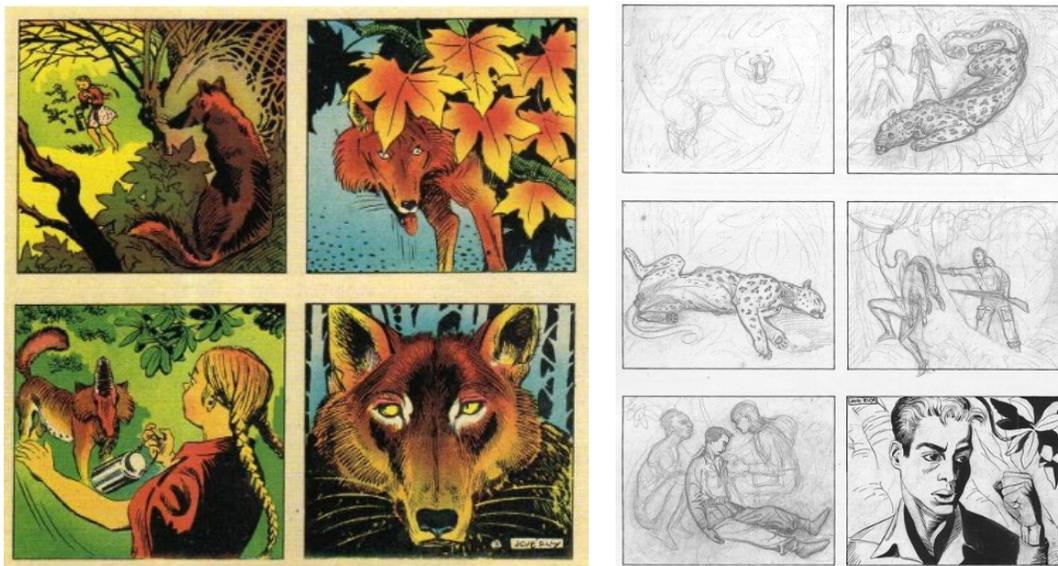
...na direcção da floresta próxima. Tratava-se de renovar as provisões do grupo, e não de qualquer espécie de caçada desportiva. Por isso, talvez...

...a atenção do caçador se fixava no terreno, e por isso não viu um leopardo que o espreitava do alto de um tronco. De súbito, numa clareira...

...surgiu na frente de Rui Gomes o vulto enorme de um búfalo. Num impulso feroz, baixando a poderosa cabeça, o animal investiu imediatamente...

(Continua)

No início da década de 1950, José Ruy partilhou um atelier com Eduardo Teixeira Coelho, a quem sempre considerou seu mestre e amigo, onde trabalhavam com desenvolvimento de embalagens, logotipos e peças de comunicação publicitária. Em 1947, José Ruy já havia participado, junto com colegas da escola, da equipe artística do Cortejo Histórico de Lisboa, sob orientação de Domingos Saraiva e Eduardo Teixeira Coelho, com quem fez outros trabalhos de decoração nos anos seguintes. No final de 1952, José Ruy e Eduardo Teixeira Coelho estiveram envolvidos na organização da primeira exposição de História em Quadrinhos de Portugal, no Palácio da Independência. Participaram com extratos de suas histórias “Gizela” e “O Caminho do Oriente”. A litografia a quatro cores foi de responsabilidade de José Ruy. Esta história “Gizela” foi feita tomando como modelo a menina austríaca Edil Traude, que morou, depois da guerra, durante três anos na casa dos pais de José Ruy, que a receberam através da Caritas Internacional. Como mencionado, a história teve partes coloridas e expostas no Palácio da Independência, mas só foi publicada, em preto e branco, muito mais tarde, em 1982.



Página colorida de “Gizela” e página feita para a exposição mostrando as etapas de confecção de uma HQ

Entre o inseto e o equídeo

“O meu primeiro contato com a redação de *Cavaleiro Andante* foi um pouco estranho. Estava a elaborar uma história que destinava para *O Mosquito*, uma aventura passada em África, sobre um caçador em situações de perigo com tribos aguerridas, quando o *Diário de Notícias* lançou o *Cavaleiro Andante*, em janeiro de 1952. Após alguns números publicados, o seu diretor, Adolfo Simões Müller, dirigiu no jornal um apelo aos jovens que tivessem alguma habilidade para o desenho que enviassem as suas histórias pois teriam a possibilidade de serem aceites como colaboradores. O Teixeira Coelho, com quem nessa altura partilhava um dos vários ateliers que tivemos em conjunto, alvitrou-me que fosse ao novo jornal mostrar o trabalho, que ele achava já com nível. Além disso ali poderiam pagar melhor a colaboração do que n’*O Mosquito*, e teria mais projeção”.

“Enrolei três pranchas e levei à redação do *Cavaleiro Andante* e deixei-as à secretária de Adolfo Simões Müller. Passadas duas semanas, resolvi lá voltar. Reparei que o rolo estava no mesmo sítio em que o deixara. Trouxe comigo a história, sem vontade de lá voltar”.

“Também o E. T. Coelho achou estranho esse desinteresse e o destino da história foi mesmo *O Mosquito*. Chamei-lhe “O Reino Proibido”. O Raul Correia ficou satisfeito e fiquei também a fazer capas sobre outras histórias que o jornal publicava. O Coelho, nessa altura, estava ocupado a fazer publicidade, capas de livros e desenhos para o jornal *O Século*. Deixara um vazio no velho *O Mosquito*. O meu papel foi, modestamente, preencher essa lacuna”.

“Neste ano de 1952, trabalhava já em publicidade no atelier do Manoel Rodrigues. Fazíamos de tudo, desde embalagens, logotipos, montras e organização de exposições para organismos e empresas. Nos serões livres

continuava a desenhar “O Reino Proibido”, numa cadência de duas páginas semanais, e mais as capas que o Raul Correia me pedia. De repente, surgiu-nos a encomenda de uma grande exposição em Coimbra. Lá não tinha condições para fazer as pranchas para *O Mosquito*”.



José Ruy e seus colegas do atelier de Manoel Rodrigues

“Como mantinha o avanço de algumas semanas, calculei que isso me daria tempo até acabarmos a exposição e regressarmos a Lisboa, sem falhar a publicação. A história ia já em 26 páginas e o seu desfecho aproximava-se do fim. Em Coimbra, depois de feita a inauguração, pensávamos em regressar ao atelier, quando nos convidaram para outro trabalho e tivemos que ficar em Coimbra mais uma semana. Na altura, não havia a facilidade de comunicações que existe hoje e limitei-me a escrever um postal ao Raul Correia, a preveni-lo. Escreveu no jornal que ‘devido a doença do nosso colaborador...’, como justificativa da ausência das páginas. Regressamos finalmente a Lisboa, mas havia trabalhos atrasados no atelier. Havia já umas semanas que *O Mosquito* não

publicava a história, mas como a publicação era bissemanal, as falhas foram a dobrar. Apressei-me a fazer duas pranchas para finalizar a história”.

A história “O Reino Proibido” teve 26 páginas publicadas nos nºs 1335 a 1360 de *O Mosquito*, entre abril e julho de 1952. As duas últimas páginas só saíram nos nº 1385 e 1386, em novembro. Também apareceu em 18 capas neste período. A revista *O Mosquito* durou pouco tempo mais, encerrando em fevereiro de 1953.

“O Eduardo Teixeira Coelho voltara a colaborar nas páginas do jornal, com uma das suas melhores fases, ilustrando os contos de Eça de Queirós. No nº 1388, iniciou ele o “São Cristóvão”, que ficaria incompleto pela interrupção da publicação, ao fim de dezassete anos de vida, não conseguindo resistir à poderosa concorrência do *Cavaleiro Andante* e do *Mundo de Aventuras*. Faltou-lhe o ‘dedo mágico’ do Tiotónio para reverter a situação, mas este encontrava-se no Brasil, em outras atividades”.

Na mesma época, José Ruy foi convidado a ingressar na equipe de rotogravura do conceituado *Diário de Notícias*. Aí ficou durante seis anos.

Em 1954, José Ruy casou-se com Maria Fernanda, que chegou a auxiliá-lo algumas vezes, como na adaptação do romance *Ubirajara*, em 1956.



Casamento de José Ruy e Maria Fernanda.
À direita, o casal Gilda e Eduardo Teixeira Coelho

A situação política e social de Portugal acabou levando grandes nomes da banda desenhada portuguesa, como Eduardo Teixeira Coelho, Jayme Cortez e Vitor Péon, todos figuras de destaque de *O Mosquito*, a saírem do país. José Ruy, tendo ficado em Portugal, teve seu trabalho futuro marcado pelos condicionantes da época. Nos anos 1950, período em que trabalhou em *Cavaleiro Andante*, muitas de suas histórias são inspiradas em personagens e episódios históricos de Portugal ou adaptações de romances. Essa temática se manteve em seus trabalhos futuros, com uma vasta produção de álbuns tratando da história local ou de biografias de figuras ilustres de um passado recente. Embora a glorificação das figuras do passado fosse uma das marcas do salazarismo, José Ruy tinha pouca simpatia pelo Estado Novo. Um de seus poucos trabalhos fora da linha histórica, “Os Lusitansos”, publicado no jornal *A Capital*, em 1972, conseguiu escapar da censura vigente, embora fosse uma crítica ao regime.

Cavalgadas de um Cavaleiro Andante

“Fui convidado a fazer parte da equipa de uma revista semanal de atualidades e notícias, ainda em preparação, *A Esfera*, edição do *Diário de Notícias*. Pretendia ser um contraponto ao *Século Ilustrado*. A minha função era desenhar cabeçalhos, ilustrações e arranjos gráficos. O Teixeira Coelho foi convidado como grande desenhista de fundo”.

“A minha adaptação ao novo processo de rotogravura no *Diário de Notícias* foi rápida. Fiquei com a categoria de oficial montador e retocador de offset e rotogravura. Aproveitava todos os intervalos, entre o terminar de um trabalho e o início do seguinte, para desenhar colegas e máquinas. O Rodrigo entrou no *Diário de Notícias* como meu aprendiz. Acabamos por nos tornar bons companheiros de trabalho. Em 1954, iniciei a minha colaboração com histórias em quadrinhos num número especial de *Cavaleiro Andante* (que era publicado pela mesma empresa que o *Diário de Notícias*) com a vida de Gutenberg. Rodrigo foi o modelo para esta personagem, quando jovem”.

“Passados 22 anos, em 1976, o meu amigo Jorge Magalhães republicou a história de Gutenberg numa edição de *Mundo de Aventuras Especial*. Mas como então eu passara a compreender a vantagem de incluir balões com legendas, para uma melhor dinamização da narrativa, alterei o aspecto das páginas. Passei a escrever as legendas manualmente, o que também prefiro, para que o texto tenha uma maior ligação com o desenho”.

“Exercia já funções no departamento gráfico, quando numa manhã entrou na secção o Dr. José Gonçalves, dono principal do jornal e grande entusiasta das Histórias em Quadrinhos, impulsor das publicações infanto-juvenis da empresa, principalmente de *Cavaleiro Andante*. Nessa

altura encontrava-me a fazer histórias ilustradas nas edições Fomento de Publicações (*Titã e Flecha*) e o José Gonçalves quando me viu perguntou-me à queima-roupa por que razão estava a fazer desenhos para a concorrência e não para o *Cavaleiro Andante*, sendo funcionário da casa. Não podia dizer que a minha colaboração não tinha tido interesse da parte da direção do jornal e ocorreu-me uma maneira airosa de sair da situação: o Fomento pagava por prancha 250 escudos enquanto o *Cavaleiro Andante* pagava 200 escudos. O José Gonçalves retorquiu se era só por isso e me pagassem o mesmo, estaria disponível para colaborar no jornal. Retorqui que sim, e então respondeu-me que mais tarde passasse pela redação do *Cavaleiro Andante*”.

“No início de 1956, comecei a colaborar na revista semanal *Cavaleiro Andante*, sem interrupção, até meados de 1959. Foi com a adaptação, feita por Maria Fernanda, do romance *Ubirajara*, de José de Alencar. Há a assinalar aqui uma curiosidade. O original da capa de *Cavaleiro Andante* n.º 220, a anunciar a história que se desenrolava no seu interior, na altura desapareceu na oficina. Era comum não ligarmos aos desenhos originais das histórias, pois não pensávamos poder utilizá-los uma segunda vez. Este original apareceu recentemente, num anúncio de uma galeria de Paris, à venda por 400 euros”.

“Muito mais tarde, em 1982, e também pelas mãos do Jorge Magalhães, a Editorial Futura publicou esta história em livro e realizei uma pintura para a nova capa”.

“Depois que publiquei na revista *Cavaleiro Andante* o romance de José de Alencar, fiz “A Mensagem”, uma história passada na Península Ibérica no tempo do General romano Cipião, numa guerra entre os lusitanos que se defendiam do invasor, tendo por aliados os cartagineses. Nessa altura fui vítima de minha própria escrita”.

“Quando fiz os textos, que na altura era norma da revista serem compostos tipograficamente, estes ocuparam mais espaço do que eu previra, e quando na redação colaram as legendas sobre os originais, atingiam o desenho. E eu que critiquei n’*O Mosquito* os cortes feitos aos desenhos de

Eduardo Teixeira Coelho, tinha agora os meus cortados pelo meu próprio texto. Nesse período fui fazendo, a pedido da redação, algumas capas alusivas a outras histórias de origem estrangeira”.

“Entretanto surgira o Fomento de Publicações onde o Roussado Pinto exercia a sua mestria na orientação dessa nova editora. Lançaram *Titã*, *Flecha* e outras publicações. Convidaram-me a fazer ilustrações para novelas e também uma história em quadrinhos. Tinha no meu arquivo um jornal de 1955 com uma notícia da agência France Press (“Mais de 5.000 elefantes avançam no Kenia”) que me deu o tema para a aventura, intitulada “Na Pista dos Elefantes”. Fui desenhando a história paralelamente com a colaboração que mantinha no *Cavaleiro Andante*, por isso avançava mais devagar. Quando estava quase pronta, o jornal fechou. E resolvi publicá-la no *Cavaleiro Andante*”.

“Esta história também foi muito mais tarde republicada em *Mundo de Aventuras*, com balões que nessa altura incluí. Ao terminar a publicação de “Na Pista dos Elefantes”, era preciso pensar na história que iria fazer a seguir. Achei que o romance *O Bobo* de Alexandre Herculano daria uma HQ empolgante, passada numa época histórica do meu agrado: o princípio da nossa nacionalidade”.

“Quando estava a terminar a publicação de “O Bobo”, o Simões Müller perguntou-me o que pensava fazer a seguir. Tinha entretanto descoberto a “Peregrinação” através do Teixeira Coelho que até já a havia iniciado em HQ. O Coelho, antes de partir para a França, sugeriu-me que fizesse essa história, pois ele não a ia continuar. Depois de ler esse original fiquei apaixonado, por isso disse ao Müller que era essa a história seguinte. Ele torceu o nariz, Fernão Mendes Pinto confessava em seus escritos ter sido pirata... Fui argumentando com o Müller que se tratava de uma história com empolgantes aventuras, episódios históricos e até de heroísmo em locais exóticos. Anuiu por fim, depois de lhe mostrar algumas pranchas que havia já adiantado. Essa adaptação estendeu-se por 75 semanas, e as reações que chegaram à redação foram todas positivas”.

“Claro que tive o cuidado de construir a personagem sem barba, para se afastar o mais possível do aspecto do “pirata padrão, barbudo e com pala no olho”, que o cinema na altura nos mostrava e através das séries inglesas em quadrinhos. Talvez por isso a censura não me tenha incomodado, embora o Fernão Mendes Pinto fosse considerado pelos mentores dos bons costumes da época um escritor maldito”.

“Vinte e dois anos depois viria a reformular essas pranchas para publicação em livro (pela editora Meribérica), inserindo balões nas vinhetas, conseguindo assim um maior dinamismo na narrativa”.

José Ruy publicou outras histórias curtas nas edições especiais de *Cavaleiro Andante*.

– “Gutenberg” (12p) – *Cavaleiro Andante Especial* (out/1954). Republicada com modificações em: – *Mundo de Aventuras Especial* nº 13 (dez/1976); – *Antologia da BD Portuguesa* nº 1 (1982) – Futura.

– “De Gutenberg aos Nossos Dias” (1p) – *Cavaleiro Andante Especial* (out/1954).

– “Ubirajara” (20p) – des. – *Cavaleiro Andante* nºs 210 a 229 (jan/mai/1956). Republicada em: – *Antologia da BD Portuguesa* nº 1 – álbum – Futura (1982).

– “A Mensagem” (13p) – *Cavaleiro Andante* nºs 231 a 243 (jul/ago/1956). Republicada em: – *Antologia da BD Portuguesa* nº 1 – álbum – Futura (1982); – *Mundo de Aventuras* (2ª s.) nºs 364 e 365 (out/1980).

– “Na Pista dos Elefantes” (5p) – *Cavaleiro Andante* nºs 244 a 248 (set/1956). Republicada em: – *Antologia da BD Portuguesa* nº 1 – álbum – Futura (1982). Republicada com modificações, em 9 páginas, em: – *Seleções do Mundo de Aventuras* nº 211 (mar/1979).

Gutenberg

Esta é a história de Hans Gensfleisch de Strassburg (Gutenberg) que descobriu a imprensa. Estamos em Maguncia, no ano de 1450...

Um cavaleiro, quando ao galope veio da sua montaria, trouxe ao portão da propriedade dos Gutenberg...

APESAR DAS MÁS NOTÍCIAS DO RECEBIMENTO, GUTENBERG NÃO PERDEU A CALMA. OS POPULARES NUNCA SE VOLTARAM CONTRA OS NOBRES. GUTENBERG FITOU O AMIGO E MOURMUROU: — QUANDO O POVO PUDE LER E ESTUDAR AS OBRAS QUE EU E OUTROS NOBRES POSSUAMOS, A HOMENAGEM DEVEVA DAR UM GRANDE PASSO!

...a demonstração feita à grande casa, sempre por ela, encorajando todo o laico, em procura de Hans, que estava na biblioteca.

Hans foi interrompido pelo tumulto das revoltosas que já salivavam nas nuvens. Então...

DE GUTENBERG AOS NOSSOS DIAS

Pressa de José Arnan, um professor de Gutenberg, no século XVI. A carta pouco evoluiu, pois dois séculos mais tarde a composição manual persistia.

1

2

3

4

5

6

Última palavra deste gênero de máquinas: A Linotype. Quanto ao desmontagem do processo de impressão, e ainda a sua simetria que deviam o modelo da grande máquina, Koenig e Bauer experimentaram a descoberta, pela primeira vez em Londres, em 1814, para imprimir o jornal "Times". A grav. 5 mostra uma relativa de efeito, que imprimiu duas cores ao mesmo tempo.

As capas e uma parte desta última são impressas por este processo. Os atuais métodos empregam milhares de provas por hora, cortam, cobrem e

...a impressora parte de «Cavaleiro Andante», o jornal juvenil português que conseguiu atingir a 1ª hora, a maior velocidade, mediante a criação de publicações de múltiplas cópias de milhas por hora.

...estão automaticamente, deixando as provas prontas a serem vendidas. A grav. 6 mostra uma máquina de rotogravura, Muller, em que

CAVALEIRO ANDANTE

UBIRAJARA

220

Neste número, mais um episódio de **UBIRAJARA**

Adaptação da obra de José de Alencar, totalmente ilustrada por José Ray

UBIRAJARA

LENDAS DEPT
de José de Alencar
por José Francisco Pinho

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

Pelo momento do grande na caverna de guardiã, o jovem caçador. O arco pontado do ombro, espantado e inútil. As flechas deturpam no vazio da caverna.

O rugido do jaguar abala a floresta; mas o caçador despreza o jaguar, que já se contenta de vencer.

O seu três vezes girou o passo rápido do caçador através das campinas e três vezes, como agora, se detinha em sua montanha de Arakuba, sem lhe mostrar um inimigo digno de sua vista. Então jaguari saltou uma vez mais seu grido de guerra...

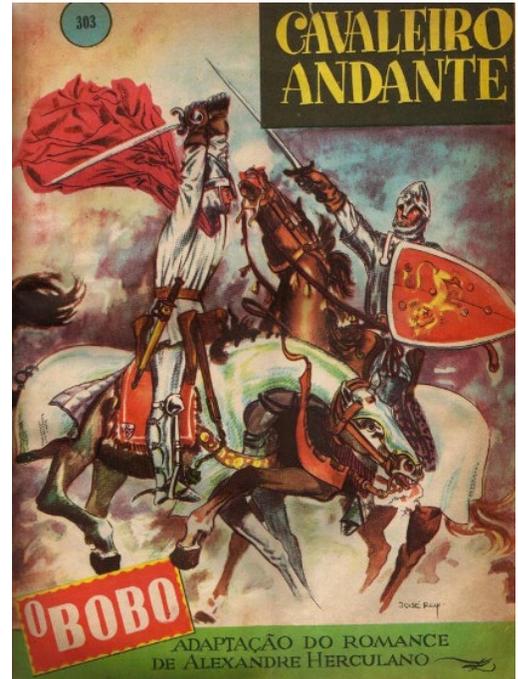
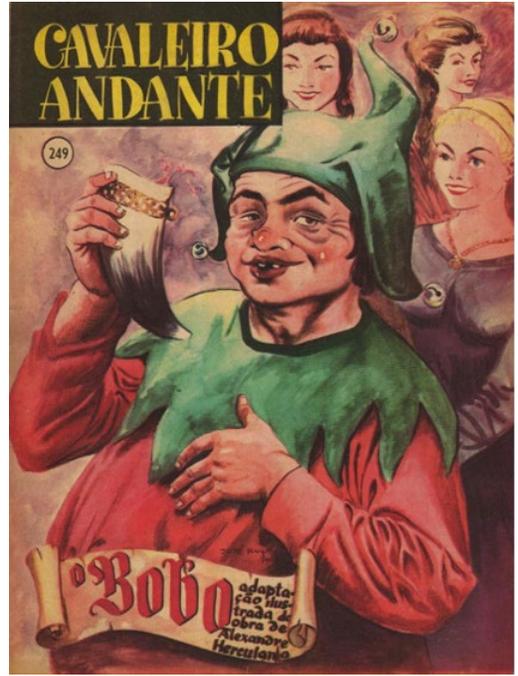
O JOVEM CAÇADOR EMPUNHA A LANCÇA DE DUAS PONTAS, FEITA DE ROXA CRAMA, MAIS RUA QUE O FERRO. NUNCA GUERREIRO, RO BRANCO JAMAIS ESSA ATIVA FENILQUE, QUE SUA AND FABRICO, JAGUARE ARREMESSA A LANÇA, QUE VIMOS NOS ARCS E O CRAVA-SE A L E M. NO GROSSO TRONCO DE EMBARANA, A COSTA FRANCOSA HAMAJIM COMO AS PALANCO COSSOADO AO SOPRO DO VENTO E O TRONCO GEMEU ATE A BALZ.

Salta uma corça pela mata e, veloz, atravessa o campo. Não veio a paragem uma genti caçadora. Jaguari empunha o arco armado novo, utropo de encontrar o inimigo que lhe tardava.

O caçador responde à ordem de sua lança.

E o corça veio com um joio inusitado, atravessada pelo facho da caçadora.

- “Columbano” (1p) – *Cavaleiro Andante de Natal* (dez/1956). Republicada com modificações, em 2 páginas, em: – *O Templário* n° 1346(bis) (dez/1978); – *Mundo de Aventuras* (2ª s.) n° 275 (jan/1979); – *Jornal da BD* n° 185 (fev/1986); – *Jornal de Almada* n° 1972 (mar/1989).
- “O Bobo” (51p) – *Cavaleiro Andante* n°s 249 a 308 (out/1956/nov/1957). Republicada incompleta, só 28 páginas, em: – *Época Juvenil* n°s 89 a 125 (jul/1973/abr/1974). Republicada com o nome “A Batalha de São Mamede”, somente as páginas 46 e 47, em: – *Mama Sume* n° 27 (out/1985). Nova versão com 44 páginas publicada em: – *Seleções BD* n°s 6 a 11 (out/1988/mar/1989). Nova versão republicada em: – *O Bobo* – álbum – Notícias/Meribérica/Liber (1989).
- “Fernão Mendes Pinto” (1p) – *Cavaleiro Andante de Natal* (dez/1957). Republicada em: – *Cadernos de Banda Desenhada* n° 1 (jan/1987); – *O Cuco* (mar/1995).
- “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto” (75p) – *Cavaleiro Andante* n°s 310 a 388 (dez/1957/jun/1959). Nova versão publicada incompleta, somente 16 páginas, em: – *Spirou* n°s 25 a 32 (set/nov/1979). Nova versão, com 52 páginas, publicada em: – *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação* – álbum – Meribérica/Liber (1982); – *Tempo* n°s 400 a 451 (jan/dez/1983); – *Jornal da BD* n° 163 (set/1985); – *Jornal do Fundão* n°s 2118 a 2169 (mar/1987/mar/1988); – *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação* – álbum – 4ª edição – Âncora (2015).
- “Dona Leonor, Rainha: 1458-1958” (1p) – *Cavaleiro Andante de Natal* (dez/1958). Republicada em: – *Mama Sume* n° 21 (jan/mar/1984).



CAVALEIRO ANDANTE

310

Dona Leonor, Rainha

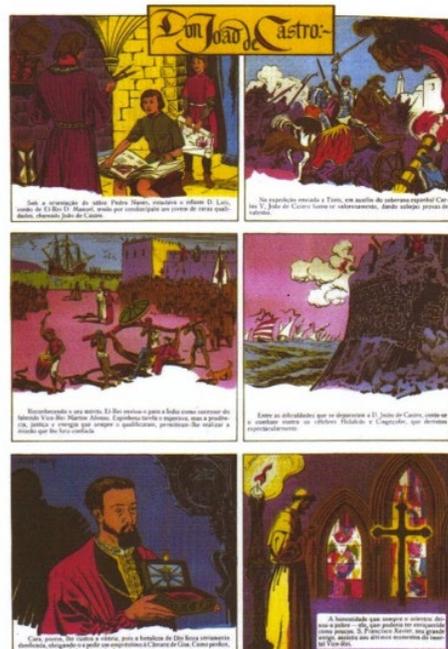
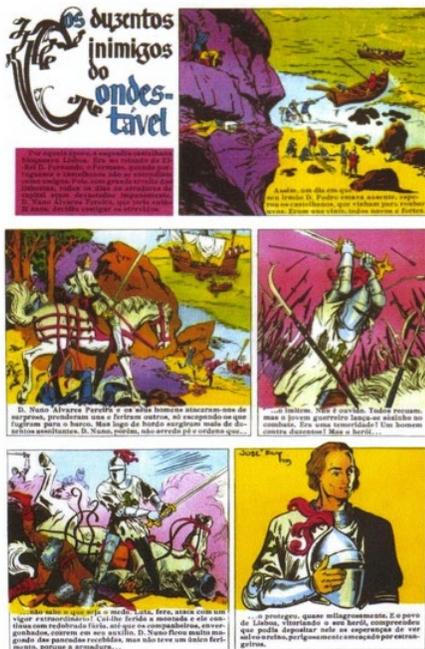
1458 1958

“Mas tudo tem os dias contados e o *Cavaleiro Andante* terminou a sua cavalgada. No entanto para escoar o muito material que o Simões Müller havia adquirido aos franco-belgas, criaram a *Nau Catrineta* como suplemento integrado no *Diário de Notícias*. Embora já a trabalhar em outra empresa, continuei a colaborar com desenhos para essa publicação”.

José Ruy participou da 2ª série de *Camarada* com duas HQs curtas, em 1959 e 1960, logo republicadas no álbum *Grandes Portugueses*, da mesma editora.

– “Os Duzentos Inimigos do Condestável” (1p) – des. – *Camarada* (2ª s.) nº 5 (ano 2) (fev/1959). Republicada em: – *Grandes Portugueses* (1962); – *Mama Sume* nº 21 (jan/mar/1984); – *História da BD Publicada em Portugal – 2ª Parte* (1996).

– “Don João de Castro” (1p) – des. – *Camarada* (2ª s.) nº 1 (ano 3) (jan/1960). Republicada em: – *Grandes Portugueses* (1962); – *História da BD Publicada em Portugal – 2ª Parte* (1996).



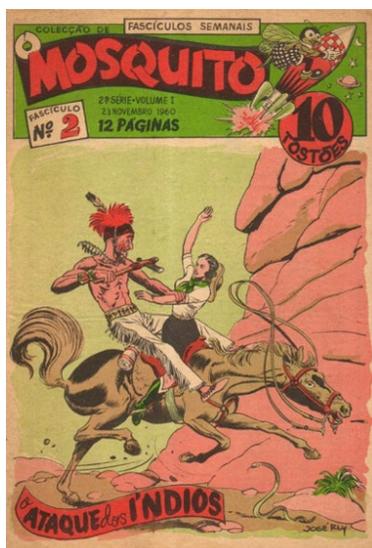
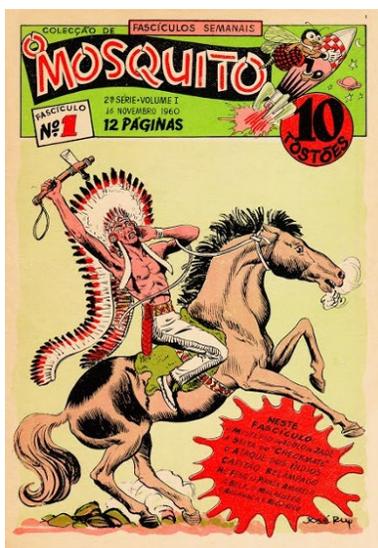
Um novo e curto voo de Mosquito

A forte relação com *O Mosquito* levou José Ruy a participar, como um dos proprietários, de uma segunda série do jornal em 1960, infelizmente de curta duração. Neste jornal, além de capas e ilustrações, publicou uma HQ, “O Ataque dos Índios”, e deixou uma incompleta, “Rudy Carter no Caso do Invento Secreto”, adaptação de uma história de Alex Raymond. Conseguiu nessa época, por sua iniciativa, publicar um pequeno álbum de 16 páginas, *Infante Don Henrique*.

– “O Ataque dos Índios” (10p) – *O Mosquito* (2ª s.) n.ºs 1 a 10 (nov/1960/ jan/1961).

– “Rudy Carter no Caso do Invento Secreto” (6p incompl.) – adapt. – *O Mosquito* (2ª s.) n.ºs 23 a 29 (abr/mai/1961).

– *Infante Don Henrique* – álbum (capa + 15p) – Edição do autor (1960). Republicada com modificações em: – *O Templário* n.ºs 1347 a 1361 (abr/ jul/1979); – *Infante Don Henrique* – álbum – Gicav (2016).



Tintim por Tintim

“Em 1968, iniciou-se a publicação em Portugal de uma revista congénere da *Tintin* belga. A Editorial Íbis e a editora Livraria Bertrand eram sócias e nessa altura eu trabalhava nessa última fazendo capas de livros e publicidade às edições, incluindo cartazes para decorar as montras das várias lojas que possuíam, espalhada pelo país. O material incluído na revista era de origem belga e francesa, reunindo o melhor que então se fazia nesses países. Na distribuição da colaboração, deixaram 20% do espaço nas páginas da revista para ser preenchido com histórias feitas em Portugal, e foi convidado o Vitor Péon para preencher esse espaço”.

“Essa rubrica foi sendo preenchida com episódios sobre figuras históricas portuguesas até que Péon destacou as campanhas em África no século XIX. Aí os belgas não gostaram, pois estavam a acontecer grandes alterações nesse continente relativamente à independência e lutas contra o colonialismo. Alarmados com a reclamação vinda da Bélgica, os administradores do jornal acabaram com o espaço destinado à presença portuguesa preenchendo-o com mais material estrangeiro”.

Durante um período, José Ruy participou da equipe que fazia o letreiramento da revista, que tinha que ser feito manualmente, e logo também o dos álbuns que a editora começou a publicar reunindo as histórias que saíam na revista.

“A revista tinha publicidade, algumas de página inteira, para desespero do chefe de redação, Dinis Machado, que achava estar a retirar ao leitor a possibilidade de ler mais uma aventura. Foi quando entrou em cena a Agência 2000, de um francês radicado em Portugal. Convenceu a redação a criar uma publicidade em forma de quadrinhos. Para ser a agência a encarregar-se desse

trabalho, ficaria mais caro do que recebiam do anúncio, por isso lembraram-se de mim, pois fazia parte do quadro da editora com um ordenado fixo”.

Logo no primeiro ano da revista, José Ruy produziu 4 histórias de meia página com a série *Zé Ana Tô* anunciando o produto Tulicreme. Somente quatro anos depois voltaria a produzir, em maior quantidade, HQs publicitárias para a revista. Além disso produziu também ilustrações com os membros da redação anunciando as próximas atrações da revista.

“Já com 4 páginas a mais na revista, embora com impressão só a preto e branco, o Dinis Machado ficou com mais espaço para poder anunciar as histórias que iam substituindo as que acabavam. Deu-me carta branca para essas apresentações. Acontece que nas variadas peripécias que aconteciam na redação, em dez segundos eu riscava num papel a situação. O Dinis Machado achou que seria interessante passarmos a fazer o mesmo nessas apresentações das histórias”.

“E nesses desenhos aparecemos todos, como passou a ser hábito, inseridos no ambiente da aventura que estávamos a anunciar: o Vasco Granja, o Mário Correia, mestre nas legendas, o Dinis Machado, eu, a Maria Quirino, secretária do Diretor, Lurdes, a secretária da redação, a Miloca, sua jovem ajudante, o Luís Nazaré, autor dos passatempos, e o António Ramos, o diretor editorial. Essa rubrica não era semanal, saía só quando se iniciava uma nova história”.

“Uma tarde recebemos na redação o dono da Agência 2000, um francês que estava a angariar anúncios para o *Tintin*. A agência tinha contactado algumas firmas importantes no mercado que se interessaram em anunciar no *Tintin*. O francês propunha que criássemos uma personagem que se tornasse conhecida e que funcionaria como elo de ligação na série que acreditava conseguir angariar. O que me ocorreu de imediato foi criar um jornalista que fosse fazendo as reportagens”.

“Precisava ter um nome simples, sonante e de fácil memorização. Por que não o som da máquina fotográfica, ‘clic’? A primeira grande reportagem foi na Aliança. Fui com o Dinis Machado à fábrica receber informações e

acompanhar o fabrico para poder explicar em quadrinhos. Esta reportagem foi descrita em seis números e fiz acompanhar o Clique de um rapazito, o Tonecas, a quem o repórter ia explicando o fabrico durante a visita”.

“Como previra o francês da Agência 2000, outras empresas foram aderindo a este gênero de anúncios que tinham até algo de didático: um banco, uma fábrica de sumos, a própria Siderurgia Nacional. Estes anúncios ultrapassaram as páginas de *Tintin* e foram publicados em jornais e outras revistas. A Aliança quis até fazer um folheto para distribuição com o conjunto das páginas, que foi impresso nas oficinas da Bertrand, para o qual acrescentei uma capa. O mesmo aconteceu com a reportagem no banco”.

– “Zé Ana Tó – Praia, Bola e... Tulicreme” (0,5p) – *Tintin* (1º ano) nº 13 (ago/1968).

– “Zé Ana Tó – O Tesouro Tulicreme” (0,5p) – *Tintin* (1º ano) nº 15 (set/1968).

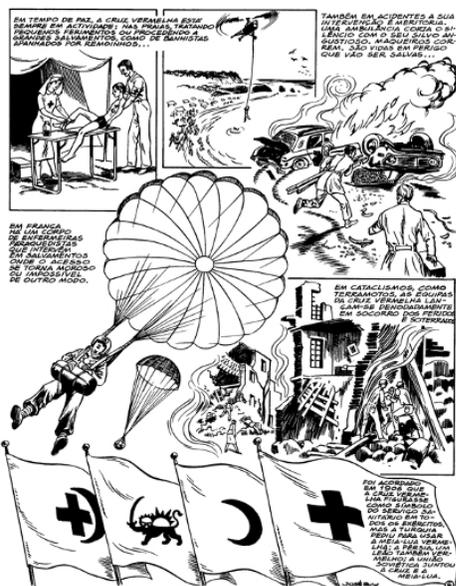
– “Zé Ana Tó – Na Grande Corrida Tulicreme” (0,5p) – *Tintin* (1º ano) nº 17 (set/1968).

– “Zé Ana Tó – Na Grande Caçada Tulicreme” (0,5p) – *Tintin* (1º ano) nº 19 (out/1968).



– “Cartum editorial” (14p) – *Tintin* (4º ano) n.ºs 4, 6, 13 e 17 (jun/nov/1971), *Tintim* (5º ano) n.ºs 2, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 20 e 22 (jun/out/1972) – cartuns com caricaturas dos membros da Redação vestidos como os personagens da próxima aventura a ser publicada (Lucky Luke, Alix, Tintin, Michel Vaillant, Olivier Rameau, Mr. Magellan, Os Franval, Rataplan, Spaghetti e Prudence Petitpas), além de uma página com apresentação dos funcionários. Quatro cartuns republicados em: – Vasco Granja – *Uma Vida... 1000 Imagens* – Asa (2023).





No início da década de 1980, o governo português limitou o valor da saída de divisas do país. Isso causou transtorno à revista *Tintin*, cujos direitos pagos à Bélgica e à França eram superiores ao limite estabelecido. Prevendo que os detentores dos direitos pudessem cortar o envio de material para a revista, Dinis Machado pensou em criar dentro da *Tintin* as condições para o lançamento de uma revista substituída somente com material português aproveitando os assinantes e leitores de *Tintin*.

“Nessa altura eu estava a trabalhar nas Edições Europa-América e o Dinis contactou-me para fazer uma série de histórias com Clique e Flash (que substituiu o Tonecas como codjuvante) sem ligação à publicidade. E assim o Clique e o Flash entraram na pura aventura, com peripécias sempre ligadas à redação. Para que o protagonismo da personagem fosse mais forte, começou a entrar nas capas do *Tintin*, aproximando-se do próprio título, indiciando um contra ponto à vinheta do Tintin e Milou. Mas esta estratégia não foi compreendida pela administração e, sob pressões, o Dinis Machado saiu. Mas a condenação estava iminente e o que o Dinis previra aconteceu mesmo. Os belgas decidiram que se não recebessem todo o

dinheiro cortavam com o envio dos fotólitos. E a revista *Tintin* portuguesa acabou deixando os seus fiéis leitores à deriva”.

A estratégia de Dinis Machado era substituir a revista *Tintin* por uma revista de autores portugueses que se chamaria *Clique e Flash*.

José Ruy ainda fez algumas HQs publicitárias curtas com outros personagens publicadas na fase final de *Tintin*.

Entre novembro e dezembro de 1980, a convite do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Almada, José Ruy e Dinis Machado produziram uma banda desenhada de tamanho gigante (cada página com 2 metros de altura e um metro e meio de largura) com a intervenção da população da cidade, sendo que alguns dos presentes serviram de modelo para os personagens. A revista *Tintin* publicou essas 3 páginas gigantes reduzidas em uma página da revista em maio de 1981.

– “Clique e Flash” (1p) – *Tintin* (13º ano) nº 15 (ago/1980).

– “Clique e Flash” (12 histórias de 2p) – *Tintin* (13º ano) nºs 13, 14, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 29 e 31 (ago/dez/1980) – a partir do nº 21, pequenas imagens de Clique e Flash aparecem nas capas. Uma das histórias republicada em: – *Simão* nº 6 (mai/1995). Oito histórias republicadas em: – *Vasco Granja – Uma Vida... 1000 Imagens* – Asa (2003).

– “Clique e Flash – O Banho” (2p) – *Tintin* (13º ano) nº 33 (dez/1980). Republicada em: – *Vasco Granja – Uma Vida... 1000 Imagens* – Asa (2003).

– “Clique e Flash – Tu Escreves... Clique Responde” (2p) – *Tintin* (13º ano) nº 35 (jan/1981). Republicada em: – *Vasco Granja – Uma Vida... 1000 Imagens* – Asa (2003).

– “Clique e Flash Fazem uma Reportagem – O Lobo é Bom ou Mau?” (2p) – *Tintin* (13º ano) nº 37 (jan/1981). Republicada com modificação e com o nome “O Naufrago” em: – *Jornal da BD* nº 116 (out/1984); – *Como Apareceu o Medo* – álbum – Notícias (1990).

– “Clique e Flash, A Reportagem – Os Ursos Sentem como Nós?” (2p) – *Tintin* (13º ano) nº 39 (fev/1981). Republicada com modificação e com o



- “Clique e Flash – Como se Faz o Iogurte” (1p) – reed. – *Tintin* (14^o ano) n^o 5 (jul/1981) – repetida nos n^{os} 9 (jul/1981), 13 (ago/1981), 17 (set/1981), 18 (set/1981) e 21 (out/1981). Publicada originalmente em: – *Pateta* n^o 1 (mai/1981).
- “Cenoura – Cenoura Volta à Escola” (0,5p) – *Tintin* (14^o ano) n^o 22 (out/1981) – repetida nos n^{os} 23 a 26 (out/nov/1981); e no 15^o ano, nos n^{os} 17 (set/1982), 19 (set/1982) e 21 (out/1982).
- “A Endiabrada May Vai ao Baile” (1p) – *Tintin* (14^o ano) n^o 22 (out/1981) – repetida nos n^{os} 24 (out/1981), 26 (nov/1981), 28 (nov/1981) e 31 (dez/1981).
- “Cenoura – O Pai Natal da Cenoura” (0,5p) – *Tintin* (14^o ano) n^o 28 (nov/1981) – repetida nos n^{os} 30 a 32 (dez/1981).
- “Cenoura – Cenoura em Férias” (0,5p) – *Tintin* (14^o ano) n^o 48 (abr/1982) – repetida no n^o 52 (mai/1982).
- “Império Seguros – Dois Amigos Distraídos” (0,5p) – *Tintin* (14^o ano) n^o 48 (abr/1982).

– “A Vida Maravilhosa de Charles Chaplin” – trailer (2p) – *Spirou* (2ª s.) nº 1 (abr/1979).

– “A Vida Maravilhosa de Charles Chaplin” (44p) – *Spirou* (2ª s.) nºs 2 a 23 (abr/set/1979). Republicada em: – *Jornal da BD* nºs 105 a 112 (ago/set/1984); – *A Vida Maravilhosa de Charles Chaplin* – álbum (44p) – Notícias (1985) – 2ª ed. (1988); – *BDN* nºs 24, 26, 27, 28, 30, 33, 34, 36, 38 a 42 (jul/dez/1990).

– “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto” (16p incompl.) – *Spirou* nºs 25 a 32 (set/nov/1979).

– “As Aventuras de Quatro Lusitanos e Uma Porca” (44p) – des. – *A Capital* (2ª s.) nºs 1562 a 1728 (jul/dez/1972). Republicada em: – *Antologia da BD Portuguesa* nº 12 – Futura (1984).



DE FERNA MENDSPINTO



- “O Bicho da Letra” (13 tiras) – *Novo Gráfico* n^{os} 8 a 22 (jun/1976/abr/1978).
- “O Fuskas” (16 tiras) – *O Templário* n^{os} 1346(bis) a 1364 (dez/1978/ago/1979).
- “Porque Não Hei-de Acreditar na Felicidade?” (10p) – *Ribatejo Ilustrado* (4^a s.) n^{os} 2 a 19 (13^o ano) (jan/1980/ago/1981). Republicada em: – *Jornal da Costa do Sol* n^{os} 809 a 851 (jun/1981/fev/1983); – *Boletim do CPBD* n^o 60 (jun/1986); – *Cadernos Sobreda BD* n^o 13 (1998); – *Cadernos Moura BD* n^o 11 (mai/2022). Republicada (incompleta com 7 páginas) em: – *O Povo de Guimarães* n^{os} 276 a 336 (jun/1983/set/1984).
- “A ‘Bricolage’ em Portugal” (7 tiras) – *Seleções de Mecânica Popular* n^o 13 (mar/1980).

No início da década de 1980, José Ruy colaborou com Jorge Magalhães, então responsável pela revista *Mundo de Aventuras*. Em duas HQs, como

O BICHO DA LETRA

MICROBIO HA MUITO INCLUBADO NO MEIO TIPOGRAFICO E AGORA AMPLIADO A UMA DIMENSAO VISIVEL, PELO MICROSCOPIO DE UM GRAFICO ATENTO.



O FUSKAS



aparece o personagem Clique, talvez tenham sido feitas para a revista *Tin-tin*. A terceira, “Gizela”, foi feita em 1952 e só então publicada.

– “Clique e seu Companheiro – Repórteres a Tempo Inteiro! – Caçada em África” (4p) – *Mundo de Aventuras Especial* nº 27 (abr/1981). Republicada com modificação e com os nomes “A Caçada” e “A Caçada Nocturna” em: – *Jornal da BD* nº 114 (out/1984); – *Como Apareceu o Medo* – álbum – Notícias (1990).

– “Clique e seu Companheiro – Repórteres a Tempo Inteiro! – O Filhote de Búfalo” (4p) – *Mundo de Aventuras Especial* nº 29 (dez/1981). Republicada com modificação em: – “O Filhote de Búfalo” (4p) – *Jornal da BD* nº 104 (jul/1984); – “O Filhote de Búfalo” (4p) – *Como Apareceu o Medo* – álbum – Notícias (1990).

– “Gizela” (15 tiras) – *Almanaque do Mundo de Aventuras* 1983 (dez/1982). Republicada em: – *Zero* nº 2 (out/1990).

De jornais e revistas a álbuns: Meribérica e Futura

O ano 1982 foi um divisor de águas entre a publicação de revistas e álbuns e José Ruy participou dessa transição. O fim da revista *Tintin* foi um marco, embora tenha havido revistas de quadrinhos importantes depois disso, como *Jornal da BD* e *Seleções BD*. Mas não eram mais as publicações populares como havia anteriormente. *Seleções BD*, por exemplo, era praticamente um álbum com capítulos longos de poucas séries. Em relação aos álbuns, houve várias publicações antes de 1982, mas em número pequeno, aumentando na década de 1960 com as séries franco-belgas da Íbis e Bertrand, e com várias tentativas isoladas de autores portugueses na década de 1970. Mas foi com a presença constante de editoras como Futura, Meribérica e Notícias que os autores portugueses tiveram suas grandes chances na década de 1980. Não por acaso, José Ruy foi um dos primeiros autores portugueses da Meribérica e abriu a coleção *Antologia da BD Portuguesa* da Futura.

Uma questão importante nessa nova empreitada de algumas editoras na publicação de álbuns de autores portugueses diz respeito ao custo de produção mais alto do álbum nacional, tanto no valor pago ao autor quanto no material usado para a impressão. Os álbuns coloridos de origem franco-belga, por exemplo, têm seus fotolitos alugados ou mesmo emprestados às editoras estrangeiras, o que diminui muito esta parcela do custo da edição. Em 1981, quando José Ruy acertou com a Meribérica a publicação do álbum colorido com a história (modernizada e remodelada) de Fernão Mendes Pinto, entrou em questão o custo da separação de cores e fotolitos para impressão em policromia. José Ruy propôs fazer como se

fazia nos jornais e revistas em que trabalhou, como *Camarada* e *Pisca-Pisca*, ou seja, trabalhar separadamente cada uma das três cores fundamentais. Em vez de colorir a página da história e depois fazer os fotolitos decompondo mecanicamente, com uso de filtros, as cores fundamentais, que é um processo caro, a decomposição era feita manualmente colorindo separadamente cada uma das três cores. O processo foi usado depois tanto pela Meribérica quanto por outras editoras.

– *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação* – nova versão – álbum (52p)

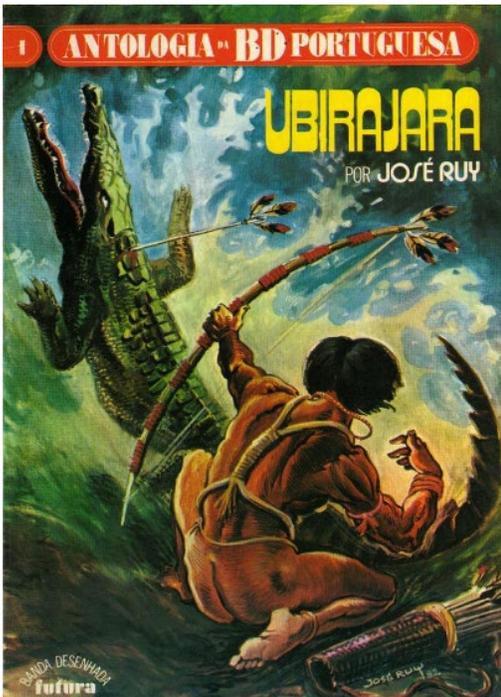
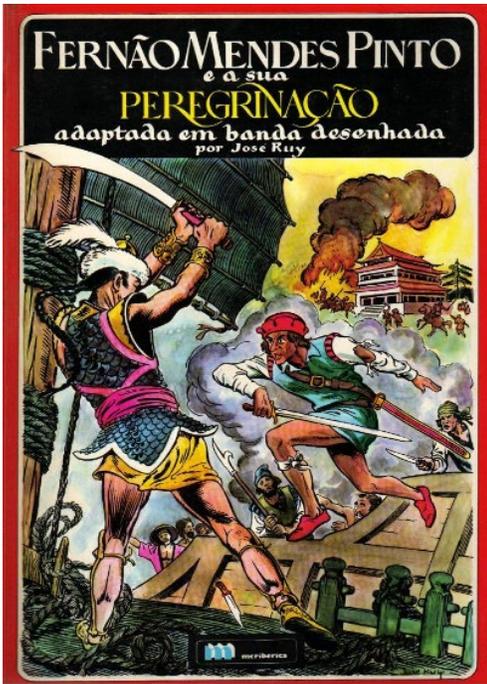
– Meribérica/Liber (1982) – 2ª ed. (1983) – ed. esp. para Câmara Municipal de Almada (1983) – 3ª ed. (1988).

– *Ubirajara* – álbum – *Antologia da BD Portuguesa* nº 1 – Futura (1982)

– republicação de “Ubirajara” (20p), “A Mensagem” (13p), “Na Pista dos Elefantes” (9p), “Gutenberg” (12p).

– *As Aventuras de 4 Lusitanos e 1 Porca* – álbum (44p) – des. – republicação – *Antologia da BD Portuguesa* nº 12 – Futura (1984).

As páginas originais de “Ubirajara”, publicadas originalmente em *Cavaleiro Andante*, em 1956, desapareceram após a história ter sido republicada em álbum pela Futura em 1982. As páginas foram localizadas na França e a Bedeteca de Beja as adquiriu para o Museu de Banda Desenhada.

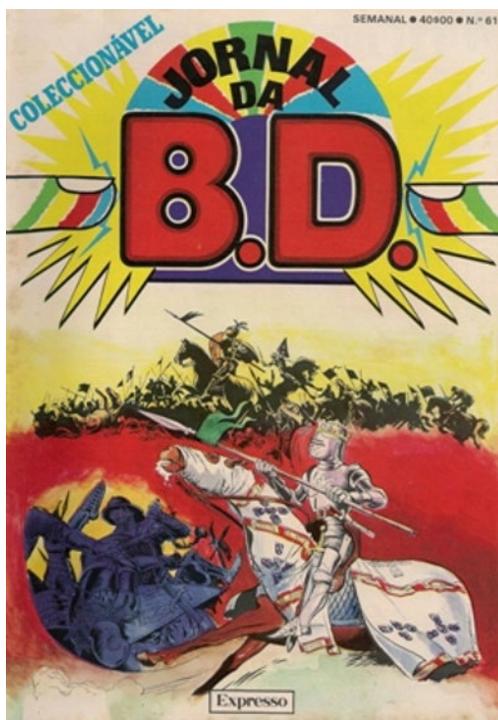
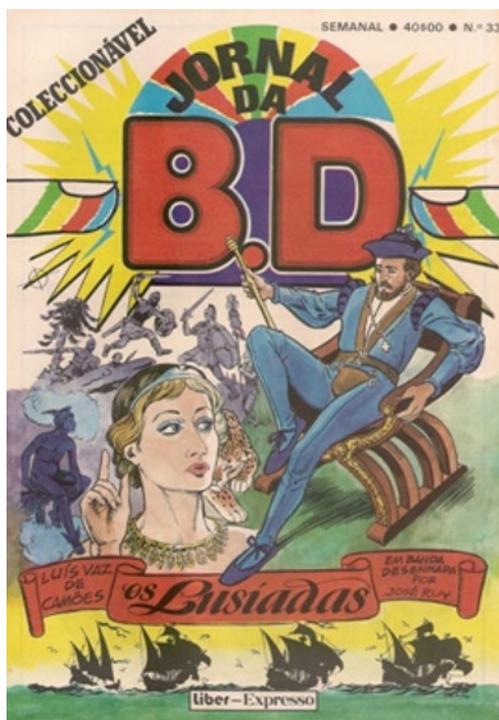


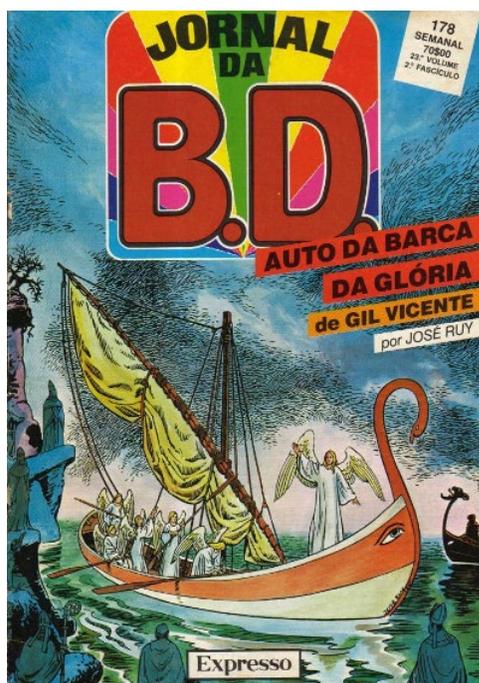
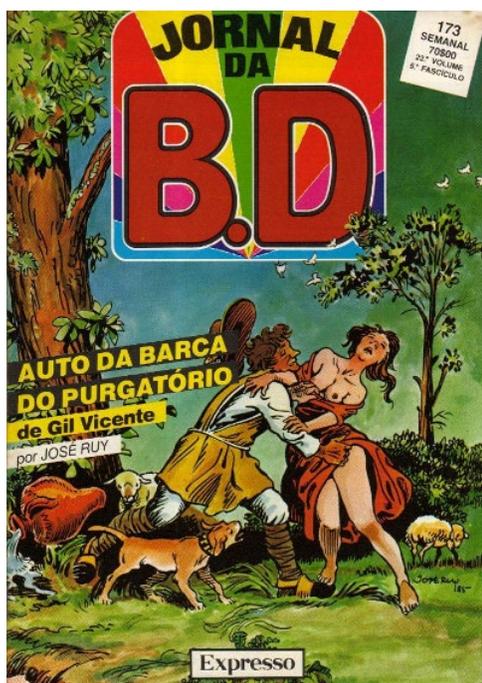
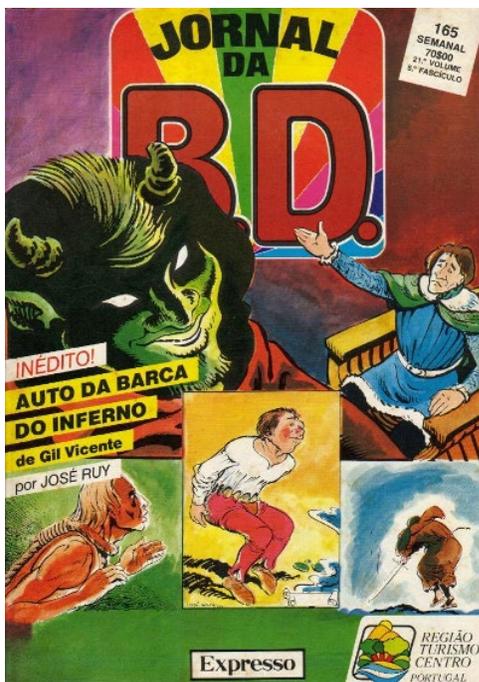
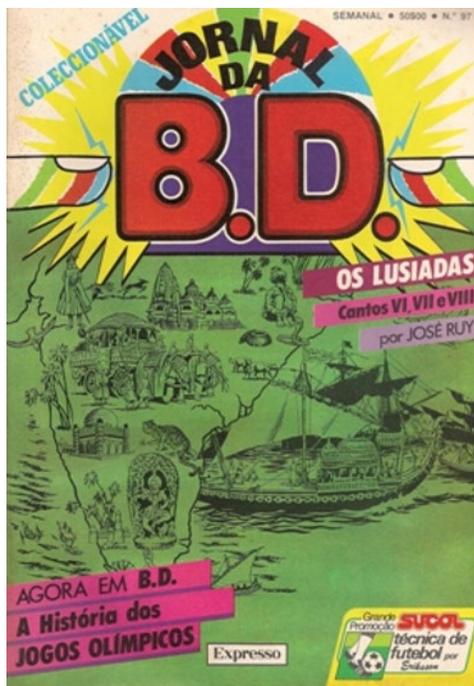
Ainda há BD em jornal

Em 1982 é lançada a publicação *Jornal da BD* que, apesar de qualidade gráfica regular, trouxe as principais séries franco-belgas e também alguns autores portugueses. José Ruy encontrou espaço para publicar suas obras mais arrojadas: a adaptação de *Lusíadas* de Camões num total de 112 páginas, adaptações dos *Autos das Barcas* de Gil Vicente, o início das aventuras de seu personagem Porto Bomvento, novas aventuras publicitárias de Clique e Flash e outros personagens, além de republicações como a de “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto”. Nesse período, José Ruy publicou também HQs curtas em outras revistas.

- “Os Lusíadas – Cantos I a III” (38p) – *Jornal da BD* n^os 33 a 40 (mar/mai/1983).
 - “Os Lusíadas – Cantos IV e V” (20p) – *Jornal da BD* n^os 61 a 64 (set/out/1983).
 - “Os Lusíadas – Cantos VI a VIII” (28p) – *Jornal da BD* n^os 97 a 99 (jun/1984).
 - “Os Lusíadas – Canto IX” (14p) – *Jornal da BD* n^os 115 a 117 (out/1984).
 - “Os Lusíadas – Canto X” (12p) – *Jornal da BD* n^os 119 e 120 (nov/1984).
- Republicada em: – *Os Lusíadas* volume I – álbum (38p) – Notícias (1983);
 – *Os Lusíadas* volume II – álbum (36p) – Notícias (1984); – *Os Lusíadas* volume III – álbum (38p) – Notícias (1984); – *Os Lusíadas* – álbum (112p) – Notícias (2000); – *Os Lusíadas* – álbum (112p) – 7^o edição – Âncora (2009); – *Os Lusíadas* – álbum (112p) – Âncora (2009) – edição em mi-randês; – várias reedições e edições especiais.

- “Auto da Barca do Inferno” (20p) – *Jornal da BD* n.ºs 165 a 168 (out/nov/1985).
- “Auto da Barca do Purgatório” (20p) – *Jornal da BD* n.ºs 173 a 176 (nov/dez/1985).
- “Auto da Barca da Glória” (20p) – *Jornal da BD* n.ºs 177 a 181 (dez/1985/jan/1986). Republicada em: – *Os Autos das Barcas* – álbum (60p) – Notícias (1986).





- “Clique e Flash, Repórteres” (1p) – *Jornal da BD* nº 175 (dez/1985) – repetida nos nºs 177 (dez/1985), 178 (dez/1985) e 185 (fev/1986).
- “Clique e Flash, Vão ao Circo” (1p) – *Jornal de BD* nº 179 (jan/1986) – repetida nos nºs 180 (jan/1986) e 186 (fev/1986).
- “Clique e Flash, Na Ilha Misteriosa” (1p) – *Jornal da BD* nº 181 (jan/1986) – repetida nos nºs 183 (fev/1986) e 187 (mar/1986).
- “Clique e Flash, No Vulcão” (1p) – *Jornal da BD* nº 182 (jan/1986) – repetida no nº 184 (fev/1986).
- “Uma Viagem no País do Balão” (1p) – *Jornal da BD* nº 195 (abr/1986) – repetida nos nºs 197 (mai/1986), 199 (mai/1986), 201 (jun/1986), 203 (jun/1986), 205 (jul/1986) e 207 (jul/1986).
- “Homens Sem Alma” (44p) – *Jornal da BD* nº 259 (jul/1987). Republicada em – *Homens Sem Alma* – álbum (44p) – Notícias (1987).
- “Camões” (2p) – *Mama Sume* nº 22 (abr/jun/1984).
- “A História do Diário de Notícias” (8p) – edição publicitária do *Diário de Notícias* (1984).



II

Boas notícias

Depois dos álbuns publicados pela Meribérica e Futura, José Ruy iniciou uma parceria com o Editorial Notícias com a publicação de uma boa quantidade de álbuns, a maioria com republicação de histórias que saíram em outras revistas, algumas delas adaptadas pelo próprio autor. Neste período, de 1983 a 1990, foram editados os álbuns *ABC Criminal*, *Os Lusíadas* em 3 volumes, *Charlie Chaplin*, *Os Autos das Barcas*, *Homens Sem Alma*, *O Bobo*, *Como Apareceu o Medo*. Também foi publicado *Auto da Índia/Farsa de Inês Pereira*, material inédito, talvez feito originalmente para o *Jornal da BD* e não aproveitado por esta revista. No caso do álbum *O Bobo*, foi uma coedição do Editorial Notícias com a Meribérica, com uma nova versão da história publicada primeiramente na revista *Seleções BD*.

No final da década de 1980, José Ruy passou a trabalhar para a editora Asa com cláusula de exclusividade para publicar dois álbuns por ano. Posteriormente, com a queda desta cláusula, José Ruy publicou outros álbuns pelo Editorial Notícias.

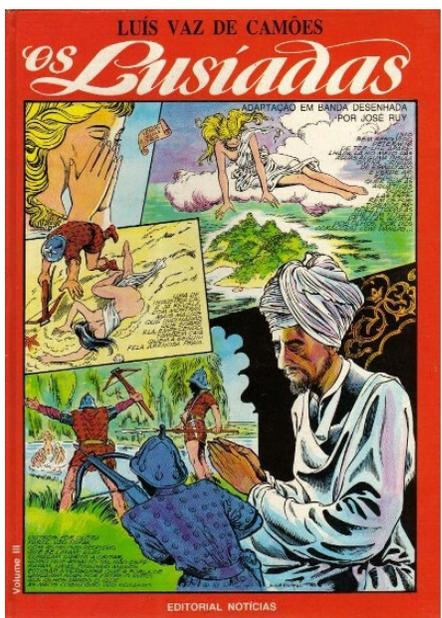
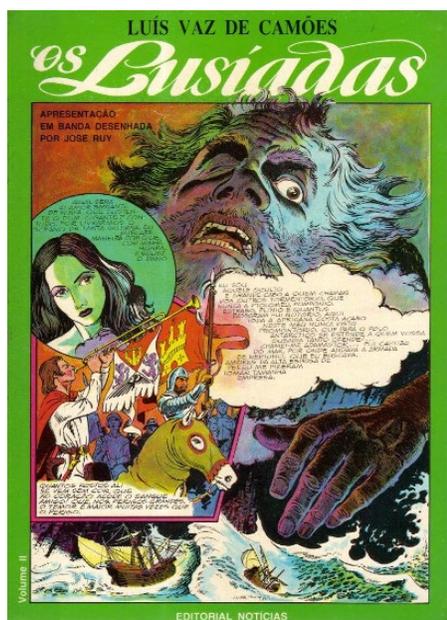
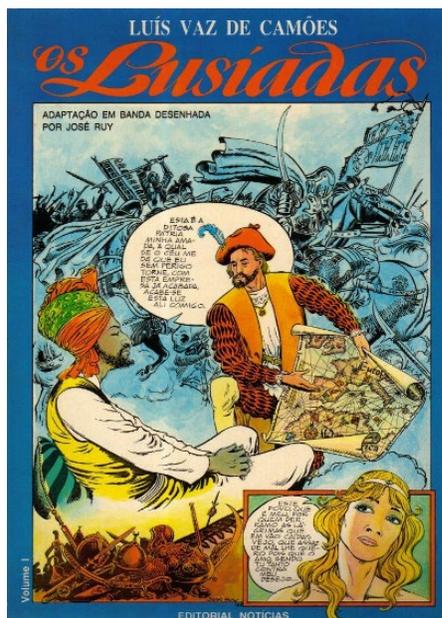
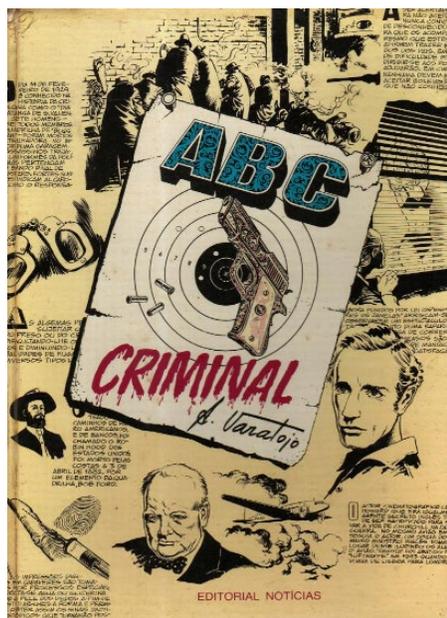
– *ABC Criminal* – álbum (34p) – des. – Notícias (1983). Publicada originalmente em *O Século Ilustrado* (1971) e *Crime* (1974/75).

– *Os Lusíadas* volume I – álbum (38p) – Notícias (1983) – 2ª ed. (1985) – 3ª ed. (1990).

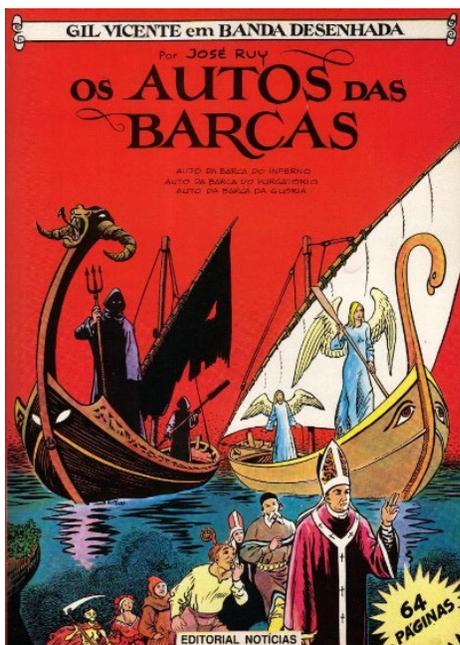
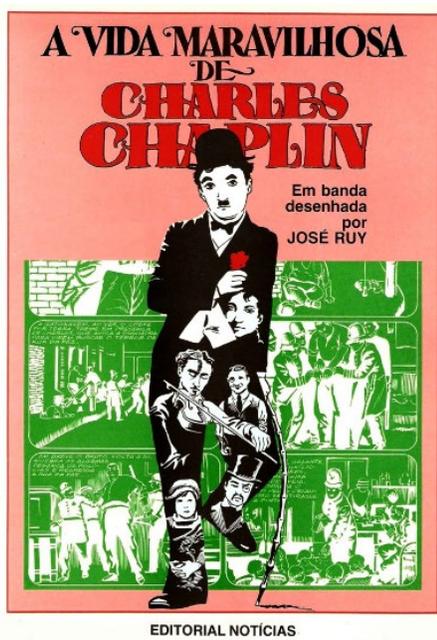
– *Os Lusíadas* volume II – álbum (36p) – Notícias (1984) – 2ª ed. (1985) – 3ª ed. (1987).

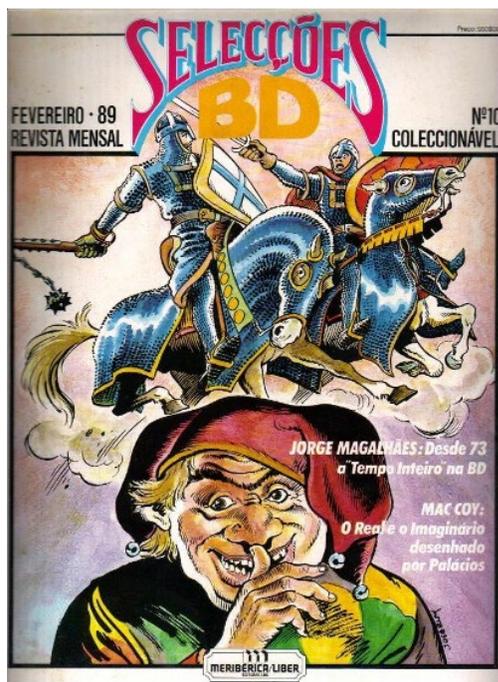
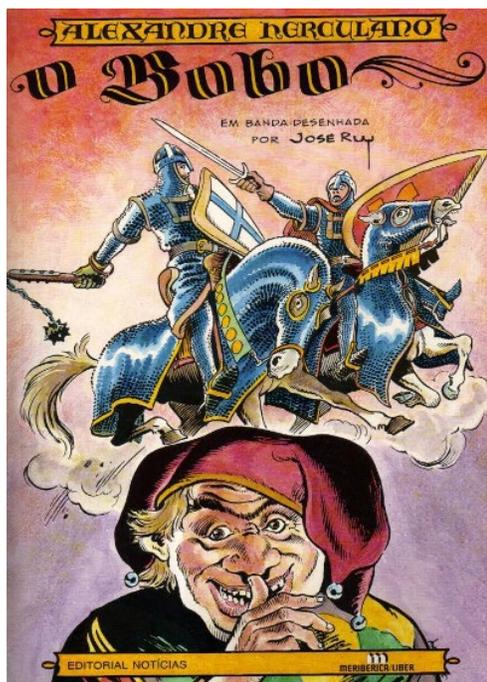
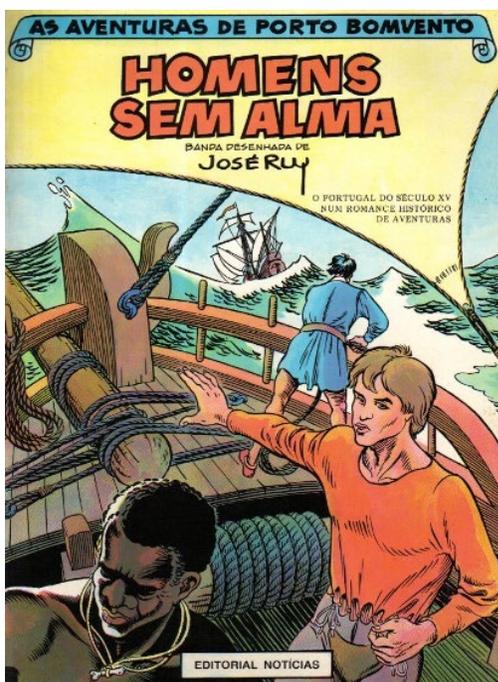
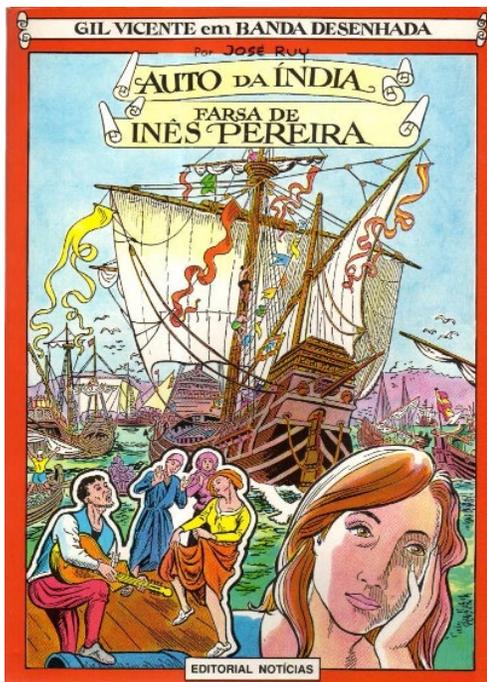
– *Os Lusíadas* volume III – álbum (38p) – Notícias (1984) – 2ª ed. (1986) – 3ª ed. (1987). Edições Especiais: edição para a Comissão Organizadora das Comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Por-

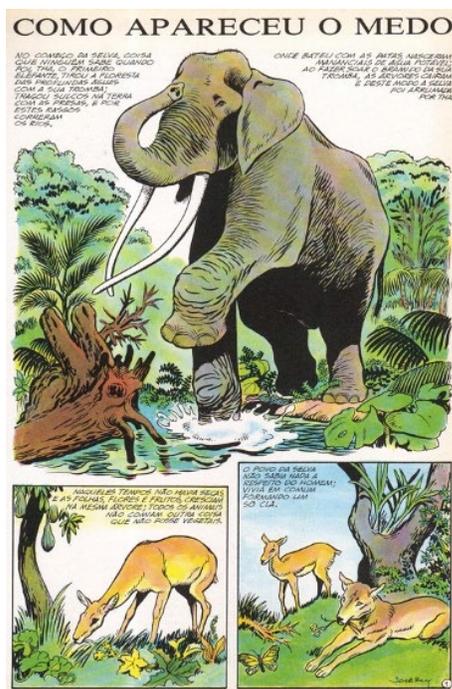
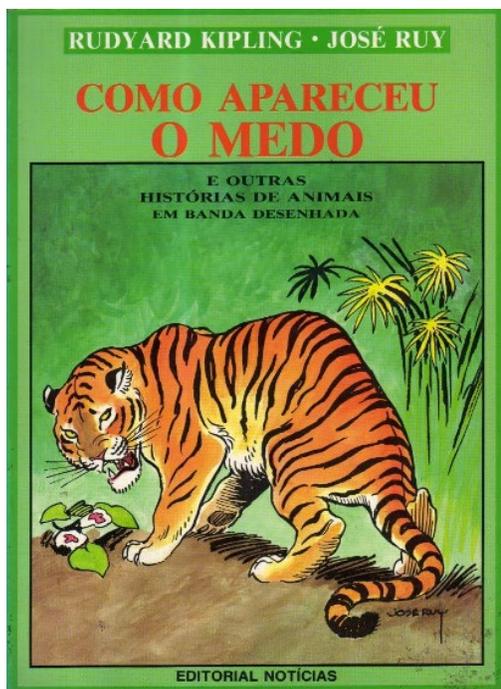
tugasas, em 3 volumes (1985) e em volume único (1987) – edição para a Câmara Municipal de Almada, apenas o 1º volume (1985) – edição para a Direcção dos Serviços de Educação e Cultura do Governo de Macau, em volume único (1986) – duas edições de luxo numeradas e autografadas (1985).



- *A Vida Maravilhosa de Charles Chaplin* – álbum (44p) – Notícias (1985)
- 2ª ed. (1988). Publicou o trailer de 2 páginas no lugar das duas primeiras páginas.
- *Os Autos das Barcas* – álbum (60p) – adapt. – republicação – Notícias (1986).
- *Auto da Índia/Farsa de Inês Pereira* – álbum (44p) – adapt. – Notícias (1988)
- *Homens Sem Alma* – álbum (44p) – republicação – Notícias (1987).
- “O Bobo” (44p) – des. – nova versão – *Seleções BD* n°s 6 a 11 (out/1988/mar/1989).
- *O Bobo* – álbum (44p) – des. – nova versão – Notícias / Meribérica/Liber (1989).
- *Como Apareceu o Medo* – álbum – adapt. – Notícias (1990) – publicação de “Como Apareceu o Medo” (15p), e republicação modificada de “A Caçada Noturna” (4p), “O Náufrago” (2p), “O Incêndio na Floresta” (2p), “O Filhote de Búfalo” (4p), “O Urso Destemido” (2p). Republicação de “Como Apareceu o Medo” em *BDN* n°s 46, 47, 48 e 50 (dez/1990/fev/1991).







Em outubro de 1989, José Ruy recebeu homenagem em Guimarães, ocasião em que lançou seu livro *O Bobo*. Durante as cerimônias, foram explicados os erros que havia na obra original de Alexandre Herculano em relação ao Castelo de Guimarães, anacronismos que foram corrigidos nesta segunda versão da obra quadrinizada, publicada originalmente em *Seleções BD*.

Ainda em Guimarães, no mesmo ano, José Ruy recebeu uma homenagem involuntária. Nas festas da cidade, decidiram homenagear com um carro alegórico o “pai do teatro português”, Gil Vicente. Na falta de material de consulta, foram buscar nas adaptações que José Ruy fez dos *Autos das Barcas* o modelo para o referido carro.

Selecionando outros caminhos

Nesta década de 1980, José Ruy participou de outros projetos relevantes. Para a Cruz Vermelha, devido a uma HQ sua, de 6 páginas, publicada em 1979, foi convidado pela entidade a fazer um trabalho mais desenvolvido. Devido a vários problemas, o livro não saiu, mas foi feita uma história de apenas 4 páginas, traduzida para várias línguas do mundo todo com tiragem de meio milhão de exemplares. Também publicou um álbum, *Jorge Dimitrov*, pela editora Caminho. Cedeu várias HQs para o primeiro número do *Cadernos de Banda Desenhada*, de Catherine Labey. E participou da 1ª série da revista *Seleções BD*, com um Curso de BD e a nova versão de “O Bobo”.

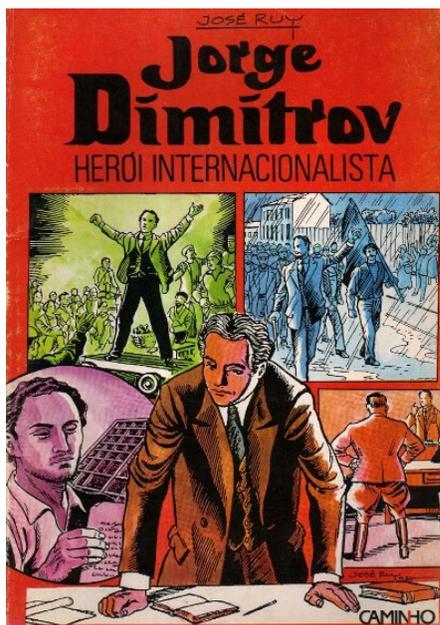
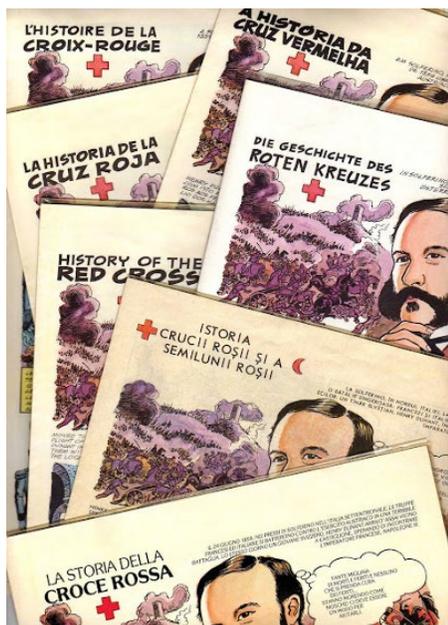
“Em 1988, pouco tempo depois de ter acabado a publicação do *Tintin*, a Meribérica/Liber lançou uma revista com bastante qualidade, tanto na parte artística como no aspecto gráfico: *Seleções BD*. Foi nesta revista que publiquei um curso abreviado de BD durante dez números, por sugestão da Maria José Pereira e incentivado pelo Geraldês Lino que assistira durante três anos aos cursos que ministrava no Instituto Médiocurso, em Lisboa”.

– “A História da Cruz Vermelha” (4p) – des. – edição publicitária feita na Suíça em 1985 em várias línguas, com várias reedições, totalizando meio milhão de exemplares.

– *Jorge Dimitrov, Herói Internacionalista* – álbum (30p) – Caminho (1985) – 2ª ed. (1987). Republicada em: – *O Diário* n.ºs 3337 a 3534 (jan/ago/1986).

– *Cadernos de Banda Desenhada* n.º 1 (jan/1987) – Catherine Labey – publicação de “Wenceslau de Moraes, O Escritor que Mais Amou o Japão” (1p), e republicação de “Lendas Japonesas – Yamabushi e a Serpente”

(5p), “Lendas Japonesas – Os Gatos do Pequeno Bonzo” (11p), “Lendas Japonesas – Hurashima o Pescador” (6p), “Fernão Mendes Pinto” (1p).
 – “Curso Abreviado de BD” (31p) – *Seleções BD* n^{os} 6 a 15 (out/1988/ jul/1989).



OS GATOS DO PEQUENO BONZO



ILUSTRAS POR JOSÉ RUY



Bancho e rancho de gatos foram aparecendo sobre a tela impregnada; o os heras foram passando, sem que os brônquios se dessem do "papel". Formas apertadas desenhadas o patto, tanto vezes a sua indolência sagal e catolico pormenor a espaço tempo curvas caprichosas, que a falda do oposto dos seus membros estendidos. E nunca última pensados, desceu que, o instrumento, num grande hocois, Preto, equívoco um grande cretano, entre se de-



senhava uma óptica organica sobre um ramo, e os o pequeno boneco se deslocou, acomodado ao melhor possível. Adotou-se logo depois, no meio das quadras e misteriosas formas das moedas de magia e das páginas deprezadas, e mudos travessões de precisão. Um solo alívio veio romper o sono do viciante, novidade talvez para ele, devido ao tempo em que se encontrava o tecido obscuro. E de novo os bonecos retornam leitos através do silêncio de morte...



Sútil, noite velha, um ruído inaudível escapou, no momento, abando o "voz" total! Claro, parecios todo tremulo como se o mundo em expressão do catolico. Violentamente acordado, o pequeno esquecido do seu impregnado, veio junto do bicho, e o que os seus olhos antevia, pulchro o sempre nos raios... abor o boneco para cruzar, sua a voz morfológica, silos de todos pensados um bom, enquer! O que via, era horrível...

a PRETO e BRANCO

CURSO ABREVIADO de BD

por José Ruy

- COMO SE FAZ UM QUADRINHO A PARTIR DE UM ENREDO PREVIAMENTE ELABORADO.
- COMO DESENHAR E PODER NARRAR.
- OS SETE PLANOS PRINCIPAIS E ESTILIZAR EM B.D.
- UM PLANTÃO DE VISTA.
- INICIANDO A PARALELA, INDO-PENSAR NA B.D.
- FIGURA HUMANA EM MOVIMENTO DESENHADA COM MODO VIVO.
- COMO FEZER O FICHAZO DE ELEMENTOS NECESSÁRIOS PARA A VISTORIA QUE TEMOS CONTRA EM B.D.
- COMPOSIÇÃO QUANTO À CASA VISITA, LINDA E SIMPLI.
- TÉCNICA DE DESENHAR ANIMAIS. O ESTUDO DA SUA ANATOMIA.
- O DESENHO DA PRIMEIRA BARRAGEM DEFINITIVA NA SEQUÊNCIA: DESENHO A LÁPIS; DESENHO DAS LEGENDAS; DESENHO DEFINITIVO A LÁPIS COM UTILIZAÇÃO DO MODO-VIVO; FINALIZANTE.



LIÇÃO 1

VAMOS FAZER O QUADRINHO PARA UMA B.D. A PARTIR DE UM ENREDO PREVIAMENTE ELABORADO.

DIVIDE-SE UMA FOLHA DE PAPEL EM DUAS PARTES, NO SENTIDO VERTICAL; DO LADO ESQUERDO ESCREVE-SE O TEXTO EXPLICATIVO DE CADA QUADRO; NO LADO DIREITO, O TEXTO QUE REALMENTE IRÁ SER ESCRITO NAS PÁGINAS DEFINITIVAS, NUMERANDO OS BALÕES E AS NARRATIVAS.

ÉIS UM EXEMPLO, ACOMODADO DO ESQUEMA DA DIVISÃO DA PÁGINA, PARA PRESENTAÇÃO DO DESENHADOR.

Nas asas da imaginação

“**A** editora Asa, fundada por Américo Silva Areal, no Porto, norte de Portugal, especializou-se em edições escolares, manuais, cadernos de exercícios, compêndios e dicionários. O êxito guindou-a a uma das mais fortes editoras do país, com oficinas próprias. Com a sua morte, o filho, Américo Augusto Areal, dinamizou a empresa e experimentou lançar-se nos livros infantis. Até aí, 1980, esse género era dominado pela editora Verbo. Ao fim de um ano estavam a ganhar dinheiro. Ampliaram a oficina, e lembrou-se de pegar nas histórias em quadrinhos como apoio aos livros escolares. Portanto, quadrinhos históricos”.

“Como eu nessa altura tinha vários livros do tema já publicados, convidou-me para fazer parte da equipa. Nessa altura estava no Editorial Notícias, em Lisboa. Ao fim de 2 anos de insistência, deu-me conta de seu ambicioso projeto, de reunir na editora todos os desenhadores disponíveis com características para o género que lhe interessava, fazendo uma grande campanha na TV, não sobre cada livro a sair, mas em coleções. E conseguiu dar um incremento notável à edição de quadrinhos, com autores veteranos e jovens a iniciar a carreira”.

“Deu-me ‘carta branca’ para fazer o que quisesse, mas eu nunca abusei dessa simpatia, e escolhi sempre títulos e coleções que fossem rentáveis para a editora. Mas o Américo Augusto dizia: ‘a vocês compete criar os livros, à editora compete vendê-los’. E a ‘máquina’ que tinham montado, que era poderosa, conseguia mesmo isso. As tiragens de cada título eram de 5.000 exemplares e avançavam para segundas e terceiras edições, porque, como punham no mercado material didático, o escolar, que os estudantes

eram ‘obrigados’ a consumir, as livrarias lucravam muito com isso, mas tinham que receber e fazer por vender as outras edições (os quadrinhos)”.

“(Depois de alguns anos) saí da Asa, mantendo a amizade com o Américo Augusto. Mas ele meteu-se num negócio megalómano, vendeu a Asa à Leya, rebentou com o investimento e retirou-se. A Leya não investe, edita o que está previamente vendido, virou-se para os franco-belgas e vai deixando andar. Adquiriu a maior parte das editoras e desistiu dos autores de pequena tiragem vendida. Tem as editoras para negociar, como quem compra edifícios, faz-lhe uma pintura e torna a vender com lucro”.

Até sua entrada na editora Asa, os álbuns com trabalhos de José Ruy traziam, com poucas exceções, republicações de histórias publicadas originalmente em revistas e jornais, como era o usual na época. Na Asa, José Ruy começou a trabalhar como funcionário dedicado às artes gráficas, com salário fixo, mas com a incumbência de também produzir álbuns inéditos. E começou com a sequência das aventuras de Porto Bomvento, que tinha estreado seu primeiro álbum, *Homens sem Alma*, pelo Editorial Notícias. Também iniciou uma temática e um procedimento que o acompanharam ao longo da carreira: a adaptação para quadrinhos de biografias de figuras ilustres e a história de regiões de Portugal, com o patrocínio de entidades relacionadas que se comprometiam a adquirir uma quantidade de exemplares dos álbuns, amortizando assim o custo de produção para a editora.

– *Bomvento no Castelo da Mina* – álbum (44p) – Asa (1988) – 2ª ed. (1991). Republicada em: – *BDN* n^{os} 1, 5, 10, 24, 26, 28, 30, 34, 36, 38 (fev/out/1990).

– *Bomvento no Cabo da Boa Esperança* – álbum (44p) – Asa (1989).

– *Bomvento no Brasil* – álbum (44p) – Asa (1990).

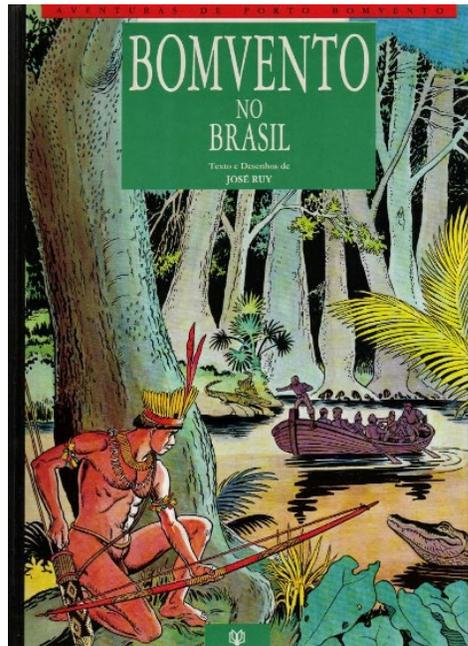
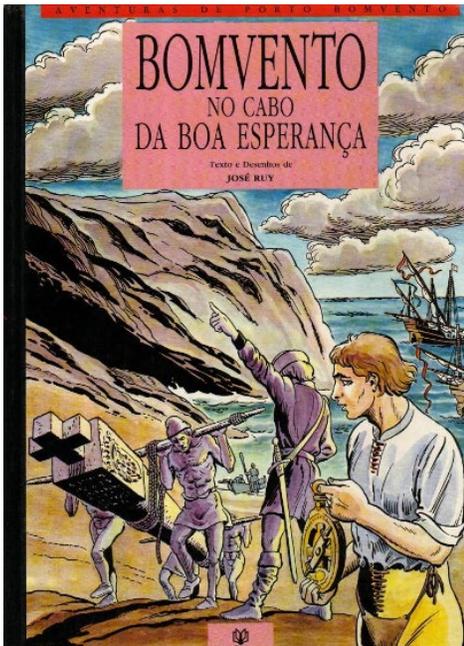
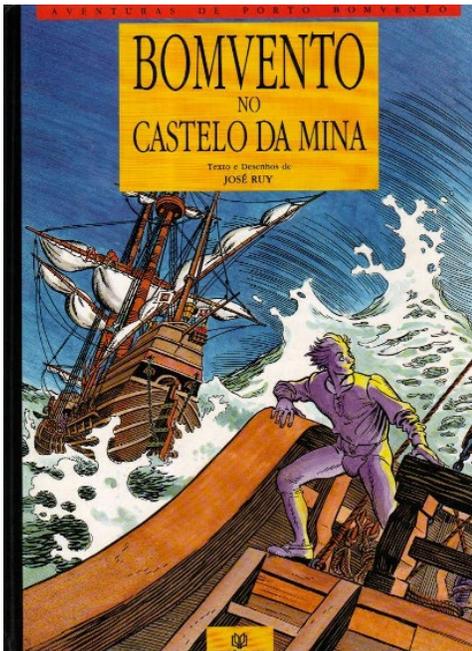
– *Bomvento em Terras do Labrador* – álbum (44p) – Asa (1991).

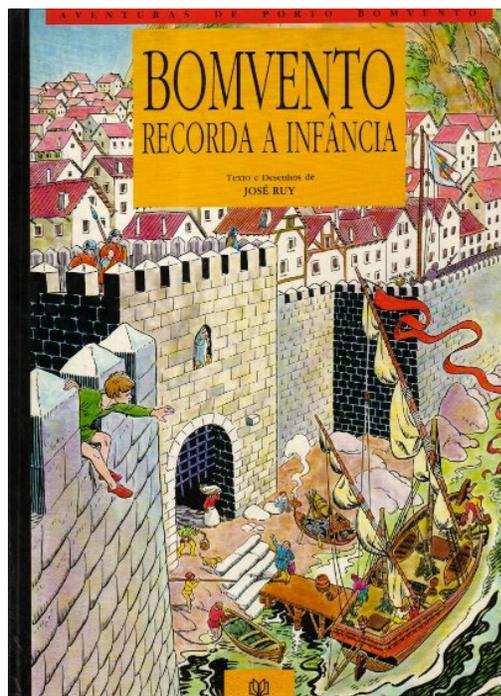
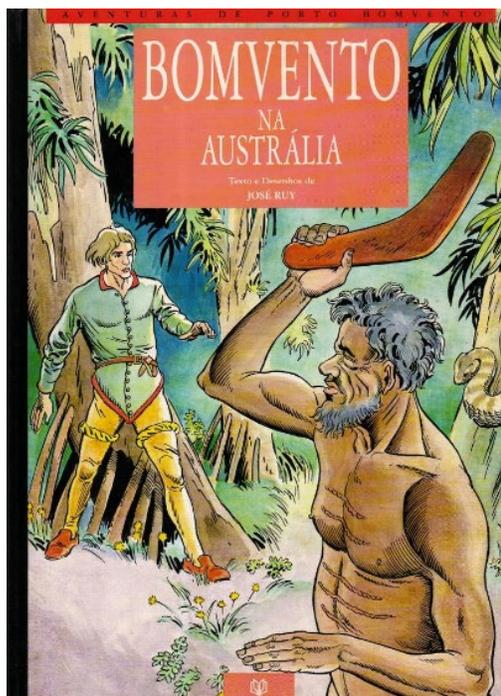
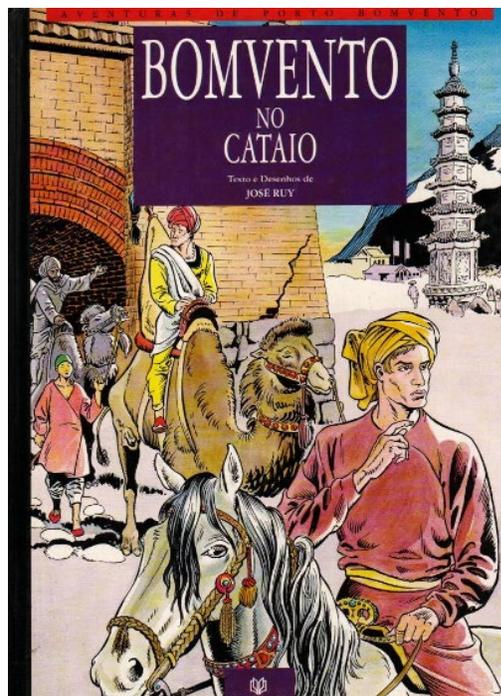
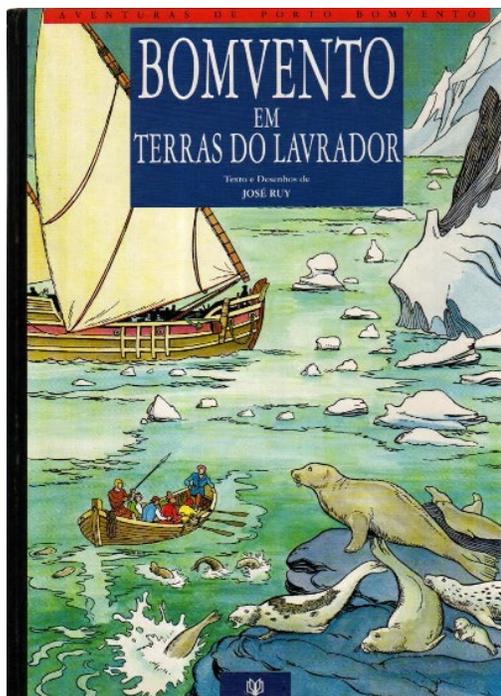
– *Bomvento no Cataio* – álbum (44p) – Asa (1991).

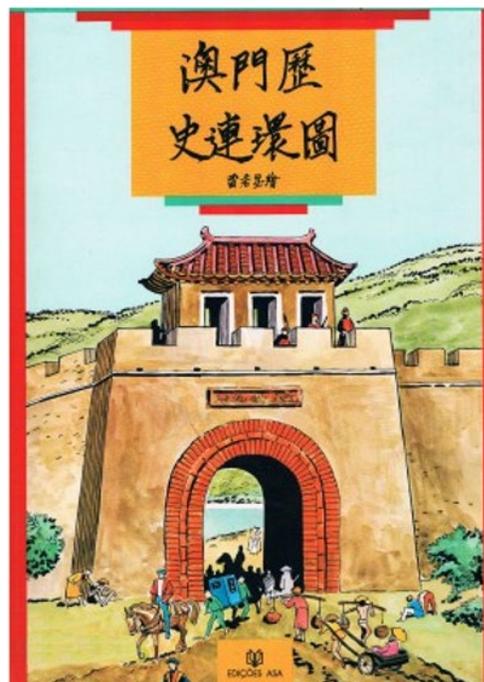
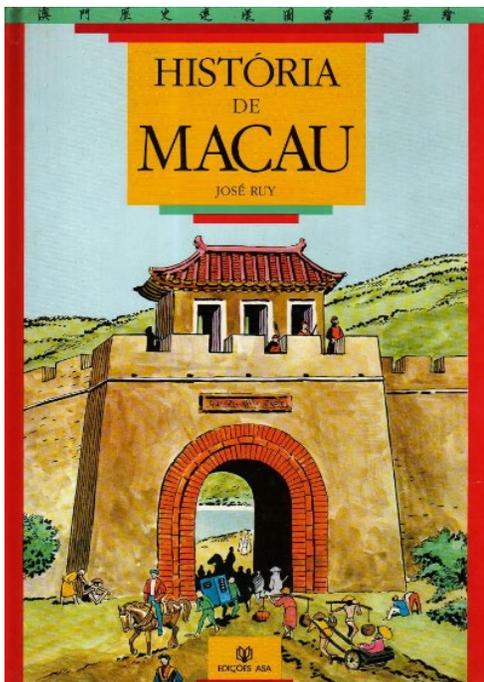
– *Bomvento na Austrália* – álbum (44p) – Asa (1991).

– *Bomvento Recorda a Infância* – álbum (44p) – Asa (1992).

- *História de Macau* – álbum (30p) – Asa (1989).
- *História de Macau* – álbum (30p) – Asa (1989) – versão em cantonês.







“Em Portugal, em 1992, começou uma crise e a matéria prima para a confecção de livros aumentou. Eu estava na editora Asa e o dono da editora consultou-me sobre o que achava que se podia fazer. Como sou um prático, propus que reduzíssemos o número de páginas de 48 para 32. Eu estava a terminar a coleção Porto Bomvento e trabalhava numa história sobre a implantação da República em Portugal, *Mataram o Rei!... Viva a República!*. A seguir tínhamos em agenda a história da Amadora, a minha terra Natal. Foi esse o livro de ensaio. Estruturei o guião de modo a contar a mesma história, mas em 30 páginas de desenhos. Isso reduziu tudo, a quantidade de papel e menos cadernos a imprimir. Com essa economia conseguiu-se manter o mesmo preço de capa. A partir daí, a editora convenceu os meus colegas a fazerem o mesmo”.

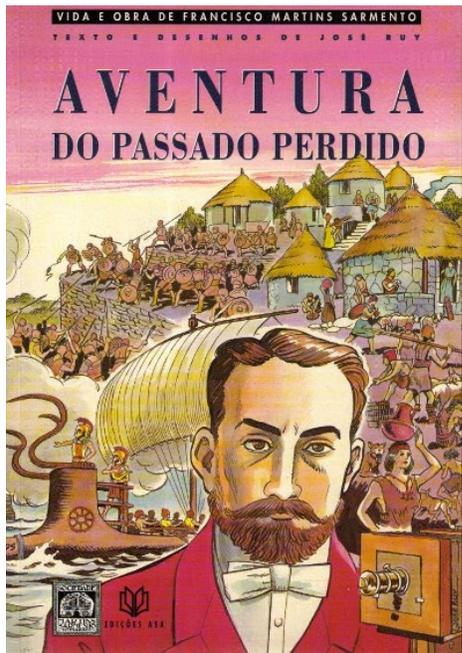
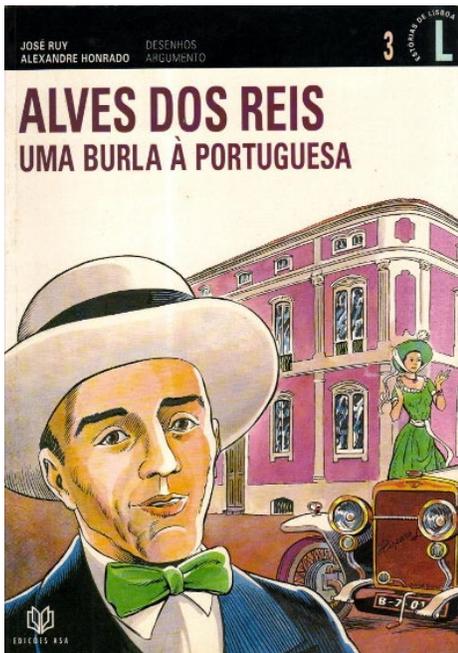
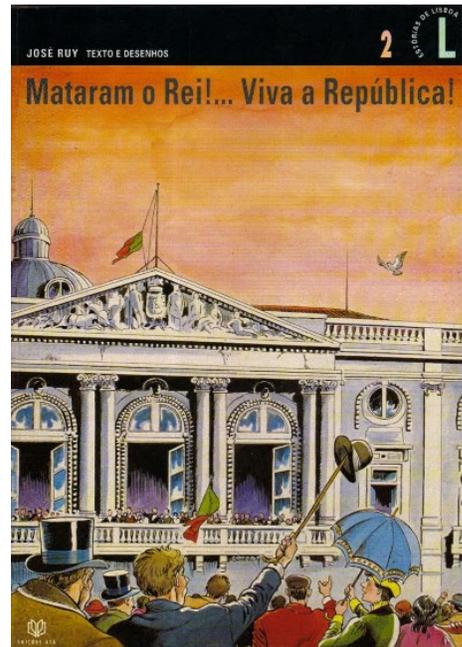
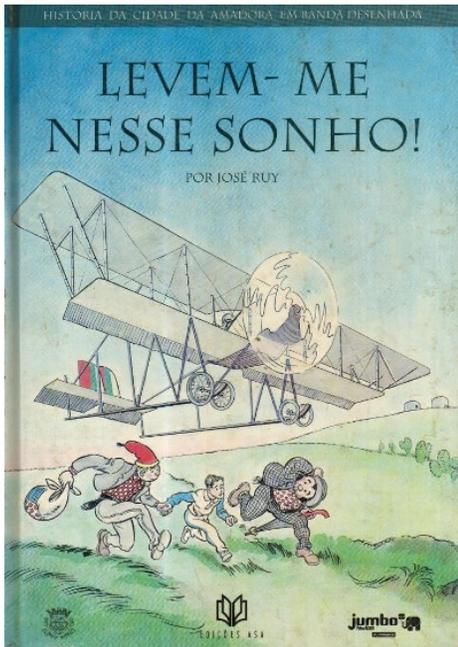
José Ruy já havia experimentado a opção de fazer HQs de 30 páginas com *Jorge Dimitrov* e *História de Macau*, esta pela própria Asa. Com a crise, a experiência se tornou o padrão na editora.

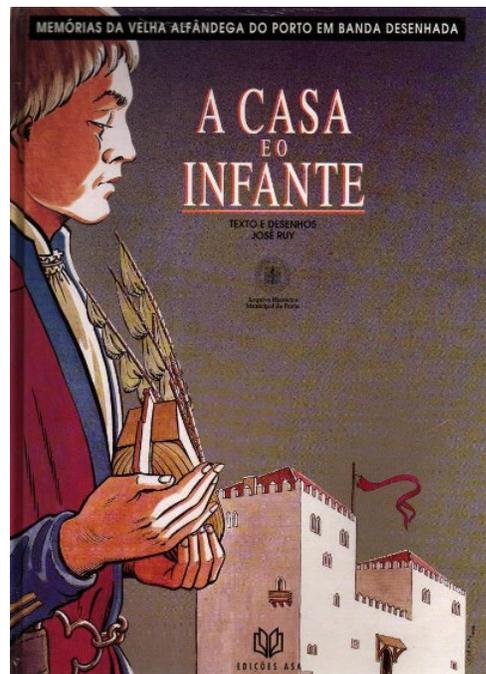
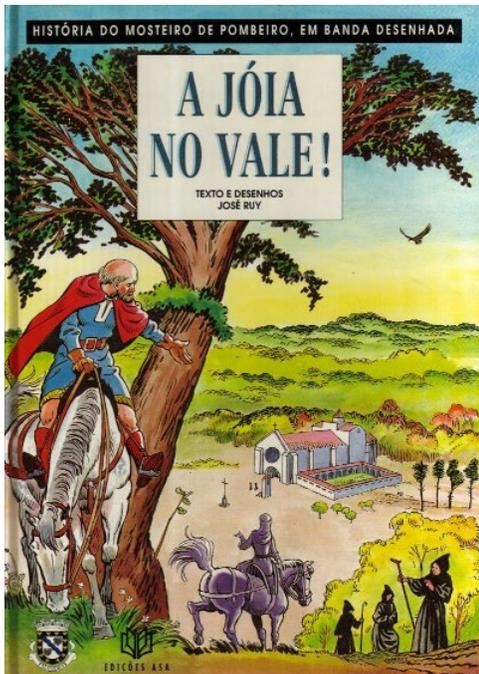
“Em dezembro de 1995 saiu o livro *A Jóia no Vale*, quando eu era funcionário da Asa, pois tinha um contrato em que me mantinham um ordenado fixo e eu fazia dois livros por ano. Quando as vendas cobriam a despesa de produção incluindo os meus honorários, passava a receber direitos de cada obra, a partir daí. Esta obra tinha-me sido sugerida quando fui convidado para ir a Felgueiras, na inauguração da sua biblioteca, fazer um seminário sobre o processo do meu trabalho e me mostraram o Mosteiro de Pombeiro, com graves problemas de telhado, o que estava a por em risco, por causa de infiltrações, os cadeirões da colegiada da Igreja, em madeira macacaúba, do Brasil. Em parte do Mosteiro estava instalada uma vacaria, desde quando as ordens religiosas tinham sido extintas em Portugal. A Autarquia tinha em curso uma campanha de sensibilização para os problemas do imóvel, que datava de antes da nossa nacionalidade, portanto do século X. Achei a ideia e a história aliciante, interessei o editor e o livro saiu com a garantia de Felgueiras adquirir 3.000 exemplares da tiragem”.

Seguindo a temática histórica, os álbuns seguintes de José Ruy foram: *Levem-me Neste Sonho!*, sobre a cidade de Amadora; *Mataram o Rei!... Viva a República!*, sobre a instalação da República em Portugal; *Alves dos Reis, Uma Burla à Portuguesa*, biografia de Alves dos Reis; *Aventuras do Passado Perdido*, biografia de Francisco Martins Sarmiento; *A Jóia no Vale!*, história do Mosteiro de Pombeiro; e *A Casa e o Infante*, história da velha Alfândega do Porto.

- *Levem-me Nesse Sonho!* – álbum (30p) – Asa (1992) – 2ª ed. (1993).
- *Levem-me Nesse Sonho!* – álbum (30p) – Asa (1992) – edição para a Câmara Municipal de Amadora e Jumbo/Pão de Açúcar.
- *Mataram o Rei!... Viva a República!* – álbum (46p) – Asa (1993) – “Col. Estórias de Lisboa” nº 2.
- *Alves dos Reis, Uma Burla à Portuguesa* – álbum (30p) – des. – Asa (1994) – “Col. Estórias de Lisboa” nº 3.
- *Aventuras do Passado Perdido* – álbum (30p) – Asa (1994).

- *A Jóia no Vale* – álbum (30p) – Asa (1995).
- *A Casa e o Infante* – álbum (30p) – Asa (1996).





A fase áurea, em que a editora Asa produzia álbuns de vários autores portugueses, estava passando. José Ruy ainda fez mais um álbum, *Nascida das Águas*, história da Cidade das Caldas da Rainha. Como a Asa não conseguia mais manter a publicação de 2 álbuns de José Ruy por ano, abriu mão da exclusividade. Assim, José Ruy voltou a publicar algumas obras pelo Editorial Notícias.

Na Asa, José Ruy ainda publicou uma pequena HQ no livro dedicado a Vasco Granja, em 2003, e teve todas as 8 aventuras de Porto Bomvento compiladas em dois volumes no formato livro.

- *Nascida das Águas* – álbum (30p) – Asa (1999).
- “Tipografia Clandestina” (2p) – des. – *Vasco Granja – Uma Vida... 1000 Imagens* – Asa (2003).
- *As Aventuras de Porto Bomvento* volume 1 – álbum (176p) – Asa (2005).
- *As Aventuras de Porto Bomvento* volume 2 – álbum (176p) – Asa (2005).

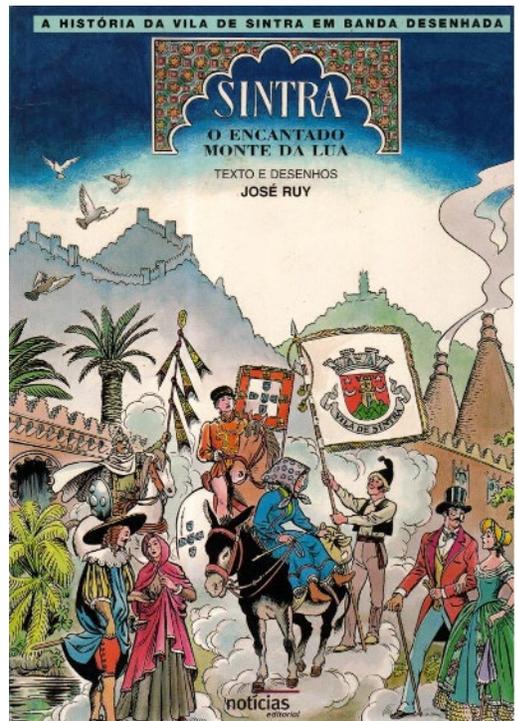
Novas boas notícias

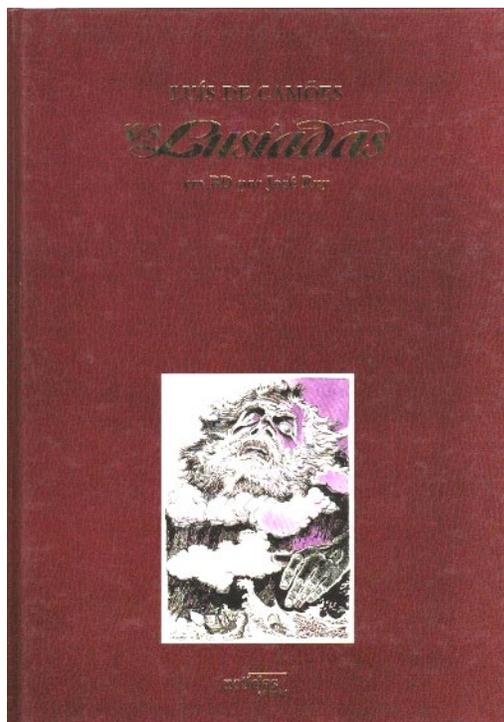
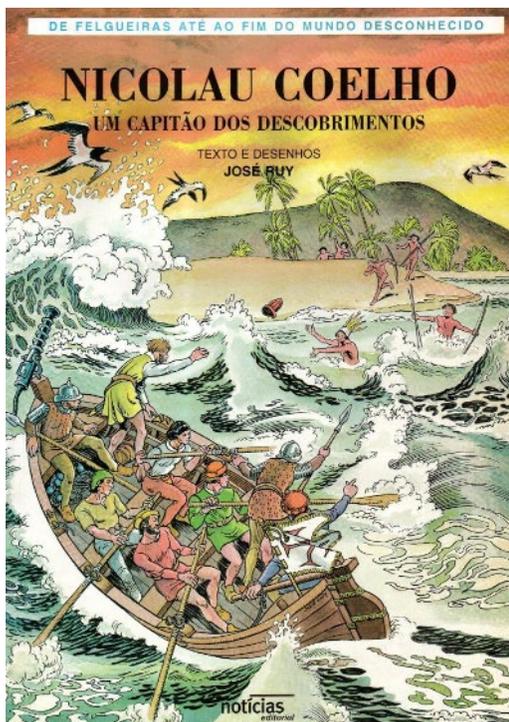
“Eu arranjei um cliente, O Soajo, e fizeram (a Asa) um orçamento para mandar à Autarquia, mas em vez de o enviarem por escrito, deram-me pelo telefone e fui eu a dar os valores. A Autarquia aceitou e de repente a Asa vem dizer-me que se tinham esquecido de incluir valores. Estava disposto a desistir do trabalho, quando encontro o Baptista Lopes, na altura ainda no Editorial Notícias, desabafei com ele, que me disse que o valor apresentado pela Asa dava para fazer a edição e pagar-me os desenhos. Por isso esse livro foi editado pelo Editorial Notícias, e até teve edição em inglês e francês.”

“Como o *Nicolau Coelho* tem um assunto muito vasto, e daria para mais dois álbuns, fiz um resumo do tema, porque o que interessava era destacar o Nicolau Coelho nas suas intervenções na História. O estratagema de ir metendo separadores foi precisamente para permitir dar saltos na narrativa histórica, avançando período de anos, para conseguir focar apenas o Nicolau. Embora eu não faça livros dirigidos “só” para crianças e jovens, a intenção dos promotores é realmente dar a conhecer aos escalões etários mais baixos figuras ou acontecimentos de destaque na sua região. E esses escalões não têm paciência para lerem ou mesmo só verem um livro com muitas páginas”.

Para o Editorial Notícias, José Ruy fez os álbuns: *O Juiz de Soajo*, a história da Vila de Soajo, com edições em francês e inglês; *Sintra – O Encantado Monte da Lua*, a história da Vila de Sintra, com edições em espanhol, francês e inglês; *Nicolau Coelho – Um Capitão dos Descobrimentos*, biografia de Nicolau Coelho. O Editorial Notícias ainda publicou um volume compilando todas as páginas de *Os Lusíadas*.

- *O Juiz de Soajo* – álbum (30p) – Notícias (1996).
- *Le Juge de Soajo* – álbum (30p) – Notícias (1996) – edição em francês.
- *The Judge of Soajo* – álbum (30p) – Notícias (1996) – edição em inglês.
- *Sintra – O Encantado Monte da Lua* – álbum (30p) – Notícias (1997).
- *Sintra – El Monte Encantado de la Luna* – álbum (30p) – Notícias (1997) – edição em espanhol.
- *Sintra – Le Mont Enchanté de la Lune* – álbum (30p) – Notícias (1997) – edição em francês.
- *Sintra – The Enchanted Moon Cliff* – álbum (30p) – Notícias (1997) – edição em inglês.
- *Nicolau Coelho – Um Capitão dos Descobrimentos* – álbum (30p) – Notícias (1997).
- *Os Lusíadas* – álbum (112p) – Notícias (2000).





Notas paralelas

Na década de 1990, José Ruy ainda publicou algumas histórias curtas, uma na revista *Notícias Magazine*, outra no catálogo *O Humor Não Tem Idade*, retomou os personagens clássicos Zé Pacóvio e Grilinho, criação de António Cardoso Lopes (Tiotónio), em forma de tiras para o *Jornal da Amadora*, e fez sua última colaboração com uma revista especializada em quadrinhos, a 2ª série de *Seleções BD*. No final da década, a partir de 1999, José Ruy iniciou sua colaboração com a editora Âncora, que durou mais de 20 anos, onde deu prosseguimento a sua produção de álbuns com temática histórica, tanto obras inéditas quanto republicação de seus trabalhos anteriores.

Na segunda série da revista *Seleções BD*, iniciada em 1998, José Ruy intermediou o contato entre a editora e Eduardo Teixeira Coelho, para publicação de toda a sua obra, o que não se concretizou. Mas serviu de estímulo para que fossem organizados, graças ao trabalho voluntário de Jorge Magalhães, todos seus originais (mais de 4.000 páginas) que haviam sido doados ao Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem de Amadora.

“Em dada altura o Jorge Magalhães mostrou desejo de que eu fizesse uma história para sair completa num número de *Seleções BD*. Lembrei-me de uma lenda que ouvira contar numa viagem ao Médio Oriente, por um guia, e construí um argumento a partir daí. Chamei-lhe ‘A Estátua Perdida’”.

“Já no ano 2000, o Jorge Magalhães, que de há muito insistia para que eu retomasse as “Lendas Japonesas” que nos anos 1950 iniciara na revista *Flama*, me propôs que as publicasse nas *Seleções BD*. Embora tivesse publicado 9 lendas sobre as traduções de Wenceslau de Moraes, muitas mais tinham ficado por desenhar. Seria interessante continuar a série com

novos títulos. No entanto, resolvi refazer a primeira lenda com que tinha iniciado a rubrica em 1949, “Amaterasu, a Deusa da Luz do Sol”, com uma diferença de meio século. Seguiu-se outra lenda, mas entretanto a editora Meribérica começou a sofrer de desequilíbrio na sua gestão. Para ajudar, a distribuidora da editora faliu e feriu de morte a Meribérica. Esta suspendeu as publicações. ‘As Lendas Japonesas’ foram interrompidas”.

Em 2001, a editora Âncora, juntamente com o Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem, publicam o livro *José Ruy – Riscos do Natural*, escrito por Leonardo de Sá e António Dias de Deus, destacando a obra do autor até aquela data, com ênfase para os esboços feitos a partir do natural. Este livro trouxe uma HQ inédita de José Ruy, “O Demónio Cego”. Esta é uma das raras HQs de José Ruy sem texto, traz apenas onomatopeias.

– “Maria Jornalista: Desencontro no Porto” (2p) – *Notícias Magazine* nº 87 (jan/1994).

– “Cocorocó! Quiriqui! Em BD” (1p) – *O Humor Não Tem Idade* (1999).

– “Zé Pacóvio e Grilinho!” (tiras) – *Jornal da Amadora* a partir do nº 1001 (2000).

– “A Estátua Perdida” (10p) – *Seleções BD* (2ª s.) nº 4 (fev/1999).

– “Lenda Japonesa: Amaterasu, a Deusa da Luz do Sol” (5p) – nova versão – *Seleções BD* (2ª s.) nº 25 (nov/2000).

– “Lenda Japonesa: As Duas Rãs Curiosas” (5p) – *Seleções BD* (2ª s.) nº 30 (abr/2001).

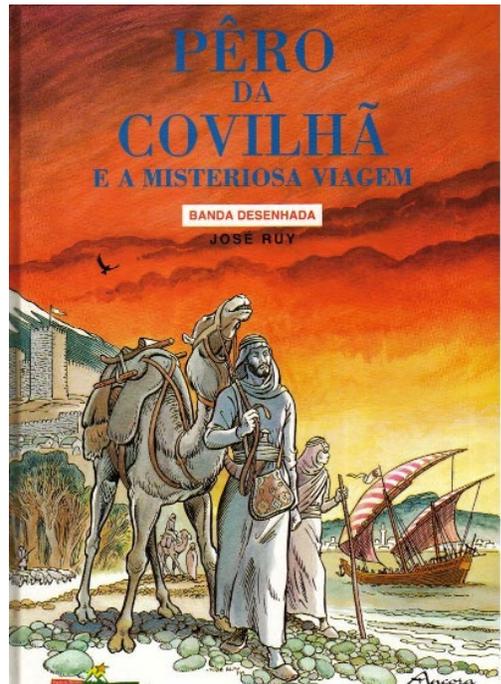
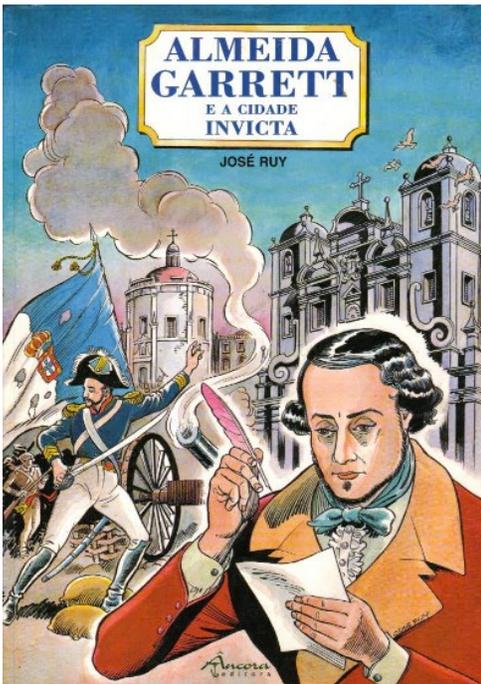
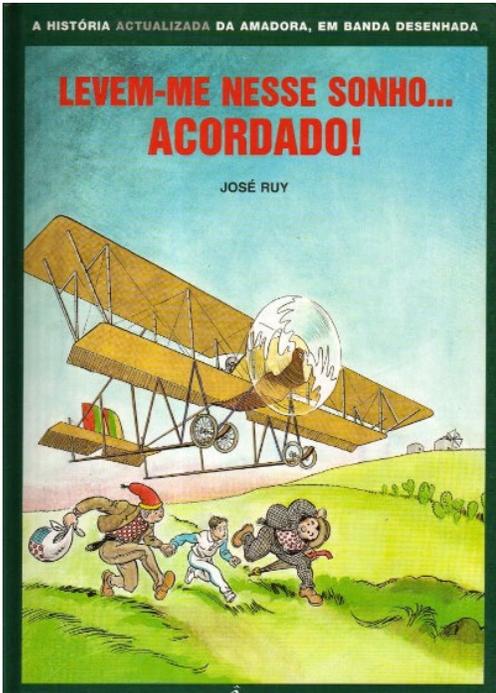
– “O Demónio Cego” (8p) – *José Ruy – Riscos do Natural* – Âncora (2001). Republicada em: – *Cadernos Moura BD* nº 11 (mai/2022).

Levantando a âncora

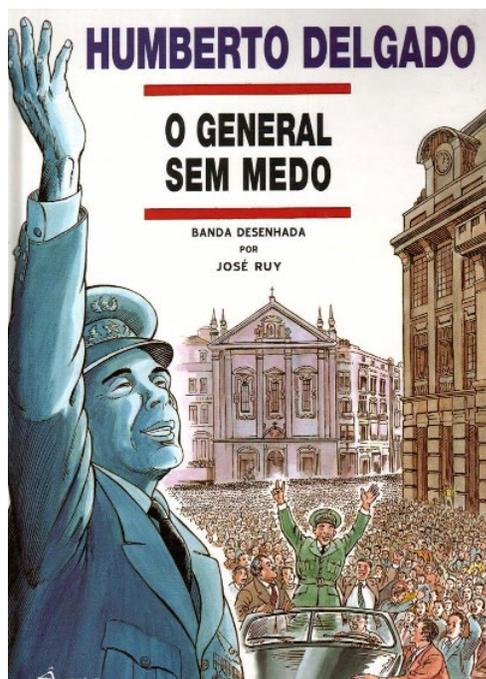
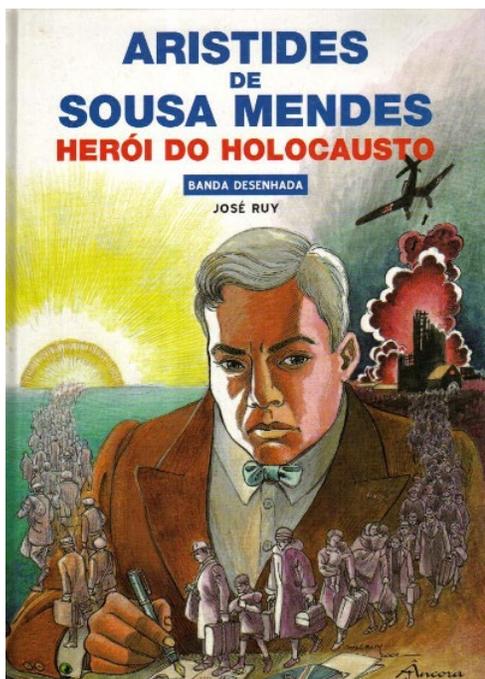
A partir de 1999, José Ruy iniciou uma parceria duradoura com a editora Âncora, numa coleção com o nome genérico de “História”, com a publicação de vários livros de grandes autores portugueses como José Pires, José Garcês, Eugênio Silva, Carlos Baptista Mendes e João Amaral. A coleção começou com a história atualizada de Amadora de José Ruy, *Levem-me Nesse Sonho... Acordado!*, e continuou com várias obras inéditas de José Ruy e algumas reedições. O volume 10 dessa coleção não trouxe uma HQ de temática histórica como todos os demais. O livro *José Ruy – Riscos do Natural* é um estudo de Leonardo de Sá e António Dias de Deus sobre José Ruy.

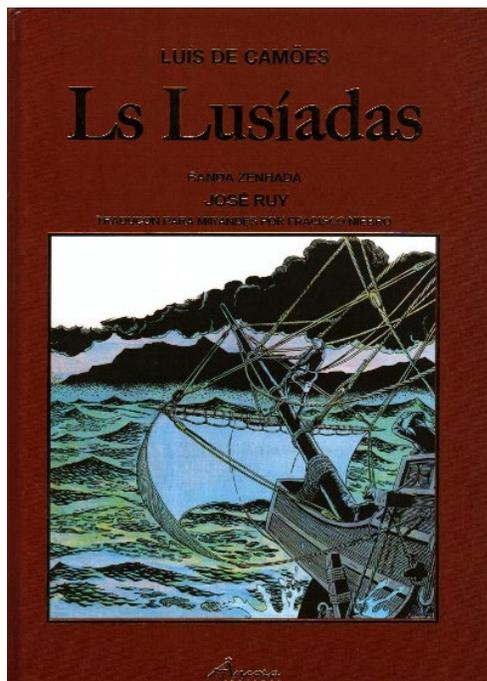
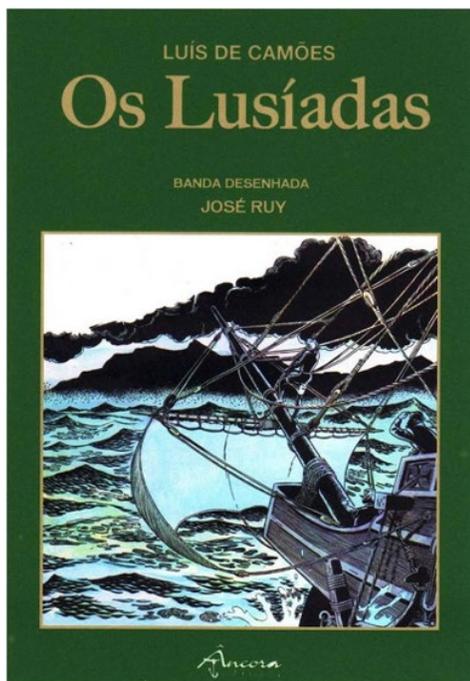
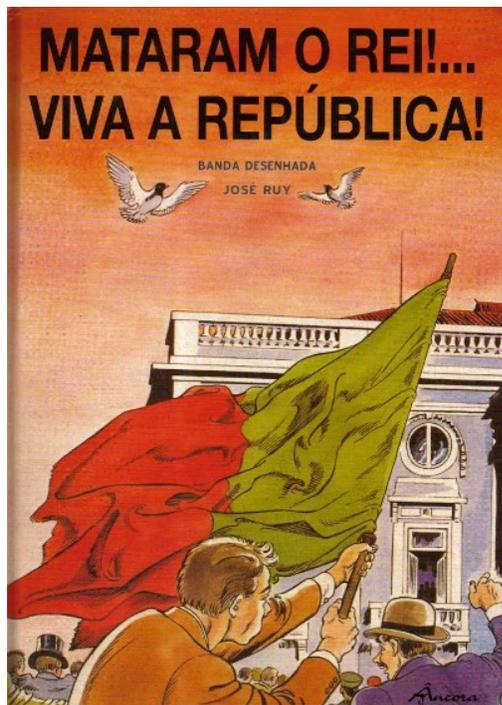
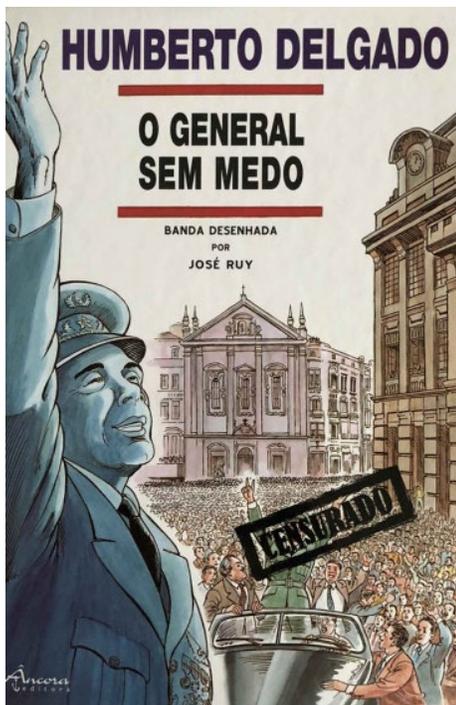
- *Levem-me Nesse Sonho... Acordado!* – álbum (36p) – versão ampliada – Âncora (1999).
- *Almeida Garrett e a Cidade Invicta* – álbum (30p) – Âncora (1999).
- *Pêro da Covilhã e a Misteriosa Viagem* – álbum (30p) – Âncora (2000).

Na primeira década do novo século, José Ruy produziu 4 novos álbuns pela editora Âncora: as biografias *Aristides de Sousa Mendes* e *Humberto Delgado*, e as histórias sobre Amarante e o povo Mirandês. Este álbum teve uma versão em mirandês, um dialeto falado na região de Miranda do Douro. Também foram reeditadas duas obras de José Ruy: *Mataram o Rei!... Viva a República!* e *Os Lusíadas*, esta também com versão em mirandês. Uma curiosidade é que o álbum sobre Humberto Delgado teve uma capa alternativa com a palavra “Censurado” impressa sobre a imagem. Neste período, José Ruy ainda produziu uma pequena HQ para a Câmara Municipal de Moura.



- *Aristides de Sousa Mendes – Herói do Holocausto* – álbum (30p) – Âncora (2004).
- *Humberto Delgado – O General Sem Medo* – álbum (30p) – Âncora (2005).
- *Mataram o Rei!... Viva a República!* – álbum (46p) – 2ª edição – Âncora (2008).
- *Os Lusíadas* – álbum (112p) – 7º edição – Âncora (2009).
- *Ls Lusíadas* – álbum (112p) – Âncora (2009) – edição em mirandês.
- *Mirandês* – álbum (30p) – Âncora (2009).
- *Mirandês* – álbum (30p) – Âncora (2009) – edição em mirandês.
- *Amarante – A Heróica Defesa da Ponte* – álbum (30p) – Âncora (2009).
- “Salúquia, a Moura” (4p) – *Salúquia* – Câmara Municipal de Moura (2009).





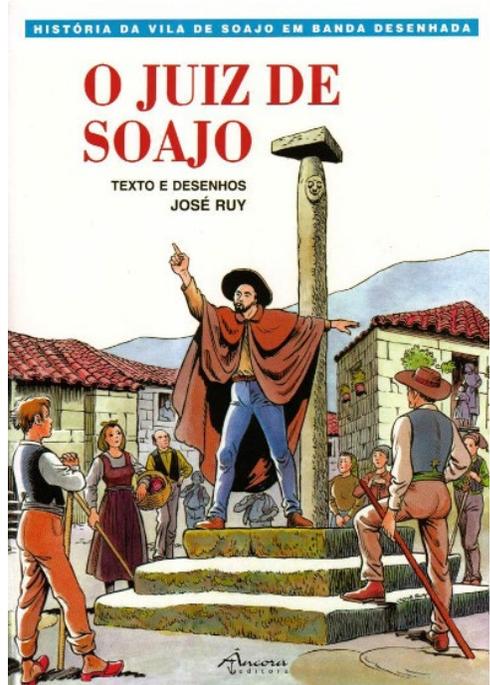
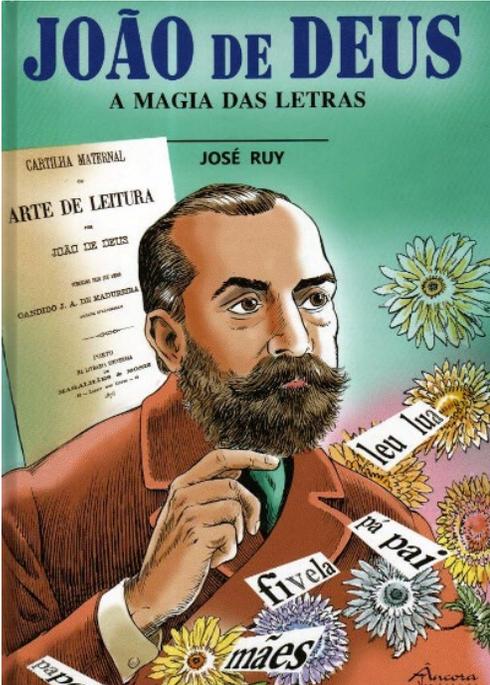
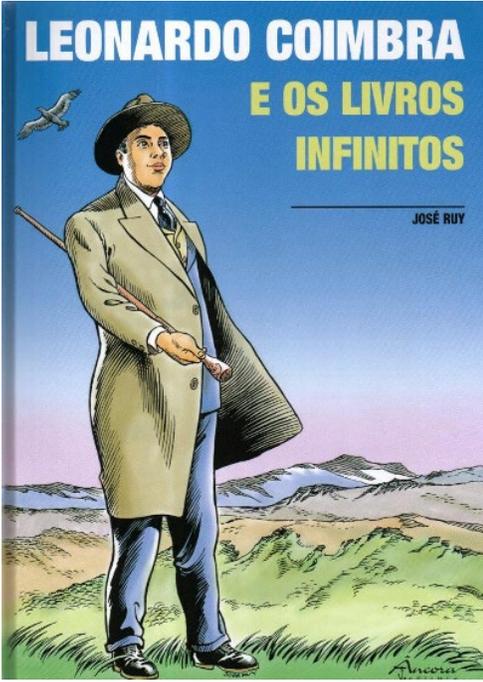
A década de 2010 foi extremamente produtiva para José Ruy. A editora Âncora publicou as biografias *Leonardo Coimbra*, *João de Deus*, *Carolina Beatriz Ângelo*, e as histórias das regiões de Valdevez, Ilha do Corvo e Ilha Terceira de Açores, além das reedições de *O Juiz de Soajo*, *Fernão Mendes Pinto*, *Nascida das Águas* (atualizada) e *Levem-me Nesse Novo Sonho* (nova atualização).

Também nesta década José Ruy publicou as versões em inglês e francês de *Aristides de Sousa Mendes*, pela Sousa Mendes Foundation, produziu o álbum *A Brincar Vamos Associar* para a Fundação Montepio, e teve sua história sobre o Infante Don Henrique publicada em álbum pela Gicav.

“A Presidente da Câmara de Felgueiras, onde o filósofo Leonardo Coimbra nasceu, desafiou-me a fazer em quadrinhos a vida deste importante intelectual para que a juventude tivesse conhecimento da sua notável obra. Era uma tarefa difícil explicar a escalões etários mais baixos a vida de um dos maiores filósofos nacionais. Era matéria pesada que perigava cair no insucesso. Pensei numa maneira de aliciar a leitura desde o início da narrativa, incluindo a figura do filósofo quando menino, mas arriscando o insólito, contracenando com ele próprio adulto”.

“Como ele morreu muito cedo devido ao desastre de viação, ocorreu-me tirar partido do que se conta de que na hora da morte, no cérebro do ser humano perpassa numa fração de segundo toda a sua vida. Essa narrativa é esse momento. Ao morrer no acidente, todo o seu viver passa num flash perante os seus olhos. Foi a solução que encontrei. O fato é que resultou. É lido como uma fantasia, mas do argumento incrível o leitor fica a saber alguma coisa do que pretendemos transmitir”.

- *Leonardo Coimbra e os Livros Infinitos* – álbum (30p) – Âncora (2011).
- *João de Deus – A Magia das Letras* – álbum (30p) – Âncora (2013).
- *O Juiz de Soajo* – álbum (30p) – Âncora (2014).

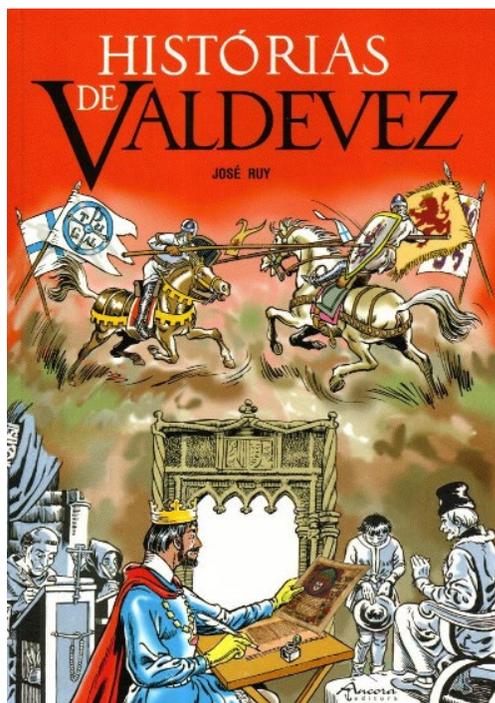
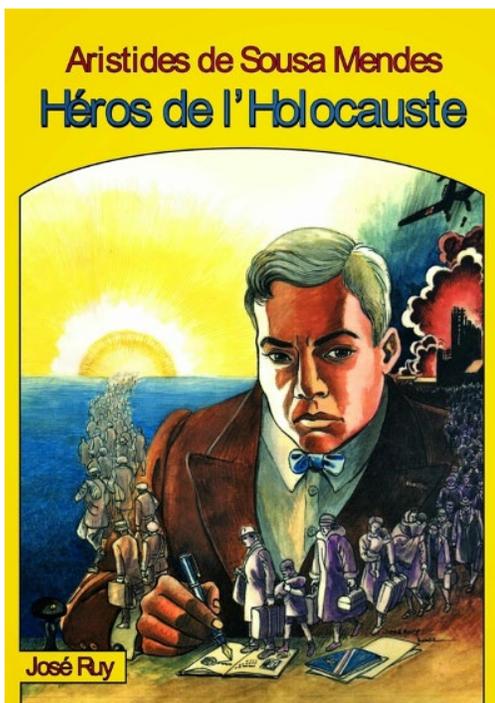
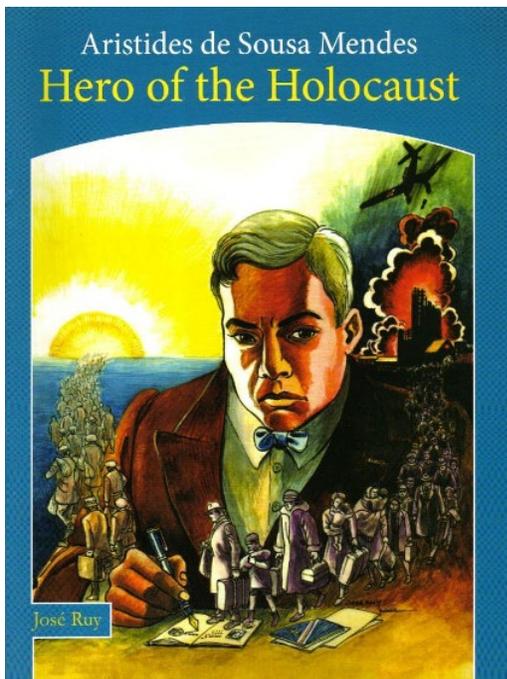
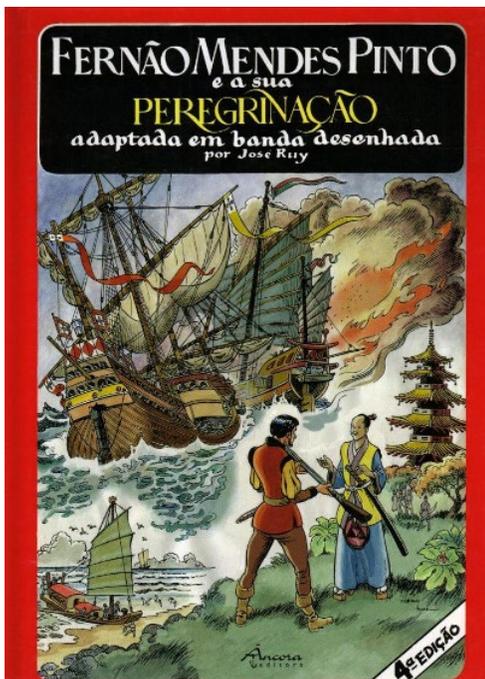


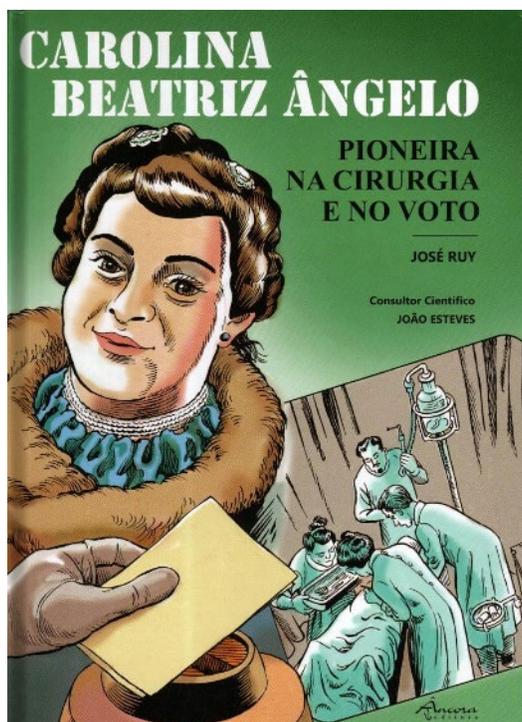
“Efetivamente a impressão do livro Aristides de Sousa Mendes nos Estados Unidos puxou muito pela cor, e a qualidade do papel também ajudou; o papel offset absorve a tinta e deixa a imagem mais baça. Em Portugal costume acompanhar a impressão nas gráficas e regular a força das tintas, para evitar o excesso. Mas essa edição, bem como a de língua francesa para o Canadá, ambas impressas em Nova Iorque, saiu assim”.

“Este livro – *Histórias de Valdevez*, uma cidade no norte de Portugal, precisamente no Alto Minho – contempla realmente os dois acontecimentos mais importantes para o país em tantos anos de História, e pretendeu-se assinalar neste 2016 a comemoração dos 500 anos da entrada em vigor do Foral, outorgado pelo Rei Manuel I. Ele fez cerca de 500 novos Forais beneficiando a justiça em todo o País”.

“Também de 2016 (é a história da) vida de uma médica que no princípio do século XX foi a primeira mulher a votar neste país, em 1911, e a realizar uma operação cirúrgica em 1907. Este livro, *Carolina Beatriz Angelo*, (foi) apresentado na ordem dos Médicos em Lisboa, no dia 12 de dezembro de 2016. A obra (foi) apresentada pelo historiador Dr. João Esteves e pelo Dr. Jaime Teixeira Mendes, presidente do Conselho Regional do Sul da Ordem dos Médicos”.

- *Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação* – álbum (52p) – 4^o edição – Âncora (2015).
- *Aristides de Sousa Mendes – Hero of the Holocaust* – álbum (30p) – Sousa Mendes Foundation (2015).
- *Aristides de Sousa Mendes – Héros de l’Holocauste* – álbum (30p) – Sousa Mendes Foundation (2015).
- *A Brincar Vamos Associar* – des. – álbum – Fundação Montepio (2015).
- *Histórias de Valdevez* – álbum (30p) – Âncora (2016).
- *Carolina Beatriz Ângelo* – álbum (30p) – Âncora (2016).





“Na cidade de Viseu, no norte de Portugal, existe uma organização, GI-CAV – Grupo de Intervenção e Criatividade Artística de Viseu, com grande atividade e qualidade. Este ano (2016) estão a comemorar a figura do Infante Dom Henrique e pediram-me para autorizar a edição dessa história de 1960. Digitalizei, melhorei a cor e fiz novas legendas, pois a ideia não é reproduzir aquela edição, mas aproveitar a história gráfica”.

“A história de uma coluna militar que, um mês antes do nosso golpe que derrubou o regime da ditadura em 25 de abril de 1974, saiu do quartel da Cidade das Caldas da Rainha sobre Lisboa. Mas não teve apoio de outras unidades, e o golpe falhou. Isso serviu de ensaio para que quatro semanas depois os capitães descontentes se organizassem melhor conseguindo o êxito que se sabe. Pois a Cidade das Caldas da Rainha comemora todos os anos esta data (16 de março) e vai erigir um monumento frente a esse quartel. Desafiaram-me a fazer em HQ esse gesto dos militares. Eu tenho feito já a História das Caldas da Rainha, há 20 anos, e agora acrescento este episódio histórico. Portanto, é uma reedição do livro com mais esta parte nova. O nome Nascida das Águas é porque há aí umas termas milenárias, e a cidade foi-se formando à volta das águas sulfurosas”.



Maquete da nova capa do álbum e ilustração definitiva para compor a capa

“Por mim, *A Ilha do Corvo* – sobre episódio ocorrido na ilha mais pequena do Arquipélago de Açores – seria um livro mesmo a preto e branco, o que até sairia muito mais barato, mas o editor e o promotor acham que o livro assim pode parecer inacabado, pois em Portugal criou-se o hábito do livro colorido, à maneira dos franco-belgas.”

– *Infante Don Henrique* – álbum – Gicav (2016) – republicação de *Infante Don Henrique*.

– *Nascida das Águas e o 16 de Março de 1974* – álbum (30p) – edição atualizada – Âncora (2018).

– *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas* – álbum (30p) – Âncora (2018).

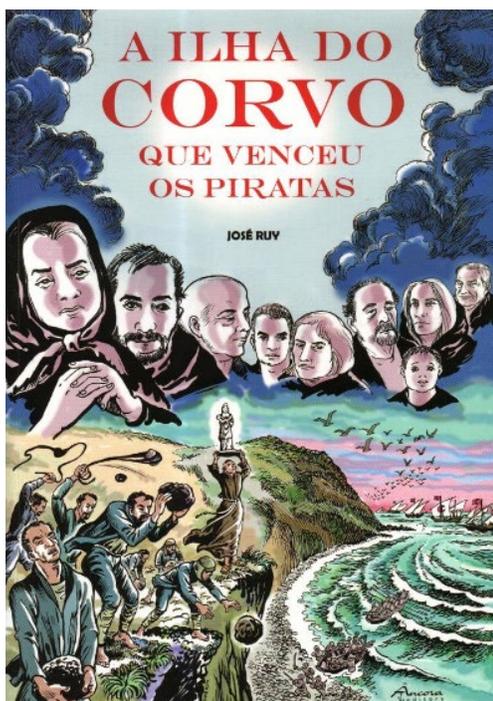
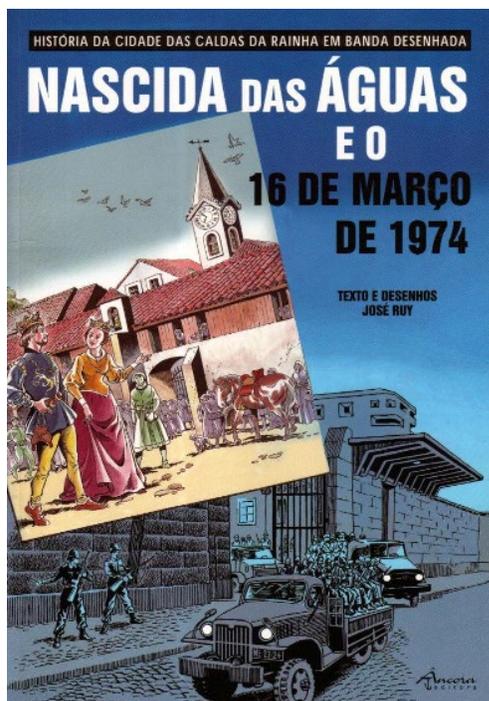
“Estou a trabalhar na quarta edição da História da Amadora, que teve duas atualizações, desde 1992, e agora estou a fazer uma reestruturação total, com os últimos acontecimentos históricos no Concelho”.

“Estou a colaborar numa exposição de trabalhos de Eduardo Teixeira Coelho na sua terra natal, a Ilha Terceira, no arquipélago de Açores, que se realizará em março de 2020. Trouxe mais um desafio lançado pelo presidente do Instituto Açoriano de Cultura, de realizar em quadrinhos a história de uma célebre batalha na Ilha Terceira, em 1828, que definiu a nossa independência quando Portugal esteve sob o domínio da Espanha. Dom Pedro IV, título em Portugal, depois de ter deixado no trono do Brasil um seu filho, chega à Ilha Terceira de Açores para organizar um exército e uma esquadra para libertar o nosso país do jugo despótico de D. Miguel”.

– *Levem-me Nesse Novo Sonho!* – álbum (38p) – versão ampliada – Âncora (2019).

– *O Heroísmo de uma Vitória* – álbum (30p) – Âncora (2020).

– *A Heroic Victory* – álbum (30p) – Âncora (2020) – edição em inglês.



Até o último suspiro

“Estes trabalhos vão surgindo em forma de desafio, continuo a aceitar enquanto tiver saúde que o permita fazer, já que se impõe a deslocação aos locais para a pesquisa, falar com pessoas que muitas vezes mantêm uma tradição oral, que permite criar enredos e argumentos para envolver a carga histórica”.

A década de 2020 encontrou José Ruy em plena atividade. A Câmara de Moura, por ocasião da exposição ‘José Ruy: Literatura e Banda Desenhada’, lançou o volume 11 de *Cadernos Moura BD* com a compilação de duas de suas HQs.

A editora Âncora, em comemoração aos 450 anos da publicação de *Os Lusíadas*, de Camões, lançou nova edição da adaptação feita por José Ruy.

Uma nova editora, a Polvo, se interessou em publicar projetos de José Ruy que não haviam sido finalizados. Estes projetos de álbuns em muitos casos já estavam com o lápis todo feito, esperando a arte-final e a colorização. Com a aprovação da editora, José Ruy terminou dois desses trabalhos, e os deixou prontos para impressão: *Lendas Japonesas* e *Os Templários*. Houve, no entanto, atrasos na editora e os álbuns não saíram com José Ruy em vida.

– *Cadernos Moura BD* nº 11 (mai/2022) – Câmara Municipal de Moura – republicação de “Porque Não Hei-de Acreditar na Felicidade?” e “O Demónio Cego”.

– *Os Lusíadas* – álbum (112p) – nova edição comemorativa – Âncora (2022).

MOURA BD

N.º 11

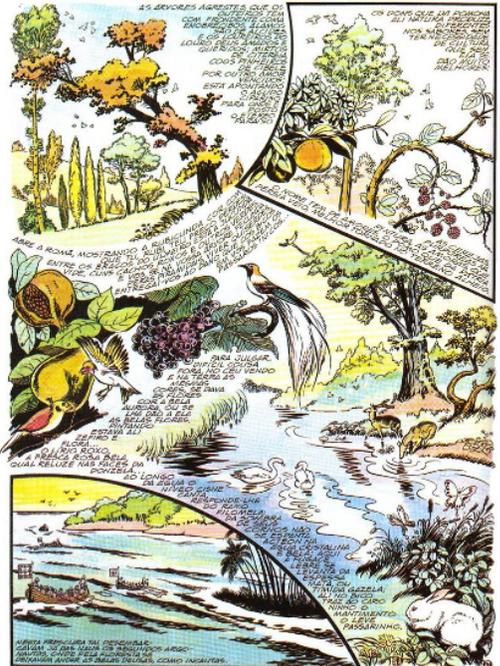
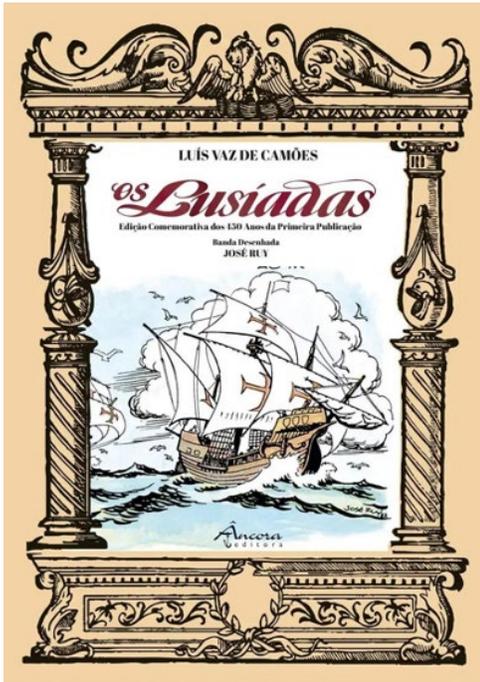
JOSÉ RUY



2 HISTÓRIAS COMPLETAS!

**PORQUE NÃO HEI-DE ACREDITAR NA FELICIDADE?
O DEMÔNIO CEGO**

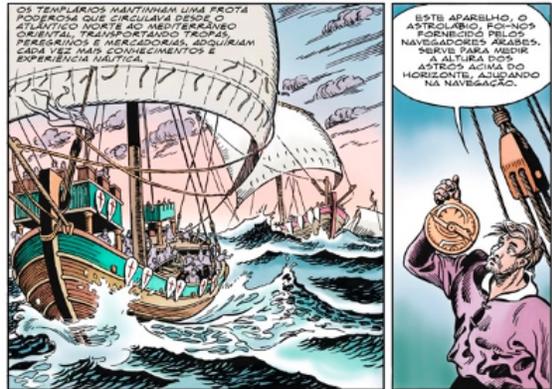
PORQUE NÃO HEI-DE ACREDITAR NA FELICIDADE?
Uma história de **ALVES REDOL** Adaptada para banda desenhada por José Ruy



LENDAS JAPONESAS

WENCESLAU de MORAES

JOSÉ RUY

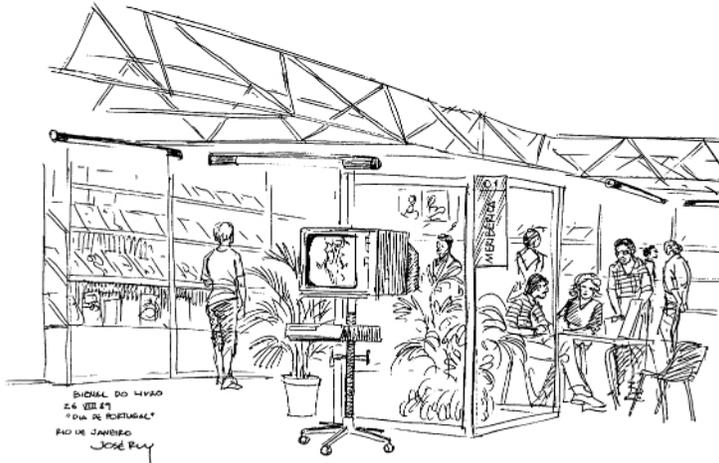
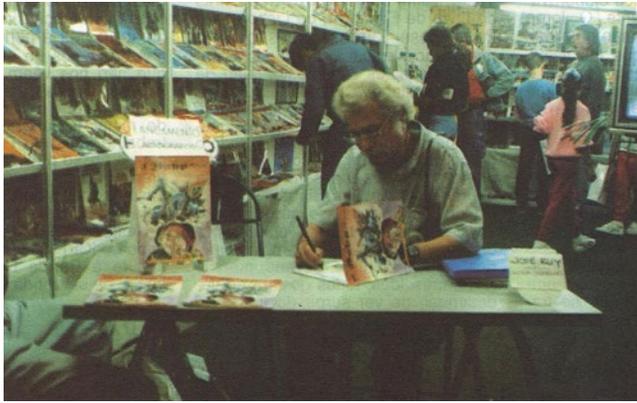


Distinções, exposições, atuações e afins

Ao longo de sua carreira, José Ruy acumulou exposições e prêmios, cerca de 27 distinções, entre elas o Primeiro Prêmio de Honra do Festival Internacional de BD da Amadora, em 1990, e a Medalha Municipal de Ouro de Mérito e Dedicção da sua cidade, que lhe valeu nomear uma escola e uma avenida de Amadora. Foi homenageado em eventos de BD em Lisboa, Sobreda, Amadora, Beja, Porto, Setubal, Moura, Viseu e ainda no Brasil e Bulgária. Realizou várias exposições em países europeus como França, Alemanha, Romênia, além de Brasil, China e Japão. É verbete no *Dictionnaire Mondial de la Bande Dessinée* (1998) e *Larousse de la BD* (2004), além de obras de referência portuguesas.

Em novembro de 1989, José Ruy e Jorge Magalhães tiveram presença destacada na IV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro. Além do lançamento de seu livro *O Bobo*, com as esperadas seções de autógrafos, José Ruy produziu ao vivo desenhos e HQs tanto para o público presente, alunos e professores, como para uma matéria da TV Globo.

“O Jorge Magalhães escrevia o guião num painel e eu, no cavalete que lhe ficava ao lado, ia fazendo vinheta a vinheta o desenho dos ambientes, das figuras e das legendas. O tema foi ‘O Caramuru’. O público infanto-juvenil agitou-se arrastando o adulto. Era um mar de gente interessada, admirada, fazendo perguntas. Jovens, menininhos, crescidos, todos gostam de ver desenhar, de ver surgir do fundo do branco do papel, puxadas pela ponta da pena afiada, as figuras e imagens que vem do nada e tomam forma”.



Esboço de José Ruy do stand da Meribérica na IV Bial do Rio de Janeiro

José Ruy teve uma exposição de seus trabalhos e fez palestras durante o Salão de Humor de Piracicaba, em 2000, fazendo a ponte entre o Festival de HQ da Amadora e o Salão de Humor.

No ano de 2009, esteve na Amazônia, onde fez palestra na Feira do Livro no Hangar de Belém do Pará.

Em 2012, José Ruy doou todo o seu acervo de originais, esboços e páginas de quadrinhos para o Centro Nacional de Banda Desenhada e Imagem de Amadora. Os esboços que José Ruy fazia, como os desenhos do natural no Jardim Zoológico, nas viagens através do mundo, nos estudos de novos projetos, constituem um acervo de 3.500 peças, assim como suas HQs constituem cerca de 1.400 páginas.

Em 2012, José Ruy, depois de ter adotado o uso do computador para uma série de atividades ligadas às Histórias em Quadrinhos, preparou um documento intitulado *Litografia Digital*, cujo conteúdo apresentava em palestras, sobre os processos de separação de cores, comparando os processos mecânicos, em que foi mestre, com os digitais, que passou a usar.

Em 2017, José Ruy decidiu fazer uma breve pausa em seus projetos e fazer uma experiência em outra forma de arte, o Teatro, encarnando a figura de Einstein num pequeno sketch posto em cena no auditório da Biblioteca Municipal de Amadora. Uma conversa imaginária entre Einstein, Calamity Jane e Simon Bolívar deu o mote para que José Ruy estreasse como ator.



Em 2018, a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, em Amadora, sediou o lançamento dos dois álbuns mais recentes de José Ruy. Em outubro, a apresentação de *Nascida das Águas* contou com a participação de Otelo Saraiva de Carvalho para falar do 18 de Março de 1974 e da sua reconstituição no álbum de José Ruy. Em novembro, a apresentação de *A Ilha do Corvo* teve como orador João Saramago, membro do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Neste ano, por ocasião do lançamento do álbum *A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas*, foi feita uma reprodução da imagem da capa do livro

em forma de um painel de azulejos que foi instalado no local onde se deu a batalha entre a população e os invasores, na Ilha do Corvo.



Dentro da programação do Amadora BD 2020, inaugurou-se a exposição ‘Do Tejo ao Fim do Mundo’, dedicada a José Ruy, uma passagem pelas viagens do autor através das suas pranchas, esboços e estudos, que contam a história do seu percurso enquanto criador de aventuras.

Durante o 17º Festival Internacional da Banda Desenhada de Beja, em maio de 2020, aconteceu a exposição ‘José Ruy e os Quadrinhos’, por ocasião dos 90 anos do autor. Durante o evento foi exibido o documentário *José Ruy – Uma Forma de Respirar*, feito por Manuel Monteiro, produzido pela Bedeteca de Beja.





Também em 2020, José Ruy cedeu entrevista a Ruy Alves de Souza para a estreia do programa de rádio e podcast *Pranchas e Balões*.

Em setembro de 2020, José Ruy deu uma longa entrevista de quase três horas a Francisco Ucha para o programa *Live de Quadrinhos*, disponível no Youtube, com participação de Toni Rodrigues, Ana Gisele França, Rui Brito e Paulo Monteiro.



O programa *Live de Quadrinhos* fez mais duas entrevistas com José Ruy, em novembro de 2021, com Ana Gisele França, e em junho de 2022, com Francisco Ucha.

Em 2021, José Ruy participou do lançamento do álbum *Heroísmo de uma Vitória* no evento cultural *Outono Vivo* na Ilha Terceira, onde se deu a célebre batalha em 1829.



Em maio de 2022, em Moura, na 41^a edição da Feira do Livro, teve lugar a exposição 'José Ruy: Literatura e Banda Desenhada'. Essa exposição, parceria entre as Câmaras Municipais de Moura e Viseu e do Grupo de Intervenção e Criatividade Artística de Viseu, seguiu para outras cidades, como Viriato e Viseu e para escolas e bibliotecas. Paralelamente a Câmara de Moura editou o nº 11 da coleção *Cadernos Moura BD* com duas histórias de José Ruy.



José Ruy e Carlos Rico em Moura – montagem da exposição em Viseu

José Ruy pôde ver, em sua longa carreira, a Banda Desenhada ganhar um reconhecimento institucional que não existia quando publicou seus primeiros trabalhos. Ele próprio contava uma história que aconteceu com Eduardo Teixeira Coelho. O autor levava seus desenhos para a gráfica de *O Mosquito*, onde trabalhava um funcionário que costumava passar esses originais para a filha pequena, para que ela os colorisse.

José Ruy conheceu praticamente todos os autores portugueses que atuaram a partir da década de 1940 e tornou-se um memorialista da idade de ouro da BD portuguesa, escrevendo vários artigos, publicados em várias revistas, livros e, mais recentemente, blogues.

Além de vinhetas, ilustrações

Além das histórias em quadrinhos detalhadas até aqui, José Ruy atuou intensamente nas atividades técnicas de várias revistas e editoras e com ilustrações para revistas e livros. Algumas dessas contribuições serão mencionadas a seguir.

Publicou contos ilustrados por ele mesmo e ilustrações para contos de outros autores em *O Papagaio* (1944-49). Na revista *Mundo Feminino* (1947) e no *Almanaque Alentejano 1948* (1947), publicou ilustrações para contos de Roussado Pinto. Fez a ilustração de capa do *Almanaque do Algarve 1948* (1947). Fez várias ilustrações para a revista *Flama* (1949-55). O livro *Brinquedos Cantados Portugueses* (1951) de Alberto Feliciano Marques Pereira teve algumas ilustrações suas. Trabalhou na separação litográfica de cores em *O Mosquito* entre final de 1947 e abril de 1949. Fez várias ilustrações para a revista *Titã* (1954-55). Trabalhou na separação litográfica de cores e fez capas e ilustrações para *Cavaleiro Andante* e seus números especiais (1954-59). Ilustrou a série de livros de Carlos Cascais, *Colecção Pinguim* (1955). Fez várias ilustrações esporádicas para o *Diário de Notícias* (1955-65). Ilustrou junto com Vitor Silva a cartilha *As Primeiras Letras* (1956) de Manuel António Janeiro Acabado. Fez ilustrações para o livro *Historiadores do Portugal Antigo* (1956) de Maria de Lurdes Belchior Pontes, além de outros volumes desta mesma coleção. Ilustrou os textos de Adolfo Simões Müller nos livros *O Exército Imortal* (1957) e *O Mercador da Aventura* (1966). Fez separação das cores em offset, ilustrações e capas da 2ª série de *O Mosquito* (1960-61) do qual foi um dos proprietários. Fez a paginação e orientação gráfica, além de várias ilustrações, para a revista *Magazine* (1966-68). Fez várias ilustrações para *Nau Catrineta* (1968-69), suplemento do jornal *Diá-*

rio de Notícias. Fez a execução gráfica das cores, além de várias ilustrações, para a revista *Pisca-Pisca* (1968-70). Foi o responsável gráfico da 1ª série da revista *Spirou* (1971-72). Fez ilustrações para a série “ABC Criminal” de Artur Varatojo para o jornal *O Século Ilustrado* (1971). Continuou a ilustrar a série “ABC Criminal” para a revista *Crime* (1974-75), para a qual também fez paginação e montagem, e várias ilustrações e cartuns. Utilizou antigos croquis de animais impressos para a venda em favor do Jardim Zoológico de Lisboa. Fez ilustrações para a *Cartilha Maternal de João de Deus* (1977). Fez capas e ilustrações para a série de livros *Sandokan* (1977) de Emílio Salgari. Fez as capas e ilustrações publicitárias da revista *Sherlock de Saias* (1977). Ilustrou vários textos para *O Templário* (1978-79). Fez várias ilustrações para a 2ª série da revista *Mundo de Aventuras* (1979-80). Fez a paginação e orientação gráfica da revista *Seleções de Mecânica Popular*, além de capas e ilustrações. Fez a capa e ilustrações para o livro *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (1980), adaptado por Adolfo Simões Müller. Fez a capa do nº 54 do suplemento *Quadrinhos* do jornal *A Capital* (1981). Ilustrou textos de outros autores para alguns números da revista *História* (1982-90). Fez ilustração para um número da *Revista da Armada* (1983). Ilustrou vários números da revista *Mama Sume* (1984-85). Fez capas e ilustrações para vários números de *Susy* (1985), com textos de Greta Stevens. Ilustrou o livro *Rio Douro* (1988) de Ana Maria Rocha e António José Rocha. Fez ilustrações para o livro *História dos Barcos Portugueses* (1989) de António do Carmo Reis. Fez ilustração para um número dos fanzines *Banda* (1990) e *Comic Cala-te* (1990). Fez ilustração para o primeiro volume de *História da BD Publicada em Portugal* (1995). Ilustrou o livro *As Quase Verdadeiras Aventuras de Hércules* (1997) de Adriana Freire Nogueira.



Capa do *Almanaque do Algarve 1948*, capa e ilustração da *Colecção Pinguim*

NO BALOIÇO

Não sei que oiço
No pátio gritar?...
Olha, é o Otão
De satisfação
Por ver no baloiço
Vir um para o chão
O outro ir para o ar!
E a rir e a pular
Está a gritar:
«Cuidado! senão...
Quem der trambolhão
Perdeu o lugar
E vou eu então».



Ilustrações para *Cartilha Maternal de João de Deus*, *Peregrinação de Adolfo Müller* e suplemento *Quadrinhos*

José Ruy escreveu nova série de artigos para o *BloguedeBD*, detalhando alguns trabalhos de ilustração de livros que fez durante sua carreira. A seguir alguns trechos de seus depoimentos.

“Os leitores conhecem melhor o meu trabalho nas histórias em quadrinhos, desconhecendo em grande parte as ilustrações chamadas soltas, em livros de texto ou em revistas. O fato é que tenho algum trabalho também nesse género de desenho”.

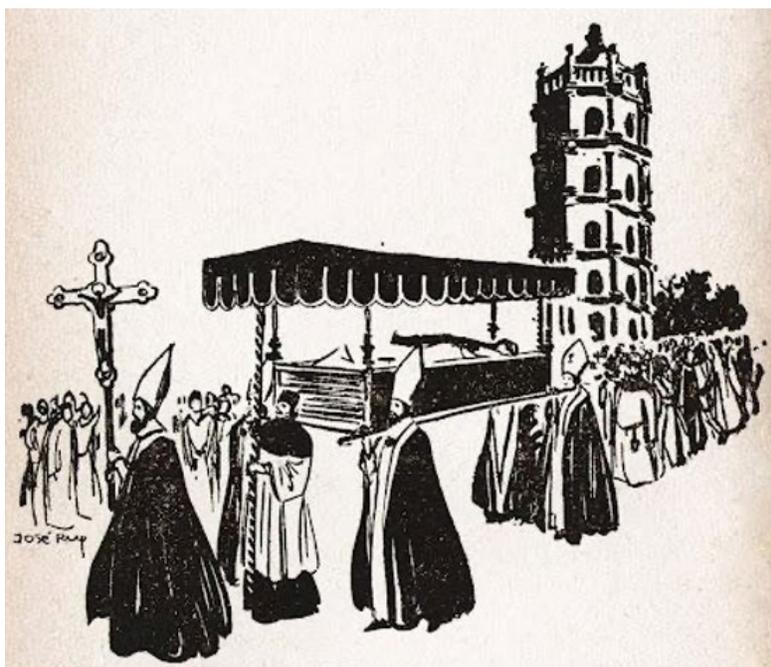
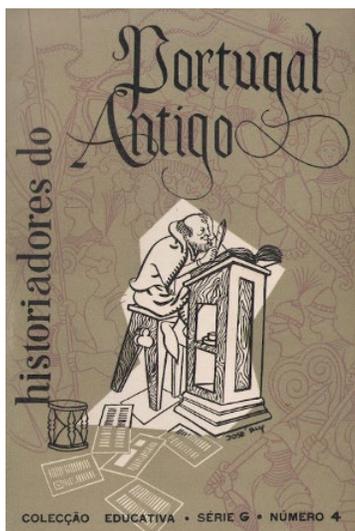
“Quando comecei a minha carreira, em 1944, curiosamente comecei como argumentista a escrever novelas com uma ou duas ilustrações”.

“Este livro *As Primeiras Letras* do Professor Janeiro Acabado, para o qual o meu amigo e colega Vitor Silva me convidou para fazer umas ilustrações, saiu por volta de 1949, creio, pois não tem data marcada. Embora este meu colega (quanto a mim o melhor do nosso grupo formado na escola António Arroio nessa altura) desenhasse tudo muito bem, achou de me convidar para fazer certas ilustrações, por eu estar a praticar o estudo dos animais, do natural. O livro foi igualmente impresso pelo processo tipográfico, por isso as imagens foram reproduzidas em zincogravura (em relevo) com as cores em separado. A meia-tinta da cor, conseguida por meio de retícula, foi incluída no próprio desenho, para evitar fazerem fotogravura, que encarecia o orçamento. Portanto, além do desenho da ilustração, fazíamos através de uma mesa de transparência o desenho da cor a tinta da china, pois a tonalidade era dada na oficina na altura da impressão”.



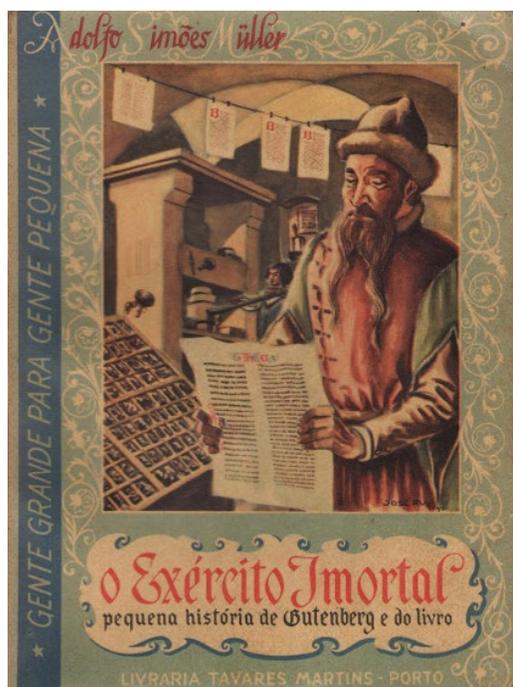
“Estava na altura a trabalhar no *Diário de Notícias*, quando o arquiteto Júlio Gil, que conhecia desde as Edições O Mosquito, quando fazíamos o jornal *Camarada*, me convidou para ilustrar um livro editado pelo Ministério da Educação, *Historiadores do Portugal Antigo*. A iniciativa era

curiosa e pedagógica; publicavam em pequenos livros no formato de bolso, excertos de grandes obras literárias, resumindo-as, permitindo assim que pessoas pouco dadas à leitura, pudessem ficar a conhecê-las, embora de uma maneira transversal”.



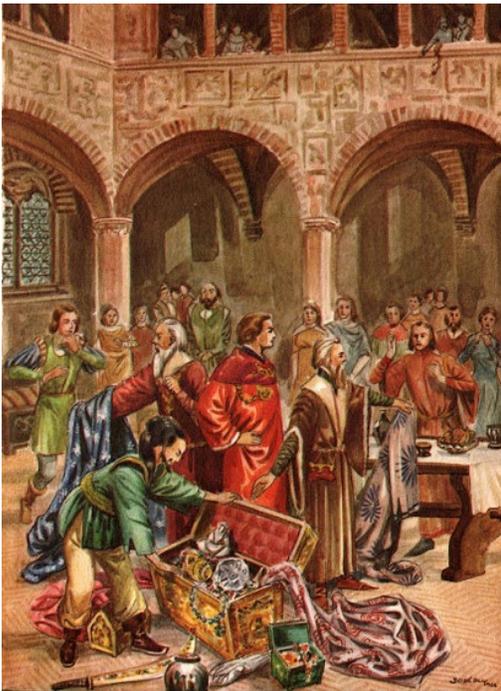
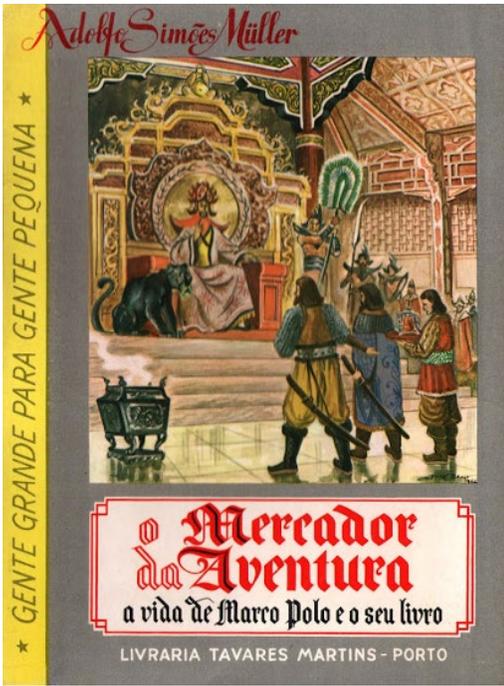
“Em 1957, depois de ter publicado a história em quadrinhos “A Vida Romanceada de Gutenberg”, num número especial de *Cavaleiro Andante*, o diretor, Adolfo Simões Müller, que escrevia livros para a infância e juventude, ao editar esta obra sobre o “inventor” dos caracteres móveis, convidou-me a fazer a capa e as ilustrações para o interior. Simões Müller deu ao livro o título *O Exército Imortal*, comparando os caracteres móveis aos soldadinhos de chumbo que na época fascinavam a criança, organizando exércitos e imaginando batalhas”.

“(As aquarelas foram) reproduzidas em quadricomia, tal como a capa, gravura em zinco com relevo, para ser impresso em tipografia, um processo usado ainda com muita força na época. O offset começava a dar os primeiros passos entre nós nesta década de 1950.”





“Normalmente Adolfo Simões Müller tinha Fernando Bento como o seu ilustrador de excelência, mas abria exceções e, além de mim, também o Vitor Péon ilustrou algumas obras suas. Entre este livro, *O Mercador da Aventura*, e o anterior, passaram 9 anos. Estávamos em 1966. A capa, tal qual a do livro sobre Gutenberg, foi toda desenhada. As gravuras a partir dos desenhos foram feitas em zinco tipográfico e o livro impresso em tipografia. A vida aventureira de Marco Polo permitiu mostrar uma diversidade de elementos das regiões por onde os irmãos Polo passaram.”

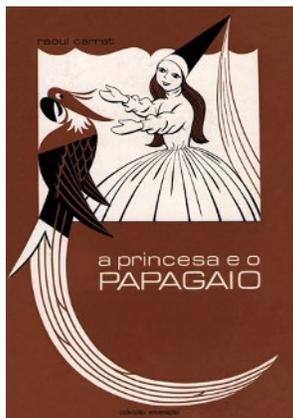




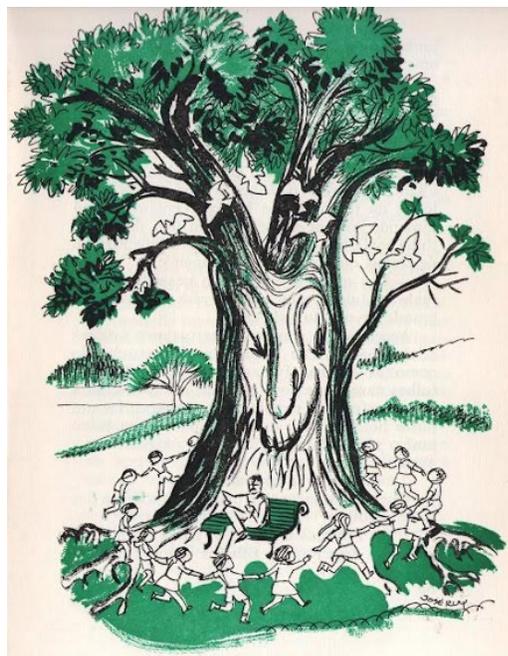
“Estava eu na Bertrand Editora, a trabalhar no *Tintin*. A empresa havia adquirido as oficinas gráficas Portugal-Brasil. O seu gerente era o Mário Rodrigues, de quem era amigo. Recebiam obras do exterior para executar e quando recebiam um trabalho que precisava de uma capa ou ilustrações, pediam-me para o fazer. Foi o caso deste livro de autoria de Raoul Carrat, sobre teatro. A tradutora e responsável pela edição, Maria Helena Lucas, desejava acrescentar ilustrações ao livro, mas constatou que a verba que tinha disponível não dava para pagar os originais, chegava apenas para as zincogravuras. O livro era impresso em tipografia”.

“O Mário Rodrigues falou-me no caso, sabendo que eu procurava sempre resolver este tipo de obstáculos, e que neste caso passaria pela possibilidade de eu oferecer as ilustrações. Há muito que tinha experimentado fazer gravuras em linóleo, e então propus fazer os desenhos, em vez de na base de papel, diretamente no linóleo, e depois gravar com as goivas. Então, pagar-me-iam pelos desenhos o valor das zincogravuras que não era

preciso fazer. Ficava assim a contento de todos. O Mário Rodrigues ficou satisfeito e a senhora ainda mais. O processo dava mais trabalho do que passar o desenho a tinta da china no papel, mas o gosto de trabalhar nesse material e apostar numa nova experiência compensou”.

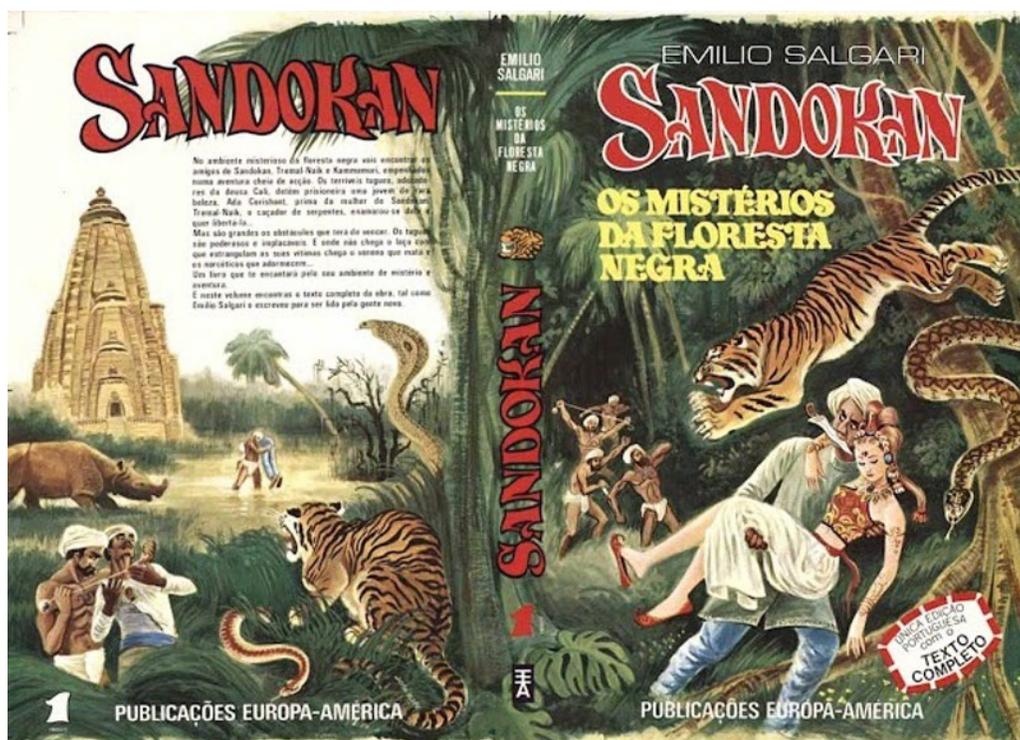


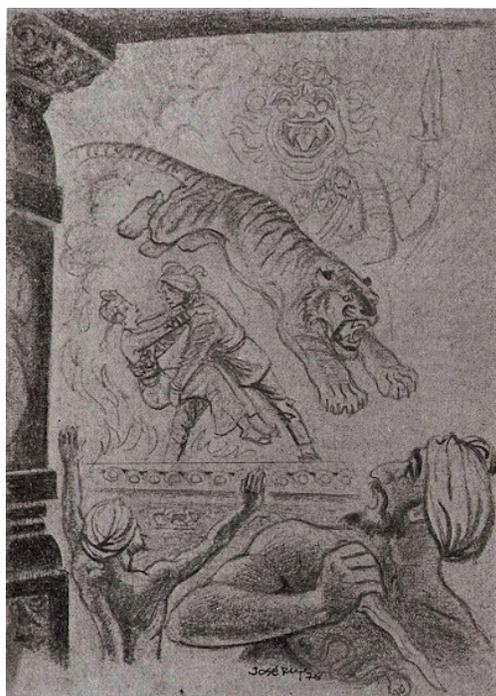
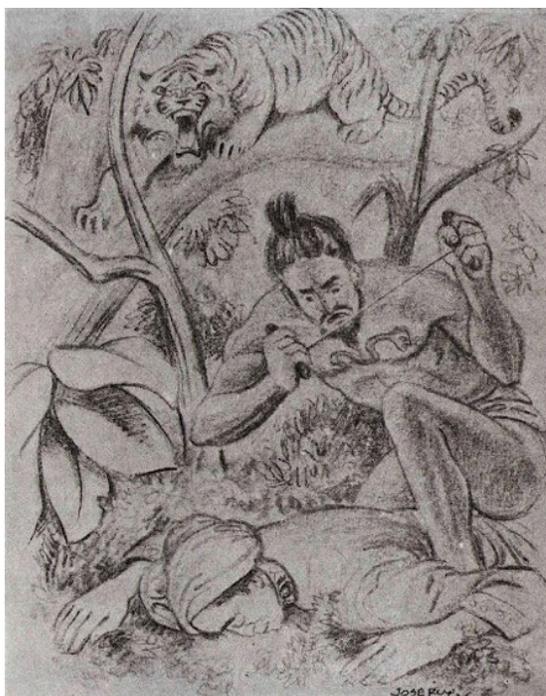
“Fiz as ilustrações deste livro, *História de uma História e Outras*, quando ainda estava na Bertrand Editora. A sua autora, Margarida Ofélia, pretendia umas ilustrações estilizadas, para seguir a linha das suas anteriores obras. Este também foi impresso em tipografia com o desenho das cores feito em separado. Usei aqui o sistema de pontilhado para a meia tinta nas carnes e consegui com estas três cores, preto, vermelho e verde, mais tons como o castanho e outro tom mais avermelhado. Transcrevo um excerto da nota de abertura que gostei muito, e continuo a gostar. ‘Uma história é uma coisa séria. Muito séria mesmo quando se quer contar uma bonita e verdadeira, quando se ama a história que se escreve com um amor muito cheio de respeito; de respeito pela história e por vocês, a quem a quero contar’. Partilho esse sentimento, pois é também com todo o mesmo respeito que faço os desenhos a pensar em quem os vai ver”.



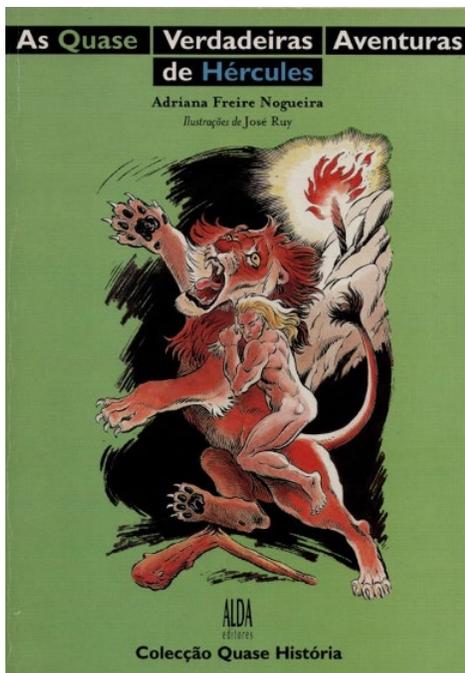
“Foi com os livros de Emilio Salgari e os de Júlio Verne que tive o meu primeiro contacto com a literatura juvenil, era eu rapazinho. Por isso, quando a Europa-América resolveu adquirir os direitos de publicação das aventuras de Sandokan, foi para mim um reviver da infância. Empenhei-me nessa coleção e realizei capas que liguei à contracapa passando também pela lombada. O ritmo de trabalho na minha seção na Europa-América era acelerado. Fazia 30 capas por mês para as “novidades” a sair, e mais algumas reedições de títulos antigos com capas novas. Mas, além disso, fazia ilustrações e anúncios para jornais, dos livros mais importantes que se publicavam, e, de dois em dois meses, uns grandes cartazes presos a placas dispostas na frente do edifício, de modo a verem-se da estrada. Tinha uma ajudante que se encarregava dos acabamentos de letragem e arranjos gráficos. Só com uma grande organização e distribuição do tempo era possível dar resposta a esta solicitação, sem horas extraordinárias, que estipulara quando da minha entrada na editora, pois precisava desse tempo para realizar as minhas histórias em quadrinhos. Cada volume tinha cerca de 170 páginas, com letra

em corpo 9, por isso eram volumes compactos. Para amenizar a leitura, o Lyon de Castro, filho do editor, alvitrou-me fazer algumas ilustrações. Isso ultrapassava o limite disponível de tempo, mas agarrei a ideia e resolvi fazer uns desenhos muito rápidos a lápis, com meias-tintas, e reproduzi-los mesmo assim para poupar o tempo de cobrir a tinta. Se fosse reproduzido em offset, resultaria bem. Mas foi impresso numa tipografia e o efeito que idealizara perdeu-se. A trama na fotogravura mantém ponto mesmo nos brancos da imagem, ao inverso do offset que deixa essa claridade aberta. Isso deu um “fosco” geral nas ilustrações. Simultaneamente a televisão apresentou uma série com estas aventuras, o que foi uma mais valia para a editora. Procurei fazer a feição do Sandokan parecida com a do ator, para que houvesse uma identificação da parte do leitor”.





“Em outubro de 1997, estava no Festival BD da Amadora, quando fui abordado por uma senhora que era a proprietária da Alda Editores, Helena Ramos. Explicou-me que tinha um livro, *As Quase Verdadeiras Aventuras de Hércules*, para sair no Natal, já em oficina, mas que o autor das ilustrações entrou em conflito. A editora rompeu com o ilustrador e, entretanto, alguém lhe havia indicado a minha pessoa como certa para salvar a situação. Ora, entre autor e editor existe um código de honra, “nunca deixar pendurada uma obra em fase de impressão”, principalmente numa época como a que nos encontrávamos, próxima do Natal. Fiz um esforço e executei o melhor que pude as 15 ilustrações no tempo recorde que se impunha. O primeiro ilustrador processou a Alda Editores dizendo-se ser, por contrato, o autor legal. Alguns anos depois, veio a convocação do tribunal. A editora pediu-me para depor e dar as explicações técnicas que fossem necessárias. Foi uma causa perdida para o queixoso”.



“Uma ilustração de Hércules a chegar à Cidade de Micenas e a atravessar o gigantesco pórtico também tem uma história. Em praticamente todas as edições sobre História da Arte, este monumento vem mencionado como “porta das leoas”. E no texto do livro também é assim chamada. O pórtico chegou aos nossos dias amputado, os felídeos foram decapitados e a parte superior desapareceu. Então os especialistas resolveram identificar as feras como leoas. Mas eu estive em Micenas, passei esta porta e estive a observá-la bem, como faço em todas as viagens. Conheço a anatomia dos leões e das leoas e concluí que a escultura representa dois leões, e não as suas fêmeas. Preveni a autora, mas ela tinha já consultado seu antigo professor de História que lhe afirmou “serem leoas” e não se atrevia a contrariá-lo. Mas eu ia fazer a reconstituição com leões. Para não haver uma discrepância entre o que vinha no texto em relação ao desenho, a editora resolveu colocar a legenda em que a reconstituição fantasiosa é da minha responsabilidade. Passados esses anos, se procurarmos na Wikipédia, esta porta vem já batizada como “dos leões”. Mais alguém viu o mesmo que eu”.



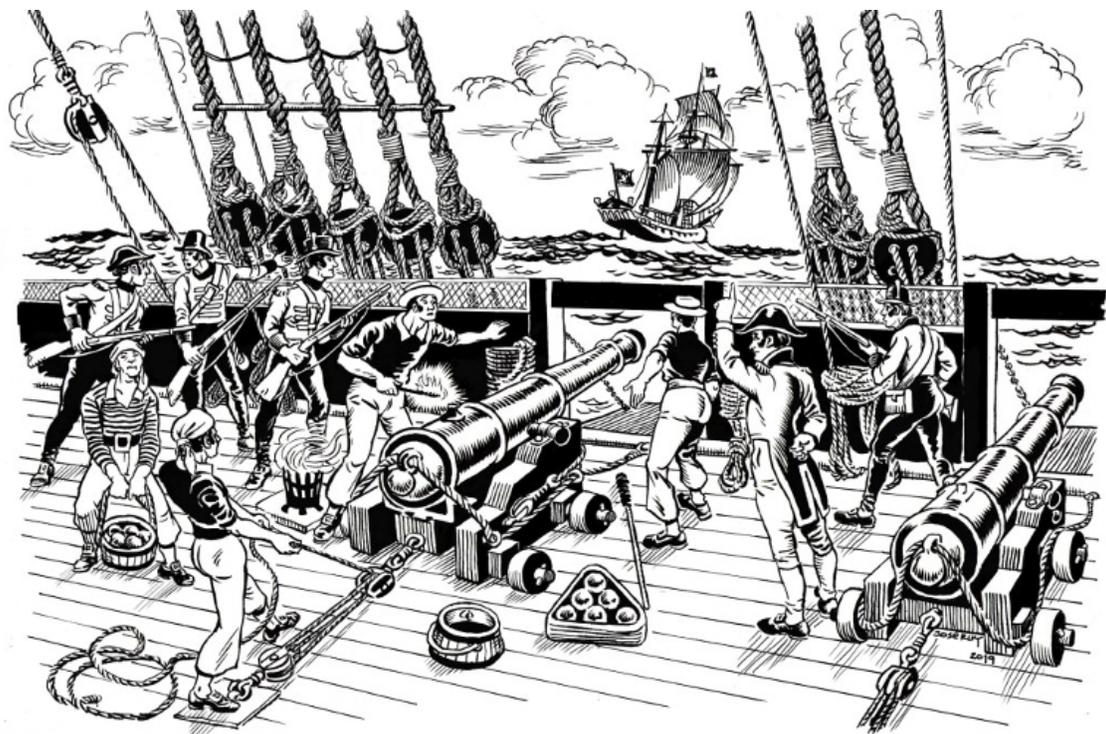
“Na sequência das ilustrações que tenho prontas, para livros que ainda não foram editados, há as que fiz para uns textos do meu saudoso amigo José Antunes. São histórias de portugueses, que em todas as épocas se distinguiram em todo o mundo, no melhor ou no pior. Sugeri fazer títulos desenhados para cada história. As histórias não são longas, por isso cada texto não comporta muitas ilustrações”.

Foram feitas ilustrações de António Manuel Luís Vieira, Benito de Soto Aboal, Carmen Miranda, Abade Faria e Johann Philipp Reis.



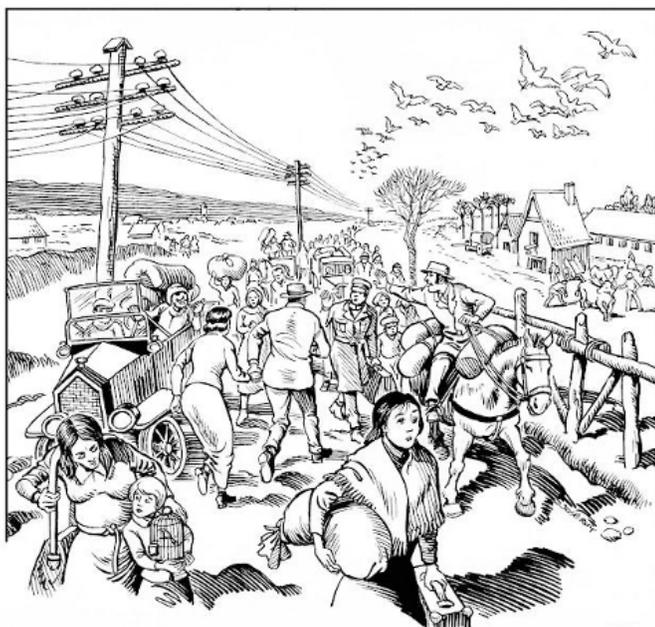
O INVENTOR DO TELEFONE







“O meu saudoso amigo Jorge Magalhães de vez em quando desafiava-me para iniciativas que eu correspondia com o mesmo entusiasmo. Essa foi de ilustrar novelas do grande novelista de *O Mosquito*, José Padiña (que usava sempre pseudônimos e nunca o seu nome verdadeiro), publicadas nesse jornal, mas já sem ilustrações, pelo fato do Eduardo Teixeira Coelho nessa altura estar dedicado a tempo inteiro às histórias em quadrinhos e já não ter tempo para mais. E assim comecei a ilustrar as novelas ‘Raca, o Amigo dos Pequenos’ e ‘Fabrício, o Espadachim’. Avançámos e a Catherine Labey foi paginando o livro, *Novelas de O Mosquito Nunca Antes Ilustradas*, e reformulando o texto. Este trabalho inédito está pronto a editar”.





O texto sobre as ilustrações para a coleção Sandokan foi o último que José Ruy escreveu para o *BloguedeBD*. Ainda escreveria mais, não tivesse falecido no final de 2022.

O *BloguedeBD* assim se manifestou:

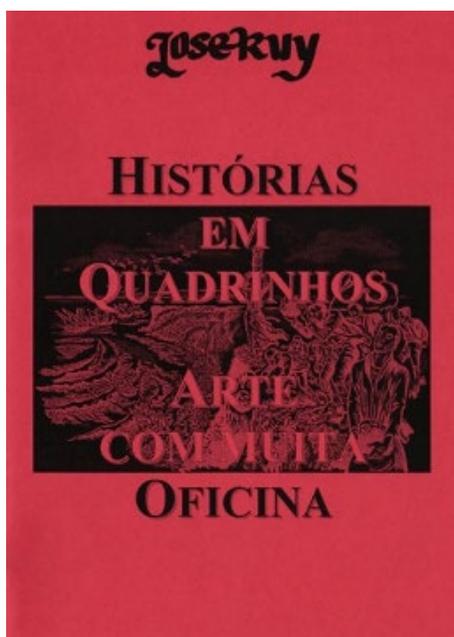
“E pronto... terminam aqui – abruptamente – os artigos de José Ruy, que tivemos a sorte e o privilégio de ir regularmente publicando ao longo dos últimos oito anos. José Ruy, nosso queridíssimo amigo, partiu para a sua última viagem, deixando-nos (tal como a esta série de artigos) com tanta coisa ainda por contar e por dizer... Mas todos sabemos que é assim a lei da vida. Apenas nos resta celebrar a sua prolífica e brilhante obra, estarmos gratos pela oportunidade que nos deu de partilhar conosco tanto conhecimento, e recordar os muitos e bons momentos que passámos juntos. Obrigado por tudo, José Ruy! Até um dia!”

Outra série de artigos escrita por José Ruy para o *BloguedeBD* foi sobre as séries de histórias em quadrinhos produzidas pelos grandes artistas norte-americanos a partir da década de 1930.

“Escrevi uma série de artigos sobre as imposições técnicas a que os autores norte-americanos estavam sujeitos na década de 1930 e 40, que lhes condicionavam o tamanho das vinhetas e o seu número por prancha”.

“Quando tive acesso a jornais de várias cidades dos Estados Unidos, observei que cada um publicava a mesma história em diversos formatos e com diferentes disposições das vinhetas. Para que cada jornal pudesse dispor de maneira diferente o mesmo original, este tinha que obedecer a uma estrutura matemática. Os autores não tinham liberdade para organizar as vinhetas das suas histórias como muito bem entendessem”.

Esta série foi republicada em forma de edição, *Histórias em Quadrinhos: Arte com Muita Oficina*, encartada no fanzine *QI* n^o 155, em janeiro de 2019.



A propósito de histórias na gaveta

A convite dos responsáveis pelo *BloguedeBD*, Luiz Beira e Carlos Rico, José Ruy escreveu uma série de artigos, “As Histórias que Residem na Gaveta”, sobre seus projetos de histórias em quadrinhos que não se tornaram realidade. Alguns não saíram dos esboços, outros, quase finalizados, não foram publicados.

“Nessa profissão de realizar histórias em quadrinhos acontece muitas vezes, por um motivo ou outro, de originais ficarem à espera de um editor que se interesse pelo tema, e ficarem adormecidos, numa gaveta, durante bastante tempo. No meu caso talvez seja curioso descrever os motivos que levaram à interrupção do seu acabamento, e em que ponto se encontra a realização de cada uma delas”.

“Todas estas histórias, também com argumento meu, estão registradas, por isso o à vontade em mostrá-las nesta fase sem terem sido publicadas ainda. É que mesmo em situações normais quando entrego uma história a um editor, para consulta, durante o período de análise não sei quem terá acesso a este material, e mais tarde sem saber já onde teria visto a ideia, lembrar-se de a fazer ou indicar a pessoa amiga para tal. É uma salvaguarda”.

“Em 1973, fiz uma pequena história sobre o tema ‘bombeiros’ para a revista *Pisca-Pisca*, que desapareceu antes de ser publicada. Tenho alguns novos argumentos já feitos sobre o assunto”.

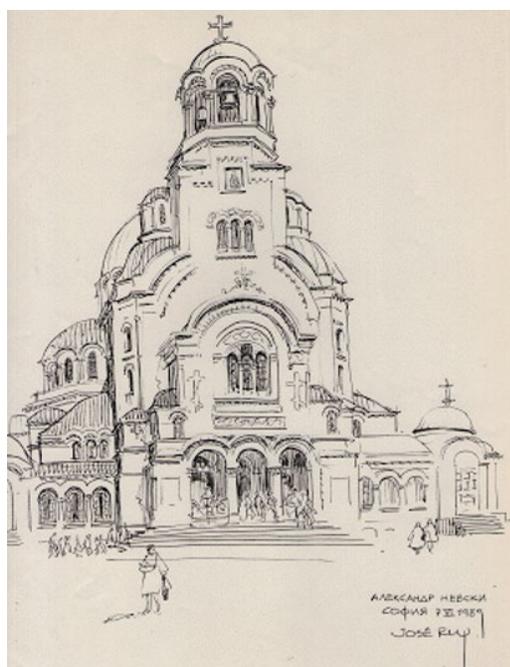
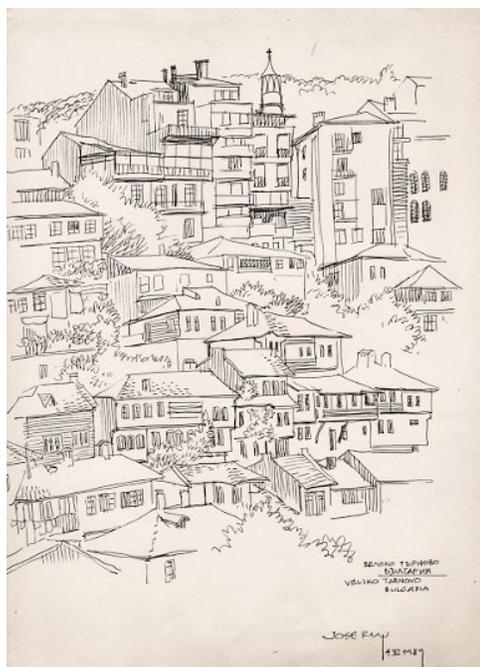
Francisco de Almeida Grandella, *Uma Aventura sem Limites*

“Trata-se da história de um arrojado comerciante, republicano insigne, filantropo e benemérito. Nas décadas de 1980 e 90, eu prestava a minha colaboração graciosamente em eventos organizados pela Biblioteca Repú-

blica e Resistência, instalada na altura no Bairro Grandella, precisamente mandado construir por este comerciante para alojar os seus empregados e famílias. Este fato levou-me a projetar fazer em quadrinhos a sua vida. Apresentei a ideia ao meu editor, que pensou propor à empresa que na altura explorava a casa Grandella, a Printemps, uma aquisição de exemplares da obra para oferecerem a bibliotecas e escolas, no sentido de uma maior divulgação da obra deste homem notável. Essa aquisição à saída da máquina amortizaria a despesa de produção e tornaria assim viável a edição comercial para ser distribuída pelos postos de venda do país”.



“O meu método de trabalho consiste sempre em esboçar toda a história, com as legendas, podendo assim ser apresentada a editores e promotores, quando os há. A seguir a essa fase, com a história aprovada, desenho os originais em definitivo. Isso dá-me a vantagem de distribuir previamente a ação pelas páginas disponíveis que compõem o livro. O esboço é informal, mas suficiente para mostrar a implantação das imagens nos planos das páginas, a sua força e a fluência da narrativa. A Printemps ficou muito interessada

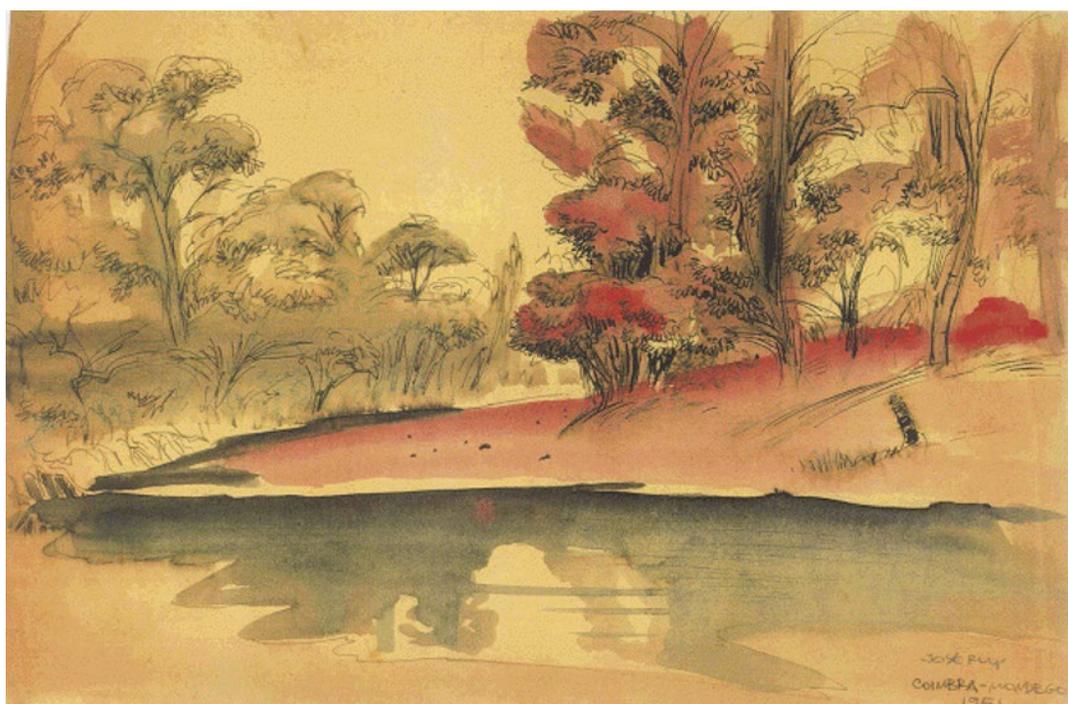


“Foi-me proposta uma visita por todo o território para colher elementos e poder assim desenvolver o argumento. A ideia era fazer edições em francês, inglês, italiano e espanhol, e colocá-las nesses países, de modo a divulgar a realidade da Bulgária, a sua História, e assim sensibilizar turistas a visitá-la”.

“Nessa altura eu fazia parte dos quadros da Asa Editora, onde apresentei a proposta que foi logo aceite. Programou-se a viagem em que durante umas semanas percorri o país de ponta a ponta. Criei, como é meu hábito, um argumento romanceado em que através da trama entre personagens, o leitor se vai apercebendo dos fatos históricos, do ambiente e da vivência no país”.

“A intenção era que o livro pudesse funcionar como um guia, e que o leitor com ele na mão, pudesse percorrer o país visitando o que havia de maior interesse, tomando também conhecimento da História através dos monumentos, dos museus e dos magníficos edifícios. Tenho pena pelo fato desta história não ter visto até agora a luz do dia, mas dou por bem empregue todo o esforço e trabalho, pois aprendi muito e isso é o melhor que podemos colher destas aventuras”.





Os Templários

“Um professor meu amigo, André Chico, em 2012, sugeriu que me debruçasse nesse tema, que é do seu agrado”.

“Há muito que esta Ordem religiosa e militar me fascina, sobretudo pelo mistério que a envolve, aquando da sua extinção criminosamente perpetrada por um monarca de cognome Belo, mas que de beleza de alma nada tinha. Ao longo dos anos tenho reunido documentação, por isso foi-me fácil abordar o assunto. Imaginei um argumento, como sempre faço, de modo a envolver os fatos históricos, mas com qualquer coisa de diferente do que conheço das várias versões publicadas já em Quadrinhos”.

“Esta história está neste estágio de esboço acabado, antes de executar os originais definitivos a tinta da china. É a prévia planificação desenhada de toda a história, com a pesquisa indispensável e o texto já elaborado, o que para mim significa ser o mais trabalhoso. Por isso em qualquer altura posso completar “rapidamente” as pranchas para serem publicadas”.

“Entusiasmei-me a criar a história em quadrinhos, mas que na altura não teve oportunidade de edição. Nove anos depois, um corajoso editor, Rui Brito, propôs-se publicar esse original. Eu tinha o argumento completo e toda a história já esquiçada a lápis e estruturada para 30 pranchas de desenho. O editor achou que essa história dos Templários merecia ser contada em 44 páginas. Mantendo o argumento, alterei o guião para o reajustar para esse número de páginas, o que permitiu dar mais ênfase a certas cenas e desenvolver alguns pormenores dando-lhes até mais visibilidade. A história está toda desenhada em definitivo, a tinta da china, e estou na fase da cor. A edição está prevista para o ano de 2022”.

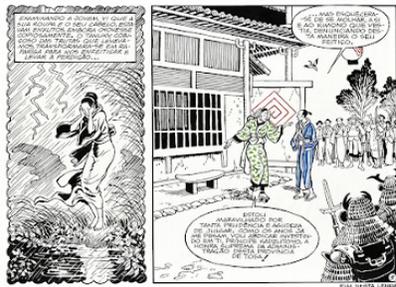
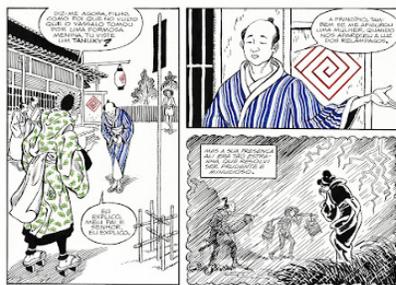
Lendas Japonesas

“Em 1949 iniciei a série na revista *Flama*, no seguimento de uma recolha que fiz dos textos de Wenceslau de Moraes sobre lendas do Japão. Durante três anos publiquei nove dessas lendas na *Flama*. Em 1987, a minha amiga Catherine Labey, que editava os *Cadernos de Banda Desenhada*, pediu-me para lhe ceder algumas lendas já publicadas. Foram publicadas três lendas. Os *Cadernos* também não continuaram. Mas o meu saudoso e estimado amigo Jorge Magalhães insistia que eu continuasse essas lendas. Quando dirigia *Seleções BD*, achou ser a ocasião propícia. Resolvi continuar com os títulos que ainda não tinha desenhado, e que são bastantes. Mas decidi refazer o primeiro título publicado. Foram publicadas duas histórias, em preto e branco, a segunda inédita”.

“Acontece que a revista suspendeu a sua publicação e as ‘Lendas’ não tiveram seguimento. Mas eu já tinha desenhado algumas mais. Em 2012, o meu amigo Maurício de Sousa falou-me que estava a colaborar numa revista do Japão, mas em português do Brasil, com o título *Alternativa* e que essas histórias faziam lá todo o sentido. Deu-me o endereço do editor. Para tirar um melhor partido da apresentação, resolvi colorir as pranchas que se mantinham até aí a preto e branco. Enviei-as para o senhor Ewerthon Tobace, o editor. Pouco tempo depois tive a resposta: ‘...por enquanto, agradeço de coração sua proposta, mas vamos deixar para outra oportunidade’. Ainda nesse ano descobri uma revista com o título *Espaço Aberto, Revista Alternativa*, publicada em Portugal. Pensei que talvez tivesse relação com a revista do Japão e contatei a diretora. Informou-me que a revista tinha dois anos e que há tempo tinham saído do corpo editorial uns elementos que formaram no Japão esta revista de que eu falava. A diretora quis saber do meu interesse e quando lhe expliquei mostrou disponibilidade em publicar as ‘Lendas Japonesas’. Combinou editar um almanaque no final do ano com seis ou sete lendas, mas, entretanto, publicaria na revista uma lenda como promoção. Entretanto, a revista entrou em contacto com a AL-

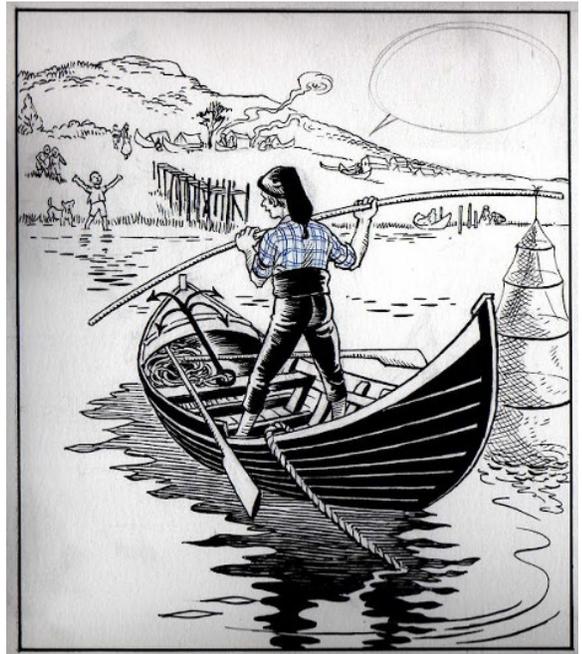
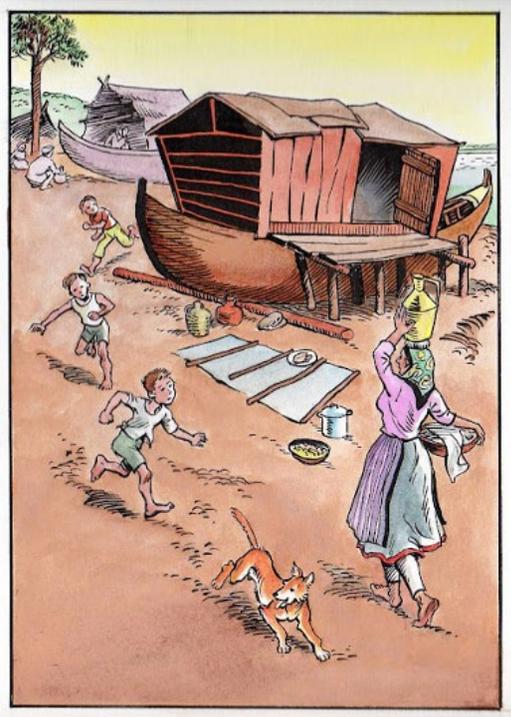
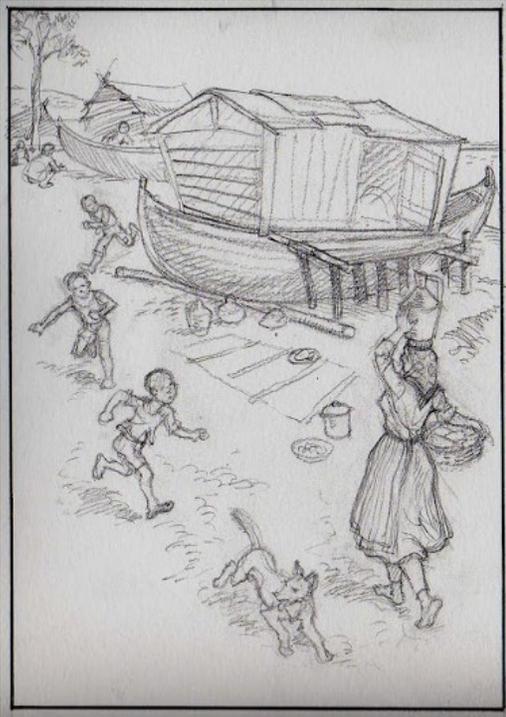
ternativa editada no Japão, para uma parceria, e assim dar a possibilidade de ser publicada no Oriente. Mais uma vez o projeto gorou-se”.

“Quando desenhei estas histórias, fazia a cor ainda com aquarela sobre o papel do original. Para adiantar, desenhei já em cor os motivos decorativos nos kimonos das personagens, com uma tinta indelével para a aquarela ao sobrepor-se não esborratar.”



História de Avieiros

“No âmbito das minhas habituais idas às escolas e bibliotecas para mostrar como faço este trabalho, a pedido de professores e bibliotecários, fui convidado para fazer uma sessão na Escola Superior de Educação de Santarém. Um dos professores que assistiram à sessão fez-me um desafio, de criar uma BD sobre os Avieiros, essa gente sofrida oriunda de Vieira de Leiria, que sazonalmente durante o inverno quando o mar não permitia a pesca na sua zona, vinha até o Rio Tejo, de águas mais mansas, apanhar o sável, que conseguiam vender bem. Aceitei a proposta, falei com o meu editor, já a Âncora, e comecei a documentar-me e a preparar o argumento. O prazo de entrega estipulei em seis meses, que é o tempo que levo a executar uma história em Banda Desenhada. Entretanto iria primeiro entregar a história toda esboçada, com o texto nos balões, para ter a aprovação da organização. Mas recebi um ofício da organização a pedir-me um prazo curtíssimo para entregar a história, e que iam fazer um concurso para autores e editores para depois apreciarem as propostas executadas, para escolherem a que mostrasse melhores condições. Fiquei perplexo pois tinham ficado bem definidas, desde a primeira hora, as condições em que trabalho e nunca estive em equação ser um concurso, pois não entro em competitividades desse género. Quando lhes chamei a atenção disso começaram por não responder. Passados mais de dez anos nada fizeram nesse sentido. Para mim, ficou a riqueza de conhecer bem toda essa vivência de gente trabalhadora, tão nobre e sofrida”.



“Nas fotos, algumas das sessões em que estamos a palestrar. O Romeu Correia era um orador exímio e contava histórias com muita graça e interesse. Estamos num antigo mercado da fruta e do peixe, transformado em Oficina da Cultura em Almada. Falamos de Fernão Mendes Pinto, por isso a decoração com barris e cordame. Nesse espaço fiz em outra altura, com o Fausto Bordalo Dias, um evento em que desenhei a figura do herói da *Peregrinação* enquanto ele tocava um dos quadros de ‘Por Este Rio Acima’”.

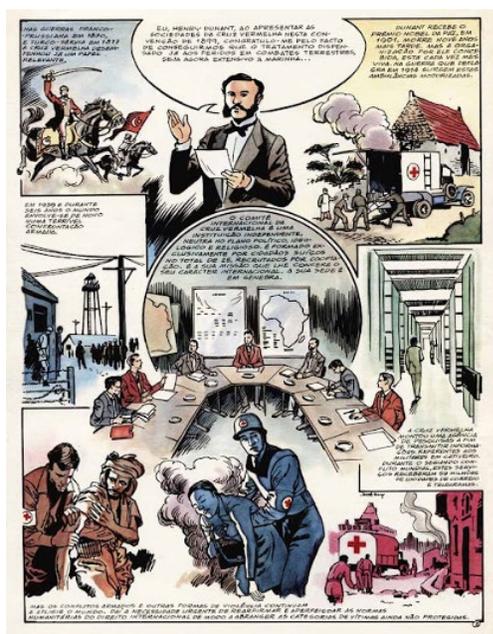
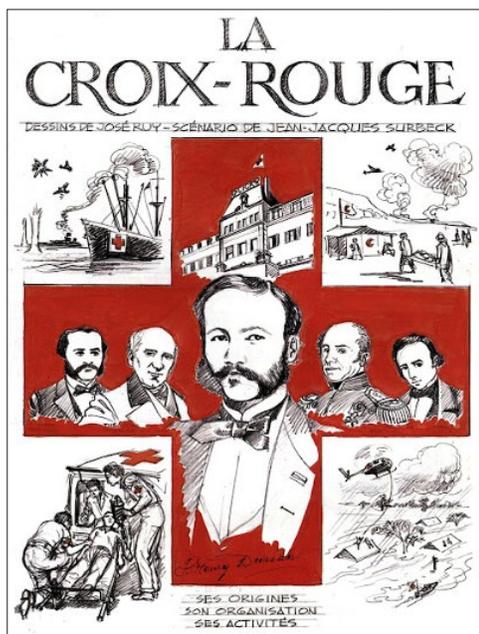




A História da Cruz Vermelha Internacional

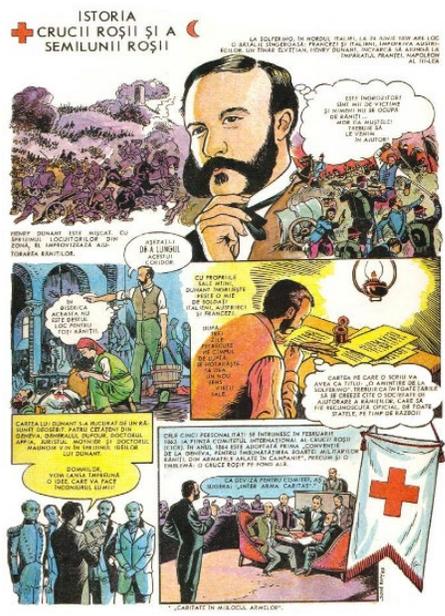
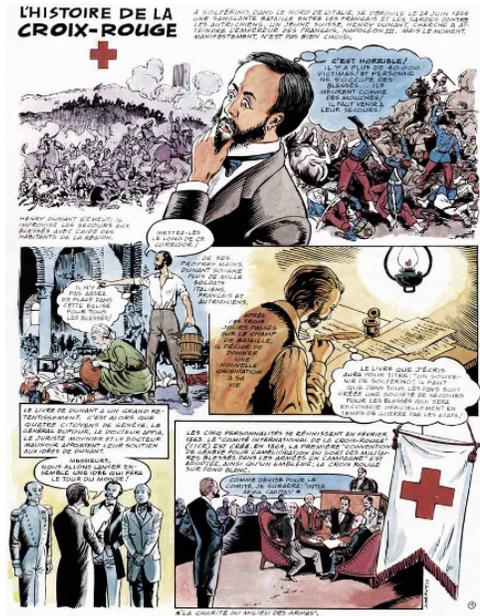
“Tudo começou em 1978, quando dois jornalistas e um ator criaram um programa na RTP para auxiliar a Cruz Vermelha Portuguesa. Pensei em ajudar, decidi fazer uma história em quadrinhos com a vida de Henry Dunant, o fundador da Cruz Vermelha. Ofereci os direitos de publicação à Cruz Vermelha Portuguesa, e foi publicada na revista *Tintin* por intermédio do Dinis Machado e no *Mundo de Aventuras* pela mão de Jorge Magalhães. Os originais, entreguei-os à instituição. Conte a história em seis pranchas, com os elementos que consegui colher. No Comitê da Cruz Vermelha Internacional viram a história e ficaram interessados. Convidaram-me a fazer essa história, mas com mais documentação que me forneceriam na Suíça. Estive duas semanas no CICR, Comité International de la Croix-Rouge, a receber informações precisas do funcionamento da instituição. A ideia do jurista que me recebeu e acompanhou em todo o tempo, Jean-Jacques Surbeck, era fazer um livro com cerca de 50 páginas mostrando as competências da Cruz Vermelha para ser editado em 10 línguas. Regressei com duas malas cheias de documentação.

Em breve comecei a enviar para o CICR os esboços pelos correios. Como eu precisava de ter as traduções das 10 línguas para deixar o espaço de cada balão no desenho definitivo, criou-se um impasse, pois essas traduções estavam a ser feitas pelos delegados do CICR, mas só quando cada um voltava à Suíça podia dedicar-se às traduções. Jean-Jacques Surbeck, que tinha urgência no trabalho, impacientava-se e resolveu convidar-me para voltar ao CICR para reajustar o nosso projeto. Combinamos fazer de imediato uma quadrinização mais curta (4 páginas) para mais rapidamente ser editada, e cumprir o objetivo. Propôs-me que permanecesse 4 semanas no CICR para assim podermos completar essa história. Assim o livro grande podia ir seguindo noutra cadênci-a. O CICR fez uma tiragem de mais de meio milhão de cópias nas diversas línguas. Entretanto, regressado a Portugal continuei a história mais desenvolvida. Tenho toda a história esboçada. O tempo foi passando e a dificuldade em me enviarem as traduções foi-se agravando. Como a edição reduzida estava a ser um êxito, ficou-se por aí. Todo esse trabalho foi-me pago. As Edições Europa-América chegaram a interessar-se na publicação em português mas, entretanto, essa possibilidade gorou-se”.



“Na primeira prancha (da versão de 4 páginas efetivamente publicada) coloquei Henry Dunant horrorizado ao presenciar a batalha de Solferino, mas no Comité acharam que ficaria melhor fazer o retrato dele de uma maneira mais digna, como acabei por fazer”.

“Mas, entretanto, tive uma surpresa: em dada altura, o diretor dos Festivais de BD na Roménia contactou o Luiz Beira, um dos coordenadores do *BloquedeBD*, a dizer que havia um autor português pioneiro a publicar uma história em quadrinhos no seu país. E indicou o meu nome. Fiquei espantado, pois embora tivesse já nessa altura alguns títulos editados no estrangeiro, como a *História de Macau* em cantonense, não tinha conhecimento dessa publicação, que por certo seria uma edição pirata. O Dodo Nitá enviou, então, um recorte comprovativo e verifiquei ser esta história da Cruz Vermelha, que na Roménia tinham traduzido e publicado por sua conta, sem intervenção do CICR”.



José Ruy ainda mencionou em sua série de artigos, o caso em que foi abordado por uma entidade para fazer em quadrinhos a história de uma região de Portugal, para comemorar uma efeméride. Apesar de aprovado e da boa vontade da entidade, o projeto foi boicotado em circunstâncias pouco conhecidas.



História em Quadrinhos em tempo de censura

Em uma nova série de artigos para o *BloguedeBD*, José Ruy tratou da influência da censura nas histórias em quadrinhos em Portugal.

“A propósito da recente comemoração, em 2020, da Revolução de 25 de Abril de 1974, o blogue pensou debruçar-se em algumas questões sobre a ação que a censura exercia nas histórias ilustradas publicadas nos jornais infanto-juvenis nos anos 1950. Posso partilhar a experiência que tive, pois atravessei todo o período em que a censura nos ensombrou na criação das histórias que escrevíamos e desenhávamos. Os jornais iam à censura prévia, onde os desenhos eram submetidos a cortes e correções. Mas os livros só eram enviados para aprovação depois de publicados. Isso representava, caso os censores fizessem cortes, perder toda uma edição para ser retificada, ou simplesmente cortada completamente. O prejuízo era enorme para o editor, e esmorecia a coragem de avançar com temas subjetivos, à partida, de serem censurados”.

“Os redatores recebiam da direção orientações e, por sua vez, apertavam conosco, os autores. Era uma autocensura que se instalava na nossa cabeça, de modo que quando criávamos uma cena, tínhamos em conta que poderia ser cortada. A fiscalização partia logo de cada um de nós. Por isso, ao elaborarmos as obras, pensávamos ao mesmo tempo na maneira de contornar essas imposições para evitar o lápis azul, obedecendo por um lado mas, por outro, conseguindo não alterar a mensagem que pretendíamos passar. Não era fácil, mas conseguíamos por vezes”.

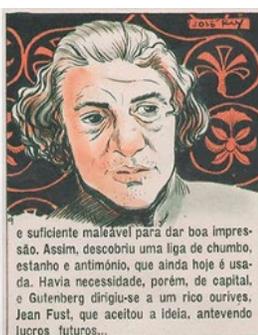
“Habitualmente íamos almoçar juntos (Dinis Machado, Paulo Madeira Rodrigues, Teixeira Abreu e José Ruy). E comentando a atitude que podíamos ter com a nossa censura, afirmei que a única maneira de ludibriar os

“(Anos depois) ao arrumar as pastas numa gaveta, vi a sinopse que o Paulo Madeira havia feito para a tal aventura com as personagens que havíamos criado. Estávamos em 1971 e o sistema político e social não se tinha alterado em nada. Falei para o Paulo e ele avançou com a ideia de fazermos mesmo a história. Paulo explicou-me o seu plano. Desenhava-se toda a história com 44 páginas, fazíamos fotólitos e era esse material que circularia, à semelhança do método dos franco-belgas. O Paulo escreveria o texto em inglês, como se tratasse de um original estrangeiro. Reunimo-nos com o Ilídio Matos, agente que representava em Portugal as histórias ilustradas inglesas e ele delirou com a história. Metemos mãos à obra. Quando estávamos quase a acabar a história, o Iriarte, que era chefe da redação no jornal *A Capital*, chamou-nos. Queria publicar a história. Retorquimos que era muito arriscado, que esperasse então pela “importação” fictícia de Inglaterra. Ele disse que era realmente um risco, mas que podíamos tentar. Até porque o princípio da história não era agressivo e ele publicaria o material de modo discreto. Discreto, dizia ele. Uns dias antes da publicação começou a pôr anúncio, com os bonecos das personagens e fez-nos uma entrevista de meia página com fotografia de nós dois. Realmente os primeiros episódios pareciam inócuos e não houve qualquer reação. O argumento era muito bom e foi para mim um privilégio fazer esta história que foi publicada, em 1972, durante seis meses (o nome foi alterado de ‘Os Lusitansos’ para ‘As Aventuras de Quatro Lusitanos e Uma Porca’), sem que a censura ligasse um episódio a outro e apanhasse o fio da meada. Depois da Revolução de 25 de Abril de 1974, soubemos que presos políticos a quem facultavam a leitura de jornais, ao verem a série n’*A Capital*, espantavam-se, pensando que tinha havido uma ‘abertura’ na censura”.

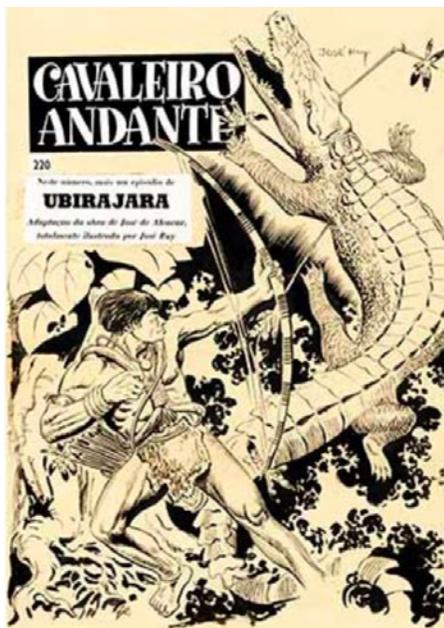
“Em 1984 a editora Futura editou em álbum toda a história em preto e branco, pela mão do saudoso amigo Jorge Magalhães”.

Uso de modelos vivos

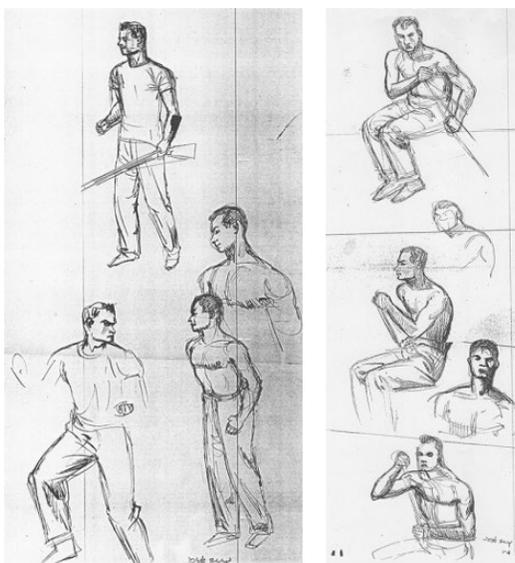
“Com a técnica de utilizar modelos vivos para as personagens das histórias em quadrinhos, que o Eduardo Teixeira Coelho me incutiu, utilizava os colegas da secção de rotogravura e offset do *Diário de Notícias*. Nessa altura, em 1954, iniciei minha colaboração com histórias em quadrinhos num número especial de *Cavaleiro Andante*, com a vida de Gutenberg. O Rodrigo entrou no *Diário de Notícias* como meu aprendiz e naturalmente o utilizei como personagem. Quase todos manifestavam o desejo de entrar na história. Os croquis eram feitos com muita rapidez, para apanhar a frescura da posição e o movimento. Desse modo, não prejudicava o trabalho que tínhamos em curso. Na vida de Gutenberg, além do Rodrigo (que foi o modelo para esta personagem, quando jovem), o Fernando Amorim, transportador-gravador de rotogravura, serviu para uma personagem. O seu papel foi o de um rico financiador de Gutenberg. A adaptação à época, século XV, fez-me acrescentar-lhe cabelo. Os voluntários começaram a afluir. Também o transportador de offset, Fernando Lança, personificou uma figura. A este amigo coube-lhe o papel de um dos colaboradores de Gutenberg, que tiveram de fugir para a França, por causa da guerra, quando a oficina do mestre foi destruída pelos canhões, arma inventada também nessa época. Claro que tive de fazer algumas alterações: eliminei os óculos e acrescentei uma barba rala, e com o cabelo num corte diferente”.



“Servia-me de modelo para as figuras musculadas, e portanto utilizei para esta personagem de índio sul-americano (na história ‘Ubirajara’, de 1956), um vendedor de leite, que nessa época ia porta a porta, com as bilhas de zinco, fornecer diariamente meio litro ou metade de meio litro desse alimento. À noite ia ao ateliê montado em minha casa, servir-me de modelo. Pagava-lhe 4\$00 à hora, o que na altura era compensador. A revista pagava 250\$00 por página ou capa”.



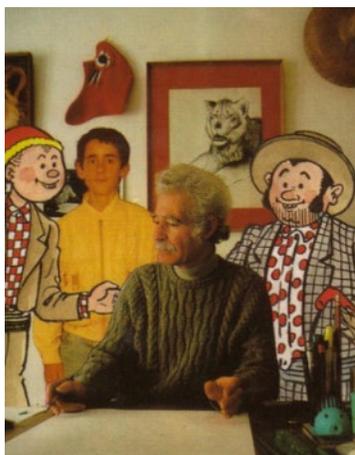
“A última página de ‘O Reino Proibido’, publicada em *O Mosquito* nº 1386, em novembro de 1952. O rapaz que me servia de modelo para essa história era um conhecido do Coelho, que pertencia a uma corporação de bombeiros. À noite, ia ao nosso ateliê, na Calçada do Sacramento, para posar. Mostro, a seguir, alguns estudos para as figuras da última página”.



A seguir, duas fotos de José Ruy utilizando modelos para fazer esboços.



Em 1992, José Ruy produziu o álbum *Levem-me Nesse Sonho*, sobre a cidade da Amadora. Usou como recurso narrativo as personagens “Zé Pacóvio e Grilinho”, de António Cardoso Lopes, apresentando a história à personagem Zé Miguel. José Ruy usou o rapaz Zé Miguel como modelo para a personagem.



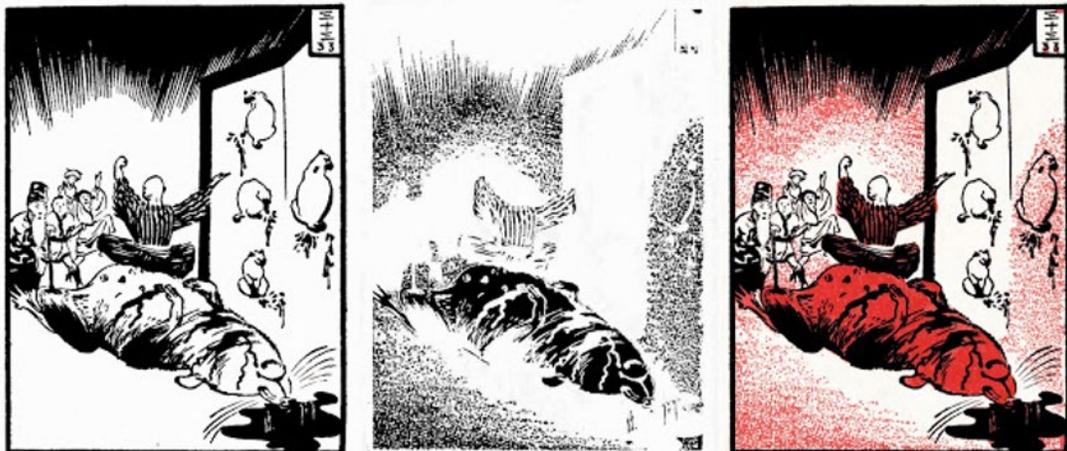
Reflexões de José Ruy

“Eu defendo de há muito, aqui em Portugal, que o termo mais adequado para o nosso género de trabalho é o de ‘Histórias em Quadrinhos’, e não ‘Banda Desenhada’, que infelizmente foi introduzido aqui, por influência francesa, afinal também não bem aceite nesse país. Um português nos anos 1960 com poder de comunicação, como a Televisão, meteu esse termo para fazer um ‘favor’ aos franco-belgas, e pegou”.

“Sou um técnico de Artes Gráficas, desde a litografia direta na pedra litográfica, depois no zinco offset, a seguir com os fotólitos, também fiz experiências e consegui um processo a partir da litografia, mas em papel, para seleccionar as cores de uma maneira manual e muito mais económica, e agora domino a digitalização conseguindo no computador o mesmo efeito da litografia primitiva. Tenho feito palestras a que chamo de Litografia Digital”.

“Como o processo gráfico (na revista *Flama*) se tinha alterado tivemos de nos adaptar, o que me levou a criar soluções técnicas para tirar um melhor partido do efeito, mas tendo em conta não encarecer o orçamento oficial da revista. A cor que se sobrepunha aos originais a traço era agora desenhada separadamente por nós e reproduzida em zincogravura para o processo tipográfico. A cor sobre o preto variava entre o vermelho, o azul, o verde ou um tom-de-mel. Nas cores não tínhamos possibilidade de fazer meias-tintas, pois a zincogravura era só a traço, preto e branco, para o conseguirmos precisaríamos de utilizar fotogravura que era bem mais cara e que não estava previsto no orçamento da revista. Lembrei-me então de experimentar fazer o desenho da cor sobre papel Fabriano e empregar lápis litográfico (bem negro) tirando partido do grão do papel para criar esbatidos por meio do granitado. Mostro aqui uma das vinhetas das

‘Lendas’, que eram desenhadas ao dobro para beneficiarem da redução. A cor era feita sobre o papel Fabriano sobreposto ao original e trabalhada à transparência com tinta-da-china e lápis litográfico. Depois de feita a zincogravura a impressão final ficava com o aspecto da terceira imagem, dando realmente a ilusão de esbatidos. A cor era dada na máquina na altura da impressão”.



“Embora o processo que apresentei anteriormente (tenha dado resultado), pensei arranjar um outro mais prático e que pudesse também ser utilizado facilmente pelos colegas. Pedi para que na União Gráfica fizessem uma zincogravura de uma trama e tirassem provas de prelo em papel acetinado mas fino. As provas tinham o formato das tiras dos nossos originais que executávamos em tamanho grande. O ponto dessa trama reduziria conjuntamente com o desenho dando então uma tonalidade cerca de 30% da intensidade da cor forte. Sobre os originais a traço, depois de desenhadas a tinta-da-china, sobrepunha essas tiras e, à transparência, tapava com guache branco as zonas que queria ficassem brancas, sem trama, e com tinta-da-china pintava o que desejava ficasse em cor forte. Quando os desenhos eram reduzidos para o tamanho em que iam ser impressos na revista, a trama apertava, apresentando à vista o aspecto de meio-tom.

Desta forma, as reproduções mantinham-se em zincogravura, não obtendo esbatidos, mas conseguindo uma meia-tinta uniforme e sem ser preciso usar fotogravuras, que eram mais caras. Mas foi apenas o Vitor Silva quem também utilizou este meu processo, pois sendo igualmente um profissional gráfico reconheceu a vantagem da inovação. A arte gráfica tem em tudo o que fazemos para reproduzir, uma notória importância no efeito que pretendemos conseguir no final do trabalho, ao ser impresso”.



Processo exemplificado com um desenho de Vitor Silva – a trama em papel acetinado, o desenho impresso com as duas cores, o desenho original a preto e branco, e o desenho da cor feito sobre o papel acetinado

“A administração de *O Papagaio* certo dia reclamou na Litografia Salles que usando este jornal 4 cores, o seu aspecto gráfico não se comparava ao de *O Mosquito*, só com 3 cores. O Salles, dono da gráfica e que conhecia o meu trabalho, contactou o Baptista Moreira, o transportador litográfico de *O Mosquito*, para me convidar a ir litografar um número de *O Papagaio*,

para provar à administração do jornal que podiam fazer melhor. Uma parte do problema estava no orçamento muito à pele, que não dava para a oficina poder convidar um oficial profissional para este trabalho, que era executado por aprendizes. Mas como a comparação tinha sido com *O Mosquito*, fez questão de ser o mesmo autor das cores a fazer este trabalho. Pedi autorização ao Tiotónio, que me disse não ser o meu exclusivo e que estivesse à vontade. Na Litografia Salles não usavam aerógrafo e levei o d'O *Mosquito* emprestado. Foi neste nº 710 de *O Papagaio* que as cores foram litografadas por mim. Claro que a Litografia Salles depois apresentou uma proposta ao jornal, que para manter o aspecto gráfico obtido teriam de cobrar mais, e esse pormenor determinou que ficasse tudo como antes”.

“Um jornal pode ter histórias muito bem escritas e desenhadas, mas se não tiver uma orientação bem estruturada pode resultar num falhanço. António Cardoso Lopes tinha a percepção exata do que o público precisava, sem cair na tentação de lhe dar o que lhe seria mais fácil de assimilar. Por isso *O Mosquito*, sendo simplesmente um jornal de entretém, foi considerado pelos seus leitores, ao longo dos tempos, como de cariz didático”.

“A colaboração disponível que vinha do exterior para *O Mosquito* impunha os temas base, por isso o que era construído entre nós tinha de preencher o que faltava no critério de escolha da programação do jornal. Ao diretor literário Raul Correia competia traduzir os textos e criar uma literatura própria que transformou por completo a qualidade dos argumentos, melhorando-os muito. Escrevia as novelas que contrabalançavam os quadrinhos. Era um verdadeiro Poeta e durante muitos anos manteve sem falhar a rubrica ‘O Avozinho’, escrita numa bela prosa rimada”.

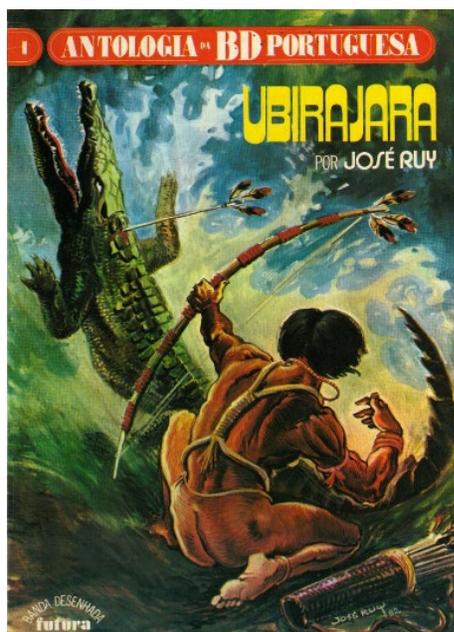
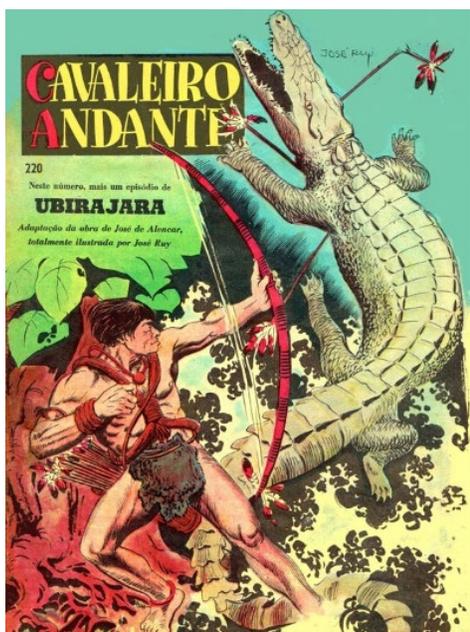
“Conto um episódio inusitado acontecido ainda no tempo do *Diabrete*, que mostra como funcionava a redação deste jornal. *O Mosquito* fazia permuta de desenhos de Teixeira Coelho com o jornal *Chicos* de Espanha, recebendo os de Jesus Blasco, Emílio Freixas e outros autores. O Tiotónio tirava provas de prelo em papel cristal das ilustrações do Coelho, que serviam de fotolitos para a impressão no jornal *Chicos*, e enviava-as pelo

correio. A Consuelo Gil, diretora desse jornal, utilizava esses desenhos soltos para ilustrar novelas escritas de propósito pelos seus colaboradores, inspiradas nas cenas explícitas nessas ilustrações. Por sua vez o jornal *Chicos* vendia para Portugal, para o Simões Müller, desenhos da Pili Blasco, irmã do Jesus Blasco, e de outros autores espanhóis que eram publicados no *Diabrete*. Certa vez num desses lotes, por distração, vieram juntos desenhos do Teixeira Coelho, já publicados n’*O Mosquito* e no *Chicos*. Na redação do *Diabrete* não se aperceberam que esses desenhos não eram espanhóis, e publicaram-nos. Claro que o Raul Correia e o Tiotónio reclamaram de imediato. Espantado, o Müller pediu imensa desculpa, pois não tinha reparado que eram desenhos do Teixeira Coelho. Era evidente que não lia *O Mosquito* e não o observava, como os diretores deste jornal faziam com todas as publicações concorrentes existentes na altura. Era preciso estar atento ao que se publicava à volta. Fazia parte da ética”.

“O *Cavaleiro Andante* foi criado para escoar uma quantidade enorme de papel que se acumulava nos armazéns da Empresa Nacional de Publicidade a que o *Diário de Notícias* pertencia. Este importava da Finlândia o papel em bobinas mas o seu tamanho na largura excedia a medida da rotativa. As bobinas eram serradas produzindo frações que se iam acumulando. Que fazer com tanto papel? José Gonçalves pensou num pequeno jornal infanto-juvenil onde aplicasse esse papel. Encomendou uma rotativa offset com esse formato e foi assim que o *Cavaleiro Andante* surgiu sujeito àquela medida. Portanto este jornal nasceu com o papel já pago e reunia todas as condições para dar certo. Nada se desperdiçava naquela empresa”.

“A capa do *Cavaleiro Andante* n° 220, a anunciar a história que se desenrolava no seu interior (‘Ubirajara’), publicada em 1956, na altura desaparecera da oficina. Este original apareceu recentemente num anúncio de uma galeria de Paris. Foi o meu amigo Leonardo de Sá quem descobriu. Em 1982, a Editorial Futura republicou essa história em livro e realizei uma pintura para a nova capa, mas mantendo a composição da que saíra no *Cavaleiro Andante*, embora com mais dinamismo. Mas, enquanto na

primeira versão a pontaria de Ubirajara para ferir o crocodilo foi num olho e numa axila, as partes mais vulneráveis deste animal, na segunda, por uma questão de sensibilidade, para não chocar os leitores, escolhi um intervalo na carapaça, entre espáduas, embora com menor probabilidade de êxito para ferir mortalmente o sáurio”.



“O Rodrigo, quando viu a última vinheta (da história de Gutenberg, publicada em *Cavaleiro Andante Especial*, em 1954), com o cavaleiro do século XV, sugeriu-me que fizesse uma história com as aventuras de um ‘cavaleiro andante’. Realmente fazia todo o sentido, seria um herói a corresponder ao título da revista. Mas pensei que isso seria tarefa para o Fernando Bento. No entanto, na redação nunca deram seguimento a essa ideia, e o Bento limitou-se a fazer só algumas capas com a figura alusiva ao título, para comemorar alguma data festiva”.

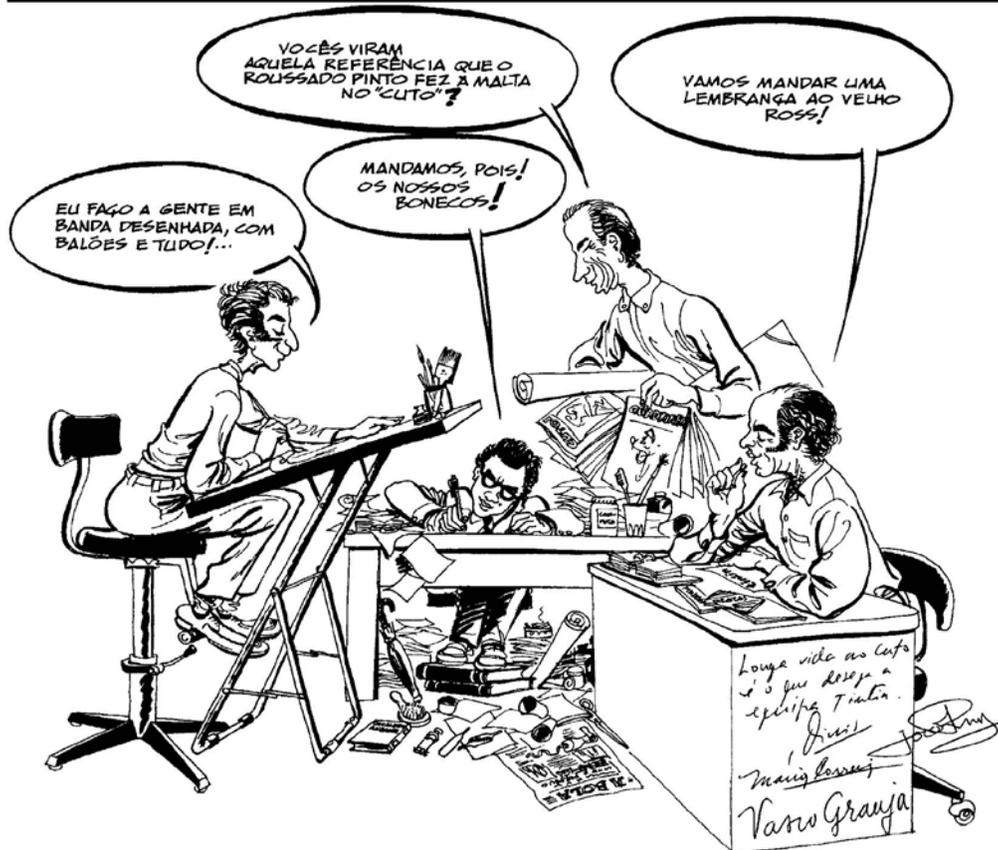


“As legendas eram todas desenhadas, como se havia convencionado internacionalmente que os textos da banda desenhada precisavam ser igualmente desenhados. Como eram muitas páginas a publicar semanalmente (na revista *Tintin*) e o Mário Correia, nessa altura já grande profissional de ‘rotulação’ e funcionário da casa, não podia sozinho dar vazão, foi necessário criar uma equipa. Compunha-a o Mário Correia, o Teixeira Abreu, orientador gráfico da Íbis, o Luís Nazaré, funcionário da Bertrand, o Strompa, nessa altura montador de offset nas oficinas da Bertrand, e eu. Eu era o mais fraco a legendar. Foi necessário que acertássemos o desenho da letra de modo a que não se notasse diferença de umas páginas para outras. Todos tínhamos de trabalhar na mesma dimensão, o mesmo recorte e a mesma espessura da letra. Fomos obrigados a um treino intenso e tomando por padrão o tipo de letra usado pelos franco-belgas. Entretanto a editora decidiu também publicar álbuns com as histórias completas em paralelo com a revista, e as respectivas rotulações tinham de ser executadas. Levávamos para casa um desses álbuns de 44 páginas à sexta-feira

para entregarmos tudo pronto após o fim-de-semana. Dividíamos então as páginas pelos cinco e não poderia haver diferença significativa na escrita. As legendas eram executadas sobre papel vegetal, com canetas Rotring carregadas a tinta-da-china para ficar mais preta, sobre as páginas originais francesas ou belgas e tinham que caber nos espaços de origem, pois não havia hipótese de se mexer nos balões ou nos desenhos. A caneta Rotring funcionava com uma tinta própria, mais diluída para poder escoar-se nos seus tubos finíssimos, porém, para conseguirmos uma maior opacidade no traço, carregávamo-las com tinta-da-china, o que entupia os tubos, obrigando a frequentes lavagens e perda de tempo. Mas tinha que ser assim... Esses vegetais eram montados sobre os fotolitos do desenho a preto cedidos pelas editoras estrangeiras e gravados nas chapas offset para a edição em português. Se a tinta não ficasse bem negra, falhava na passagem à chapa. Também não se admitiam rasuras, e se nos enganássemos, tínhamos de reiniciar tudo nessa página, pois qualquer raspagem, corte e colagem ficaria marcado sobre o desenho original. Era verdadeiramente um trabalho sem rede que exigia ficar pronto à altura. O fato é que criávamos uma homogeneidade tal, que por vezes não sabíamos definir quais páginas que tinham sido legendadas por nós próprios”.

“Quando o *Jornal do Cuto* dirigido pelo Roussado Pinto, com quem todos nós havíamos já trabalhado, fez um ano de publicação, resolvemos fazer-lhe uma surpresa. E ele retribuiu publicando-a nas suas páginas (*Jornal do Cuto* nº 52, de 28 de junho de 1972)”.

"JORNAL DO CUTO" RECEBE A VISITA DA EQUIPA "TINTIN"



Redação da revista *Tintin*: José Ruy, Mário Correia, Vasco Granja e Dinis Machado

“Resisti muito ao computador porque tirava postos de trabalho. Mas depois rendi-me. O trabalho sai melhor. Logo a mim, que até ainda continuava a usar uma máquina de escrever Hermes Baby, que era do meu pai. Mas a verdade é que, de cada vez que me engana, tinha de rasurar. (Depois do esboço a carvão no papel, passa-se a tinta da china e os originais são digitalizados). O computador permite-me ainda ampliar os desenhos e fazer retoques ou detetar imperfeições que nos escapam no papel e que na gráfica nunca corrigem, porque eles naturalmente têm medo de mexer no desenho. (Finalmente chega a parte de colorir, que antes era feita com aquarela)”.

“Por outro lado, como faço muitas sessões em escolas, também me facilitou a vida nas apresentações: antes levava as fases do meu trabalho em diapositivos, hoje levo tudo em PowerPoint”.

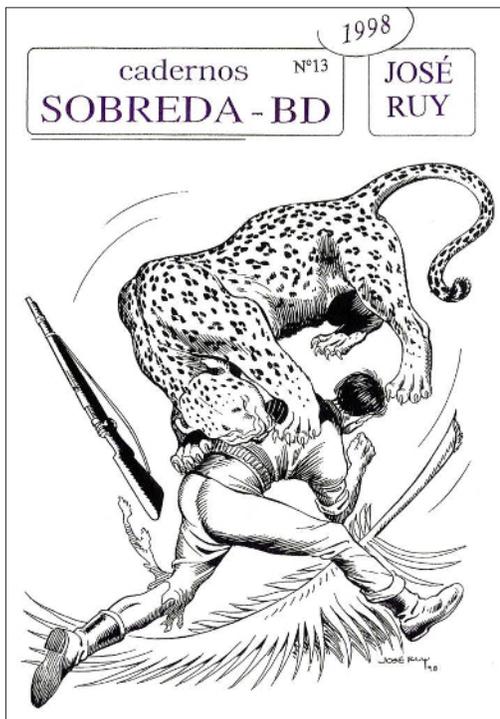
“Este esquema (de histórias de 30 páginas) surgiu-me nos anos 1980 quando trabalhava na editora Asa e o seu responsável, Américo Augusto Areal, me pediu uma opinião técnica sobre uma situação crítica: a matéria prima subira em flecha e ele seria forçado a aumentar o preço de capa dos livros de Quadrinhos. Mas achava que as vendas se iriam ressentir, pois a crise na altura afetava todos. Foi quando lhe sugeri reduzir os custos da edição para poder manter os preços de capa, sem prejuízo do conteúdo. Usávamos o esquema franco-belga, 48 páginas de papel, 44 de desenho e assim alargávamo-nos fazendo grandes desenhos a contar a história. Ora se condensássemos a narrativa em 30 páginas, contaríamos o mesmo, mas em desenhos mais reduzidos e poupava-se no papel, nos fotólitos das seleções fotográficas, que ainda se usavam na altura, e na impressão. O caso é que o esquema resultou e pegou; os meus colegas da Asa passaram a usá-lo, e eu continuei a mantê-lo até hoje”.

“Efetivamente hoje em dia deixámos de ter um “editor” com as características que eu lhe conheci até aos anos 1990. O empresário analisava com cuidado o original que lhe apresentávamos e se gostava, arriscava a edição. Até dava ao autor um avanço sobre as futuras vendas. Hoje os editores (raras exceções) avançam com a edição se tiverem previamente a garantia da cobertura da despesa de produção, e nem precisam ler o original, porque desde que o negócio resulte deixa de interessar o assunto que é publicado. Portanto as edições, ou têm entidades que garantem a aquisição de exemplares de modo a salvar a despesa, ou o autor cobre antecipadamente esse custo com direito a ficar com uns tantos livros que procurará ‘vender’”.

“Os apoios da parte de entidades, que adquirem uma parte da tiragem, são cada vez mais difíceis, não tanto por causa da ‘crise’, que serve de desculpa para muitas atitudes, mas por falta de visão e sensibilidade cultural de quem toma as decisões nesse campo. Os meus trabalhos com esses

apoios nunca são edição de autarquias ou outras entidades, são publicados por editores que vendem da sua tiragem os exemplares estabelecidos a essas entidades, para as suas bibliotecas, mas depois a editora distribui por todo o país. Tenho colegas que contactam diretamente para a entidade, e a edição fica cativa apenas naquela região, sem distribuição para fora do Concelho. Ganham mais, mas a sua obra acaba por perder-se. Tenho assistido a casos concretos em que os exemplares depois de terem sido entregues a bibliotecas e escolas, foram guardados em armazéns e em dada altura, para ganhar espaço, os pacotes foram para o contentor do lixo. Pura e simplesmente”.

“Acho ser indispensável acarinhar as edições de poucos exemplares, pois por vezes os autores não conseguem meios para difundir o seu trabalho como gostariam. Os ‘grandes’ editores menosprezam uma tiragem reduzida, e temos exemplos em Portugal de revistas desta área, embora com as despesas de produção cobertas e com algum lucro, serem ‘abatidas’ por não merecer a pena editá-las por tão pouco. É um erro. Também alguns autores acham que o seu trabalho publicado num fanzine, mesmo vendendo duas dezenas de exemplares, lhe deve ser pago; e às vezes impõem uma tabela alta. Em Portugal, o Eduardo Teixeira Coelho compreendeu bem a importância dessas publicações, cedendo graciosamente ao nosso Manuel Caldas as suas histórias das ‘Mouras Encantadas’, publicadas em *O Mosquito*. Eu próprio tenho cedido esses direitos para fanzines, ou faço novos trabalhos, graciosamente. Já agora uma informação: no nosso país há um editor especializado em fanzines, o Geraldês Lino, que edita presentemente uns fanzines gigantes, com histórias inéditas feitas por encomenda, e com quem colaboramos, eu e os meus colegas, com todo o prazer”.



À direita, página de José Ruy para *Efeméride* n° 6 (2015),
fanzine editado por Geraldino Lino

“Podem dizer que as vinhetas das histórias em quadrinhos são ilustrações. Naturalmente que podemos considerar aplicar esse termo a cada um dos quadrinhos de uma narrativa gráfica, mas há uma diferença. Na minha aprendizagem não me foi explicado o que difere uma vinheta em relação a uma ilustração. Descobri isso observando, desde miúdo, primeiro a obra de ETCoelho no início da sua colaboração no jornal *O Mosquito*. A ilustração conta um pedaço de uma história correspondendo rigorosamente ao texto de uma novela. Essas ilustrações precisam de mostrar não só o que se passa na cena escolhida, mas também pormenores do que é descrito entre imagens. Uma vinheta conta na sua sequência o desenvolvimento de um texto que é explicado em cada um desses desenhos. Cada desenho não é autónomo, precisa dos seguintes para contar a aventura e inclui o texto no seu próprio espaço. Naturalmente que a técnica da narrativa gráfica,

quando bem feita, resulta em conseguir que o leitor entenda o que se passa vendo só as vinhetas, sem precisar do texto, e este funciona depois como complemento de pormenor do argumento”.

“Entendo que ao ilustrarmos um texto que descreve uma ideia ou um estado de espírito, não devemos impor o nosso estilo, como querendo manter ‘a nossa marca’, mas adaptarmo-nos ao sentimento de quem escreve. Ao contrário das histórias em quadrinhos, pois, aí sim, podemos executar os desenhos com a nossa técnica, seja qual for a intenção do argumentista”.

“Também temos que ter em conta uma coisa importante, a reunião de detalhes na ilustração pode funcionar para quem a vê antes da leitura, e num jornal isso acontece sempre, despertar a curiosidade em saber a razão dos acontecimentos ali mostrados graficamente. No fundo, um incentivo à leitura e não substituir esta”.

“Em Portugal havia essa lacuna (trabalhos enfocando a vida de escritores), pois mesmo os que escreveram ou escrevem os argumentos de HQ eram e são esquecidos nas Exposições e Festivais. Na década de 1990 iniciei a divulgação em HQ da história de cidades, de pessoas célebres incluindo escritores, e fui muito criticado na altura, pois os ‘especialistas’ achavam que as HQs deviam funcionar só com ficção. Tenho por exemplo a vida de João de Deus, também conhecido no Brasil, grande poeta e pedagogo. Ele escrevia em verso. Para distinguir os argumentistas de HQ, comecei a realizar palestras, em que se liam excertos dos textos com a sincronização das imagens correspondentes”.

“A busca das origens das Histórias em Quadrinhos. Se rebuscarmos mais para trás iremos até às pinturas rupestres que contam histórias, também com desenho contornado e colorido depois. Tudo teria começado por aí. Depois os papyrus com a história do livro dos Mortos, 1.500 anos antes da era cristã, no Egito, ou as tapeçarias de Bayeux em 1070 na nossa era. Mas entretanto temos a história contada numa página, no século XIV, com a vida de Raymond Lulle, de autoria de Jeanne de Navarre, esposa do tenebroso Felipe IV, o Belo, rei da França. O que quer dizer que esse tipo de narrativa

gráfica vem de longe e irá muito longe, espero. Os Quadrinhos fazem parte da História do Mundo, pois neles está contada a sua própria História”.

“(Dos jornais de banda desenhada) passou-se para o livro de BD, o que é mau para os autores. Nos jornais havia sempre os colaboradores de maior gabarito, os estrangeiros e, claro, os iniciados, como eu também comecei por ser. As pessoas compravam pelos grandes ou pelos que gostavam, mas ao mesmo tempo iam ficando a conhecer os novos. O livro já não é assim. Se não se gosta ou não se conhece, não se compra. Até porque é um investimento muito mais caro do que era um jornal”.

“Em Portugal, com a extinção das revistas e jornais da especialidade, o novo modelo do livro com histórias completas veio quartar o lançamento de muitos jovens, pois devido à sua natural insipiente formação, os editores não arriscam na sua publicação. Os anos de 1980 foram os nossos ‘anos de ouro’, com tiragens de 10.000 exemplares, com reedições. Conforme os temas, claro. Depois o digital veio dar a machada final. Mas o curioso é que temos muitas editoras de quadrinhos ativas, naturalmente produzindo tiragens reduzidas, e algumas de grande qualidade para um público selecionado. Com este panorama, o ‘profissionalismo’ nesta arte restringiu-se ao trabalho por amor, e recorrer a outra profissão para sobreviver. Temos edições portuguesas de grande qualidade no nosso mercado, de origem estrangeira mas também nacional, e nem se fala em tiragens. O curioso é que continuam a fazer-se Festivais de HQ importantes, aparecem muitos autores da velha guarda e bastantes jovens, várias editoras, muitas edições e bastante público”.

“Falando em processos e materiais diferentes, experimentei pelos anos de 2001, mas que utilizo pontualmente ainda hoje, o que mostro a seguir. Sobre um papel macio, traço o desenho com uma esferográfica seca ou um punção de escrever na tela encerada do stencil que era usado nos duplicadores, com uma bolinha no bico. O que desenhamos não fere o papel, mas deixa um vinco em profundidade. Depois passo um lápis pastel a rasar a superfície, e o desenho aparece a branco, como se fosse aberto na cor”.



“À medida que vou fazendo coisas novas, tenho a sensação de que ficam melhores do que as anteriores. Mas olhando para trás, por vezes tenho receio de que se dê o contrário. Se eu tivesse a verdadeira consciência do nível gráfico dos meus desenhos, desistia de desenhar. Isso não acontece porque tenho sempre a esperança de conseguir fazer melhor.”

“Sobre as diferenças entre as HQs adaptadas para o Cinema, é que o leitor idealiza à sua maneira o comportamento das personagens e depois acha que não correspondem de uma maneira geral ao que aparece no grande ou pequeno ecrã. Um amigo meu contou-me que ouviu um comentário de um leitor do Tintin, desgostoso com o filme feito com atores verdadeiros. E dizia que a voz do Capitão Haddock não era aquela. As HQs têm essa particularidade, de cada um absorver as histórias conforme a sua sensibilidade e entrosá-las no seu imaginário”.

“Eu tenho uma opinião muito pessoal sobre os mercados, que vale só por isso. Trabalhei numa grande editora, a Asa, no seu melhor período, nos anos 1980, que controlava o êxito das suas edições. Estávamos também nos anos de ‘crise’. Nessa altura a editora mantinha o lugar primeiro, em Portugal, do livro didático, que era obrigatório; um grande negócio abrangia também as livrarias e postos de venda. Dessa maneira a editora ‘exigia’ dos livreiros que dessem destaque aos seus livros sobre outras áreas como os Quadrinhos. Receando que se não o fizessem lhes negassem

a distribuição da parte rendosa da questão punham exemplares na mostra, com visibilidade, o que disparava o consumo, e recebiam ‘prêmios’ se alcançassem um número superior de vendas. E conseguiam vendas no mínimo de 5.000 exemplares, com várias reedições. O mercado era espetado e reagia. O diretor era de opinião de que primeiro se devia criar a oferta para que o público aderisse depois. E funcionava”.

“Este tipo de trabalho manual (as Construções de Armar) fez furor até 1980, inserido nos jornais infantis da época desde os anos 1930. Era um processo de adestrar as mãozitas das crianças no uso da tesoura, fazer as dobras precisas na cartolina e a colagem subtil para construir casa, aviões, navios e tudo o que os desenhadores criavam. E tinham um aproveitamento didático. Em Portugal, nos anos 1980, bastante tempo depois de *O Mosquito* ter suspenso a publicação, o grande fazedor de construções António Velez comprou uma máquina de offset e imprimia as suas criações diretamente em cartolina e teve uma grande encomenda do Ministério da Educação para que esse trabalho fosse distribuir pelas escolas. Hoje as crianças ginasticam os dedos a clicar nos telemóveis e tabletes”.

“Importante o manter uma edição em papel conjunta com a digital. Aderi ao digital pois é o futuro, mas toda a minha vida profissional sempre funcionou a utilizar o papel, e não vejo estes dois processos como incompatíveis ou até inimigos. O cheiro da tinta no papel, o tato e o poder passar os dedos sobre as partes coloridas à mão pelo autor do fanzine... isso não o posso fazer no digital”.

“Sobre o nosso panorama editorial. Sobrevivem alguns independentes, a Âncora, a Gradiva, com grande esforço, e eu ajudo-os no que posso, editando, arranjando clientes, como Valdevez e o Corvo, ofereci o trabalho de recuperação de *Os Doze de Inglaterra*, de Eduardo Teixeira Coelho, um ano de trabalho, mas que me deu muito gozo. Tudo por amizade aos editores. Todas as edições que faço com apoio de aquisição de exemplares por parte de entidades, TODAS têm distribuição em todo o País, condição imposta por mim. Ganharei menos mas tenho o trabalho distribuído”.

Pequena fortuna crítica

Durante o período em que mantive correspondência com José Ruy, a partir de 2015, ele me presenteou com vários de seus álbuns mais recentes. Muitas vezes retribuí a gentileza fazendo alguma apreciação de seu trabalho. Transcrevo a seguir amostras dessas resenhas ou análises.

Sobre a coleção *Porto Bomvento*

José Ruy começou “As Aventuras de Porto Bomvento” com um álbum pelo Editorial Notícias em 1987 e depois, entre 1989 e 1992, publicou mais 7 volumes pela editora ASA. Em 2005, a ASA reuniu as 8 aventuras em dois volumes, com tamanho um pouco menor, mas com ótima impressão. Porto Bomvento, personagem fictício, começa suas aventuras por episódios históricos das navegações a partir de 1480 e vai até 1523, indo aonde os portugueses foram, Cabo da Boa Esperança, Lavrador, Cataio, Austrália, e até passando pelo Brasil em 1494, seis anos antes de Cabral.

Sobre o álbum *Amarante*

Recebi seu belo álbum, *Amarante – A Heróica Defesa da Ponte*. Belíssimo trabalho, dá gosto ler uma história bem feita, numa edição bem cuidada, capa dura, ótima impressão, tudo ajudando à melhor leitura. E os parabéns são extensivos à Âncora, que tem mantido essa coleção de relatos da História de Portugal em forma de Quadrinhos.

Sobre o álbum *Leonardo Coimbra e os Livros Infinitos*

Imagino que o ponto a que se referiu em relação ao argumento seja a licença de colocar os Leonardos adulto e criança dialogando. Confesso que

sou meio cuidadoso em relação ao uso de certos recursos em obras de ficção em geral e nas HQs em especial, como, por exemplo, a metalinguagem. Mas não sou contrário ao seu uso. Acho apenas que depende da circunstância. Na última HQ que fiz, de maior volume, totalizando 200 páginas, quis que, embora com traço semicaricatural, o ambiente fosse do maior realismo possível. Assim, eu, como narrador, não me permiti ao menos usar balões de pensamento, pois eu não poderia saber como pensa uma pessoa. Apenas poderia saber o que falaram e como agiram. Ou seja, eu me coloquei como alguém que tivesse presenciado uma história (ou em partes ouvido sobre ela) e me dispusesse a contá-la. Assim, só poderia retratar aquilo que pude saber a respeito do episódio. É uma solução narrativa meio radical, mas a intenção é salientar o aspecto “real” da história, como se fosse algo que tivesse realmente acontecido e eu estivesse apenas narrando.

Mas essa é apenas uma opção narrativa que me agrada, não significa que eu não aprecie outras opções. Acho que ficou muito interessante no seu trabalho os diálogos, principalmente pelo menino já saber os fatos que ocorreriam em sua vida, e a coerência entre as duas versões, como se Leonardo já estivesse “pronto” desde criança.

A passagem que trata do primeiro discurso de Leonardo, ainda muito jovem, é particularmente emocionante. Lembrou-me um livro inédito que li, escrito por um conterrâneo relatando sua vida no seminário.

A falta de uma sequência cronológica nos fatos ocorridos na vida de Leonardo, imagino que tenha sido também opção sua, há esse vai e vem nas lembranças do menino e do homem, e isso num primeiro momento me confundiu, mas acho que é, sim, uma boa solução, pois torna o relato mais informal, coerente com a licença de colocar juntos presente e passado.

Há vários outros aspectos que poderia mencionar, mas um que fica claro é que o personagem é bem maior dos que as 30 páginas que lhe foram dedicadas. Você foi bem conciso na apresentação das passagens da vida de Leonardo, mas certamente haveria muito mais a ser narrado.

Mais uma vez, parabéns pelo belíssimo álbum que produziu.

Sobre o álbum *Nicolau Coelho*

Note que eu entendo perfeitamente que há uma limitação de páginas para fazer o álbum, como você bem explicou anteriormente, e que em Portugal se estabilizou nas 30 páginas. No meu entender, é um bom número de páginas. Eu mesmo sempre fui muito sintético, a maioria de minhas histórias não passava de meia dúzia de páginas. E acho que é possível fazer um bom trabalho com essa limitação. O Will Eisner fez centenas de histórias memoráveis de *Spirit* com 7 páginas cada. As centenas de histórias de terror da editora EC na década de 1950 tinham 6 a 8 páginas. Mas no caso de *Nicolau Coelho*, a História (com H maiúsculo) é muito vasta. Então a leitura de apenas 30 páginas parece insuficiente. A gente fica querendo saber mais detalhes da vida e feitos dos personagens todos. Claro que há bibliografia a respeito, bastaria o leitor tentar adquiri-las. E hoje a internet promete todo tipo de informação. Mas, repito, fica a vontade de ter uma história como essa desenvolvida em várias dezenas de páginas.

Em relação à história, muito esclarecedora a forma crua que foi contada, com os atritos e as traições dos vários povos com quem os portugueses tentavam fazer comércio, e mesmo da parte dos portugueses, os blefes, os ataques a outras navegações, a forma nem sempre ética de resolver os problemas. Muito bom esse enfoque, em contraste com uma tendência de sempre pintar com cores suaves os feitos dos heróis nacionais.

Quanto aos dois anões, embora eu siga um pouco as notícias da Banda Desenhada Portuguesa, não fiquei sabendo na época os problemas que imagino que você tenha tido com os dois críticos caricaturizados. Imagino também que a licença narrativa que você tomou em colocá-los no meio da história seja porque o Nicolau Coelho também não era uma figura muito confiável, a julgar por algumas passagens do álbum. Ficou interessante e no final você não se furtou em deixar clara sua opinião sobre as duas figuras. Consigo imaginar quem sejam os dois, pois já vi os nomes em textos e notícias, mas não são pessoas com quem eu já tenha tido contato.

Sobre o álbum *Histórias de Valdevez*

O trabalho está ótimo, ficou interessante a divisão em duas épocas diferentes, com enfoques bem distintos. Na primeira, a luta pela consolidação do país, com todas as estratégias, as traições, as espertezas; e na segunda, os fatos corriqueiros que não podem ser resolvidos pela falta de uma legislação clara. São aspectos históricos que passam batidos nos livros oficiais.

Sobre o álbum *Carolina Beatriz Ângelo*

Uma edição elogiável sob todos os aspectos. Primeiramente, sob o aspecto editorial, a Âncora continua fazendo um trabalho excelente com sua coleção de álbuns com temas e autores portugueses. O livro é muito bem feito, ótima impressão, encadernação bem feita com capa dura, até as folhas de guarda foram muito bem imaginadas com recortes de jornais de época. Imagine, folhas de guarda também serem fontes de leitura! E, por fim, a fórmula de 30 páginas de HQ se mantém acertada.

Seu trabalho mantém o ótimo nível artístico e me parece que você tem sabido cada vez mais usar de modo acertado os recursos computacionais. Um detalhe que chamou a atenção foi a utilização de papéis de parede nos cenários internos. Mas feito com parcimônia de modo a enriquecer a cena. O uso das cores, suaves e agradáveis, é quase um alívio em comparação com a maioria das edições feitas atualmente com colorido feito a computador. Também o letreiramento, em que você usa como fonte sua própria letra, pessoal e agradável. É outra praga que infesta as edições atuais, o uso de letras desagradáveis à leitura.

E, por fim, mas não menos importante, a escolha do tema da história. A vida de Carolina Beatriz Ângelo realmente mereceu a adaptação em álbum de BD. A forma que você usou para a narrativa, não linear, foi acertada. O início, em que a médica, mulher, vota pela primeira vez em Portugal, deu o tom da história e da vida da protagonista. Uma vida breve, infelizmente.

*Sobre o álbum **O Heroísmo de uma Vitória***

Você conseguiu mais uma vez produzir um belo trabalho. O tema da História foi muito bem escolhido. Aparentemente um episódio secundário, que teria relevância apenas para a população local, mas que definiu o destino de todo o país. O desenvolvimento da narrativa também é elogiável, intercalando os acontecimentos das altas esferas, as batalhas, os acordos, as alianças, com o dia-a-dia dos soldados e camponeses.

E com duas histórias dentro da História, os acontecimentos que antecederam o episódio, e a lembrança da Batalha de Salga. Tudo muito bom. Parabéns.

Lembro que você comentou sua solução de fazer os álbuns com menos páginas, cerca de 30, como este, e me parece uma solução acertada. Embora o tema permitisse o desenvolvimento em muito mais páginas, a condensação em três dezenas mostrou-se do tamanho certo. É uma leitura que se faz com prazer e interesse, além de cumprir um dos objetivos principais da obra, dar a conhecer um episódio de tal importância da História de Portugal. Novamente parabéns.

Depoimentos sobre José Ruy

António Dias de Deus

“No nosso tempo e no nosso país, José Ruy merece, mais do que qualquer outro, o título de artesão da BD, pelo apego e experimentação com que se agarrou à técnica das artes gráficas, com um engenho só comparável ao dos grafistas dos finais do século XIX”.

Sobre a história “O Tigre – Uma Caçada na Selva”, publicada em *O Papagaio* nº 508 em 5 de janeiro de 1945: “O artista tinha apenas 14 anos, mas demonstrava já uma apurada composição, boa escolha de cores e bom estudo da fisiologia dos animais – predicados que viriam a qualificar toda a sua obra ulterior”.

“José Ruy é um artista experimentado e experiente, ótimo conversador, bom conferencista, excelente memorialista dos quase setenta anos em que entrou no convívio dos nossos melhores argumentistas, desenhadores e editores, que recorda efusivamente como ninguém. Fala da técnica litográfica com a competência de quem sempre a praticou. É um professor sem o título”.

Joaquim Moreira Raposo

“José Ruy tem uma vida profissional rica, cheia de obras que marcaram época. A aventura de *O Mosquito* deixa-o ligado a um dos mais significativos e importantes empreendimentos da BD de todos os tempos, em Portugal e, ainda, da Amadora”.

“A qualidade do desenho e da cor, particularmente no que se refere ao mundo animal, são as marcas singulares deste grande artista”.

“Este livro de José Ruy, nosso querido amigo, amadorensense insigne, é um poema escrito, desenhado, ilustrado, colorido e uma homenagem maior à

nossa cidade, ao Município da Amadora. O artista é um dos pioneiros da BD em Portugal e sempre apostou, com o seu empenhamento, energia e talento, no engrandecimento do Festival Internacional da BD. Nunca lhe faltou com o seu apoio”.

Leonardo de Sá

“Incansável e constante, a reputação impecável de José Ruy fez que fosse várias vezes convidado para realizar este ou aquele projeto. Não admira a quantidade de produção em álbum dos últimos anos. Multiplamente premiado, com variadíssimas exposições no seu ativo, tem ainda mantido uma intensa atividade de divulgação da banda desenhada, com artigos sobre o tema (nomeadamente no suplemento ‘Recordar O Mosquito’, da revista *Carácter – Artes Gráficas*), muitas conferências e outros encontros sobretudo junto de escolas, bibliotecas e museu em todo o país”.

“Os croquis que realizou, com tanta pena e alegria, serviram sempre para as suas histórias e ilustrações, mais tarde ou mais cedo. Mas raramente executou um estudo pensando diretamente na sua aplicação. Por vezes, passaram-se mesmo anos antes que servissem de referência para um desenho acabado. O propósito de José Ruy era e continua a ser o exercício puro: ‘Cada um desses desenhos tem em si uma história, um episódio alegre ou triste. São reflexos de memórias, instantâneos de vida fixados no papel”.

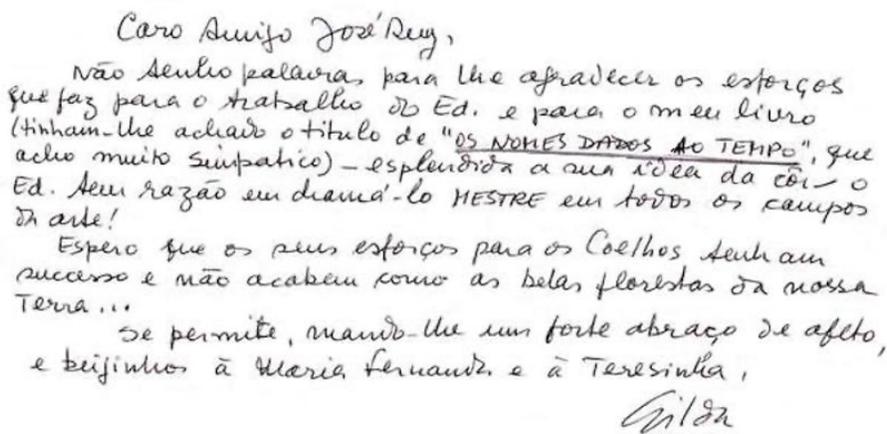
“Para melhor esquematizar a ação das suas histórias, começou a construir peças em 3 dimensões a fim de estudar o espaço e a colocação das personagens – o interior de uma casa, o aspecto de um castelo, um navio ou um castro”.

Eduardo Nascimento

“José Ruy percorre desde há muito tempo as escolas de todo o país, contando histórias, suas, dos seus livros de como se faz, e da BD, de olhar atento ao amor e à amizade, tendo já comunicado com milhares de meninos que, de olhos esbugalhados, adoradores dos livros aos quadradinhos

transmitindo através da imagem os sonhos muitas vezes camuflados noutros livros; na ajuda da matéria, em todas as disciplinas que ficam melhor retidas na memória. É nessa transposição que José Ruy, de céu aberto nos faz debruçar, na época dos computadores, na rapidez tecnológica sobre o mundo da imagem transmitindo-nos numa coragem de sonho em constante transmutação. O seu trabalho é erigido numa paciência de monge, pesquisa de várias décadas, numa dedicação de fazer nascer sonho das letras silenciosas, com ruído de fundo, para o movimento da forma e da cor”.

Gilda, esposa de Eduardo Teixeira Coelho



Caro Amigo José Ruy,
Não sei qual palavra para lhe agradecer os esforços que faz para o trabalho do Ed. e para o meu livro (tinham-me achado o título de "OS NOMES DADOS AO TEMPO", que acho muito simpático) – esplêndida a sua ideia da cor – o Ed. tem razão em chamá-lo MESTRE em todos os campos da arte!
Espero que os meus esforços para os Coelhos tenham sucesso e não acabem como as belas florestas da nossa Terra...
Se permite, mando-lhe um forte abraço de afeto, e beijinhos à Maria Fernanda, e à Teresinha,
Gilda

Guilherme d'Oliveira Martins

“Não esquecerei a memorável sessão que animou no Centro Nacional de Cultura sobre a sua experiência, designadamente recordando o tempo em que o ilustrador era obrigado a trabalhar diretamente na matriz das gravuras para acertos de última hora e para garantir a melhor legibilidade das pranchas e a qualidade das publicações. Então, até a escolha da cor da capa pelo artista era importante para mobilizar os leitores e o público, aguçando-lhes a curiosidade e o interesse. Desenhador, autor e artífice, José Ruy faz-nos reviver os seus heróis através de uma encenação primorosa, pelo traço seguro e pela cor vibrante, capazes de nos atrair em nome de um humanismo vivo”.

Paulo Monteiro

“José Ruy começou a fazer BD aos 14 anos e nunca mais parou. Nas diversas dimensões de sua extensa obra, o que sobressai sempre é um grande sentido de humanidade”.

“(A influência de José Ruy nos autores mais novos se devia sobretudo) ao seu amor transbordante pela BD, ao qual era impossível ficar-se indiferente”.

Bruno Porto

“José Ruy afirmava que o que caracteriza as Histórias em Quadrinhos de um país eram os temas abordados e, nesse sentido, sua produção esmerou-se em oferecer o que os comics estrangeiros jamais poderiam fazê-lo com propriedade: a História de Portugal. Seu trabalho mais reeditado – atualmente na marca dos 84.000 exemplares vendidos – é a quadrinização do poema épico *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões”.

“Há dois trabalhos que acredito merecerem especial atenção. O primeiro é a série de oito álbuns produzidos entre 1987-1992 tendo como protagonista o navegador Porto Bomvento. Distante das personalidades históricas que José Ruy tão proliferaamente quadrinizou, Porto Bomvento é um personagem fictício, que apresenta ao leitor a chamada época dourada dos descobrimentos através do ponto de vista de um personagem secundário. Para estes álbuns, além do esmero nas pesquisas, José Ruy construiu a maquete de uma caravela para auxiliá-lo na visualização de diferentes ângulos. O segundo trabalho que acho notável é ‘As Aventuras de Quatro Lusitanos e uma Porca’ (1972), sátira política assumidamente inspirada em Astérix de Goscinny & Uderzo tanto no teor como no traço adotado, que criticava os desmandos do ditador nacionalista António de Oliveira Salazar. É preciso contextualizar que Portugal viveu 48 anos de ditadura entre 1926-1974, e havia forte censura aos meios de comunicação. José Ruy e o roteirista Paulo Madeira consideraram escrever o texto em inglês para fingir que era uma HQ importada. Mas medindo com muito cuidado

o subtexto implícito nos diálogos e tramas, a série passou despercebida pela censura durante os seis meses em que foi publicada semanalmente no jornal *A Capital*”.

Carlos Gonçalves

“Ele trabalhou sempre no que queria e gostava. Era um lutador e trabalhador em prol das HQs, com persistência e na procura da perfeição. Muitos dos dias em que procurou encontrar satisfação no seu trabalho, reflète também a sua vivência como ser humano que era, na contínua ajuda e conhecimentos que oferecia aos seus leitores e amigos”.

Geraldes Lino

“Para além da sua vasta obra, ninguém lhe contestará, igualmente, o profundo rigor gráfico, graças à permanente pesquisa que lhe permite evitar arreliaadores erros cronológicos, nomeadamente no que diz respeito ao vestuário, arquitectura (militar e urbana), armaduras, armamentos, embarcações de todos os tipos e épocas, milhentos objetos e utensílios”.

“A meticulosidade na constituição, a seriedade na recriação dos acontecimentos narrados, encontram em José Ruy um intérprete gráfico de particular sensibilidade e que, na Banda Desenhada, descobriu a forma ideal de se expressar artisticamente”.

Luiz Beira

“No passado dia 23 de novembro, mestre José Ruy deixou-nos fisicamente aumentando assim, e para nossa mágoa, a lista do esvaziamento da geração de ouro dos desenhistas portugueses. Tinha 92 anos e era o decano dos nossos tão admiráveis desenhistas. E um grande amigo também! Incansável e sempre extraordinariamente ativo, deixou uma grande tristeza em todos os que, ao longo do tempo, com ele privaram”.

“Muita obra de José Ruy ficou por se editar (mas irão saindo...), como *Lendas Japonesas* (em versão integral e segundo Wenceslau de Moraes),

Os Templários (inédito) e ainda, inédito e incompleto, *David Melgueiro* (o último navegador português)”.



Luiz Beira e José Ruy em 2016

Jorge Magalhães

“José Ruy é, de facto, um caso espantoso de longevidade e amor à arte da ilustração, com obra dispersa por inúmeros jornais, livros, revistas e álbuns. Ainda hoje a sua atividade se espalha por vários domínios, incluindo o de autor memorialista, em homenagem, sobretudo, à época de ouro da BD portuguesa, durante a qual aprofundou os seus conhecimentos e o seu virtuosismo artístico, cimentando as relações profissionais e os laços de amizade com outros nomes ilustres da 9ª Arte portuguesa, como E.T. Coelho, António Cardoso Lopes, Raul Correia, Roussado Pinto, Adolfo Simões Müller e muitos outros”.

“Um dos seus maiores títulos de glória é, sem dúvida, o de ser presenteemente o único autor de BD da época de *O Mosquito* que se mantém ainda em actividade, com uma produção vasta e assinalável, mesmo nos últimos anos”.

Referências

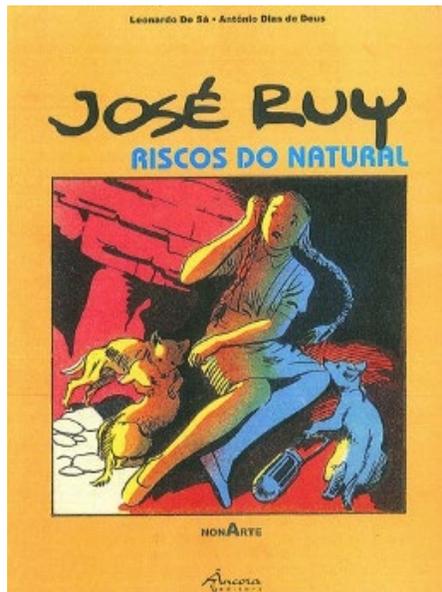
Foram consultados muitos textos biográficos sobre José Ruy, em jornais, revistas e livros, mas as principais fontes de consulta foram:

José Ruy – Riscos do Natural – Leonardo de Sá e António Dias de Deus – Âncora – 2001.

Séries de artigos de José Ruy publicados no blogue *BloguedeBD*, de Luiz Beira e Carlos Rico, de 2014 a 2022.

Séries de artigos publicados no blogue *O Voo do Mosquito*, de Jorge Magalhães.

Cartas de José Ruy publicadas no fanzine *QI* nºs 135 a 178, de 2015 a 2022.





Carlos Gonçalves, José Pires e José Ruy



José Ruy em seu estúdio

Edgard Guimarães

Quadrinhista e Editor Independente.

Editou as publicações: PSIU (1982, 1985 e 1990), PSIU Mudo (1988), Deus (1989), Eco Lógico (1991), Na Ponta da Língua (1992), O Escroteiro Entrevistado (1993, com Laudo), Rubens Lucchetti & Nico Rosso (1994), PSIU 13 Anos (1995), Desenquadro (1996), Fanzine (2000), Mundo Feliz (2002), Entendendo a Linguagem das HQs (2010), Três Centos de Cartuns (2010), Memória do Fanzine Brasileiro (2013), Rolando Duque (2014), cotidiano alterado (2014).

Lançou pela editora Marca de Fantasia: Tira-Teima (1995), Calvo (2003, com Luigi Rocco), Fanzine (2004), Algumas Leituras de Príncipe Valente (2005), O Que é História em Quadrinhos Brasileira (2005), Osvaldo (2005, com Antonio Eder), Ju & Jigá (2007), Top! Top! número 26 (2010), Estudos sobre Histórias em Quadrinhos (2010), Mundo Feliz (2011) e Poeta Vital (2021).

Participou das antologias: Saciedade dos Poetas Vivos (1995), Antologia Del’Secchi (1996, 1997, 1998 e 2000), As Histórias em Quadrinhos no Brasil – Teoria e Prática (1997), Antologia Scortecchi (1999), Humor Brasil 500 Anos (2000), 2001 – Uma Odisseia no Humor (2001), Humor pela Paz, (2002), Tiras de Letras (2003, 2004 e 2008), Fome de Ver Estrelas (2003), 20 Anos no Hiperespaço (2003), Isto é um Absurdo (2004), Vinte Voltas ao Redor do Sol (2005) e Histórias em Quadrinhos e Práticas Educativas (2013).

Recebeu o Prêmio Jayme Cortez entre 1993 e 2006, o Troféu Angelo Agostini entre 1995 e 2009, e a Medalha Angelo Agostini em 2002.

Edita desde 1993 o fanzine QI – Quadrinhos Independentes, atualmente no número 183. O fanzine trouxe os encartes: Reflexões sobre Histórias em Quadrinhos, Reflexões sobre Imagem e Cultura, Pequena Biblioteca de Histórias em Quadrinhos (4 números), Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos (3 números), Registro sobre Publicações de Quadrinhos, Artigos sobre Histórias em Quadrinhos (16 números), Mestres das Histórias em Quadrinhos (6 números), Voos n’O Tico-Tico (7 números), Brindes das Revistas da Ebal (4 números), Os Primeiros Super-Heróis do Mundo (6 números), Leitores e Mercado de Quadrinhos (3 números), HQ Além dos Balões (3 números), Editoras Brasileiras de Quadrinhos (2 números), Papos Tais, Imagens d’Epinal (2 números), Tintin em Portugal, e os álbuns Pecado (2005), Musashi (2008), O Mundinho dos Quadrinhos (2015), As Asas da Coragem (2017), Essas Incríveis Heroínas de Papel (2018), Retrospectiva (2018), HQ – Arte com Muita Oficina (2019), Shima no QI (2020), Buster (2021) e Drago, O Vampiro (2022).

Relançou a revista PSIU, no formato digital, a partir no número 4, em 2022.

A maior parte das publicações do autor encontram-se disponíveis em formato digital no sítio da editora Marca de Fantasia, em seção exclusiva (<https://www.marcadefantasia.com/ego.html>).





Letras desenhadas por José Ruy para início de capítulos dos livros
O Exército Imortal e *O Mercador da Aventura*.



Autorretrato

José Ruy – Uma Vida

Certamente é o autor português de Histórias em Quadrinhos com mais tempo dedicado a esta arte e com o maior número de publicações do gênero. Nascido em 1930, iniciou-se profissionalmente já aos 14 anos e manteve-se em atividade constante até o último suspiro, aos 92 anos, totalizando quase 80 anos de carreira e cerca de uma centena de álbuns exclusivos com seu trabalho.

Mais que uma vida.



TEGO

<https://www.marcadefantasia.com>